



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS FLORIANÓPOLIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Karinna Alves Cargnin

Trilhando experiências na jornada digital com o Núcleo de Pesquisa em Arte na
Educação/NUPAE

Florianópolis
2025

Karinna Alves Cargnin

Trilhando experiências na jornada digital com o Núcleo de Pesquisa em Arte na
Educação/NUPAE

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Federal de Santa
Catarina como requisito parcial para a obtenção do
título de Doutora em Educação.
Linha de pesquisa: Educação e Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Brandão Lapa

Florianópolis

2025

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Cargnin, Karinna Alves
Trilhando experiências na jornada digital com o Núcleo
de Pesquisa em Arte na Educação/NUPAE / Karinna Alves
Cargnin ; orientadora, Andrea Brandão Lapa, 2025.
167 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós
Graduação em Educação, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Educação. 2. Estudos/Culturas Digitais. 3. Divulgação
Científica. 4. NUPAE. I. Lapa, Andrea Brandão. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Educação. III. Título.

Karinna Alves Cargnin

Trilhando experiências na jornada digital com o Núcleo de Estudos em Arte da
Educação/NUPAE

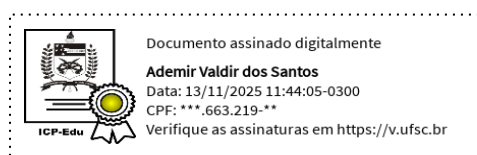
O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado, em 20 de
agosto de 2025, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Gilka Elvira Ponzi Girardello, Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

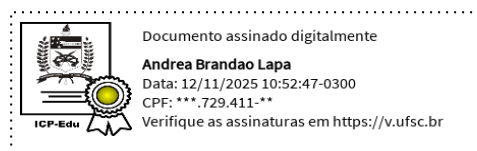
Prof.(a) Salete de Fatima Noro Cordeiro, Dr.(a)
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Prof.(a) Silvia Sell Duarte Pillotto, Dr.(a)
Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi
julgado aprovado para obtenção do título de Doutora em Educação.



Prof. Ademir Valdir dos Santos, Dr.
Coordenador do Programa de Pós-Graduação



Profa. Andrea Brandão Lapa, Dra.
Orientadora

Florianópolis, 2025.



*Para minha mãe, por me ensinar a ter coragem de agarrar a vida com
as mãos e a pisar forte no chão.*

*“O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente
aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e inda mais alegre ainda no meio
da tristeza! Só assim de repente, na horinha em que se quer, de propósito – por coragem. Será? Era
o que eu às vezes achava. Ao clarear do dia.”*

AGRADECIMENTOS

Sempre ao Tempo.

“Por seres tão inventivo

E pareceres contínuo

Tempo, tempo, tempo, tempo

És um dos deuses mais lindos

Tempo, tempo, tempo, tempo”

(Oração ao Tempo, Caetano Veloso)

Agradeço imensamente a todos que dedicaram um tempo precioso de sua vida, experiências, vivências para caminhar comigo neste percurso.

Ao sagrado, que com suas energias para o bem move o mundo.

À minha mãe (*in memoriam*) o seu amor e incansável incentivo que me fizeram chegar aqui e para sempre me acompanharão.

À minha família e amigos, por perdoarem minhas ausências e desassossegos e por acreditarem comigo que existem sonhos possíveis.

Aos meus amigos e parceiros de trabalho Danielle E. C. Cardoso, Juliana de Souza, Osni Lütke e Thais R. Martins, da Coordenação de Registros Acadêmicos do IFC *Campus* Araquari, o apoio e a compreensão, e à Profa. Dra. Greice Ane Barbieri o suporte.

À minha orientadora, Profa. Dra. Andrea Brandão Lapa, a paciência e generosidade ao aceitar caminhar comigo ao final do percurso e ao Prof. Dr. Rogério Santos Pereira, por me inquietar nesta pesquisa e me apresentar a Latour.

Aos companheiros de investigação que enfrentam esta jornada comigo em nosso Núcleo de Pesquisa, especialmente à Profa. Dra. Mirtes Antunes Locatelli Strappazzon e à Dra. Daniela Cristina Viana.

Às Profas. Dras. Silvia Sell Duarte Pillotto, Gilka Elvira Ponzi Girardello e Salete de Fátima Noro Cordeiro, por reforçarem esta pesquisa com seus olhares precisos, sensíveis e significativas contribuições,

Ao Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE), por provocar inquietações, acompanhar descobertas e apontar outras trajetórias, e também aos participantes voluntários para a pesquisa.

Ao grupo de pesquisa Mídia-Educação e Comunicação Educacional (COMUNIC), por me acolher e com quem estou aprendendo sobre cidadania, direitos humanos e cultura digital.

Ao investimento do Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior (FUMDES) do Estado de Santa Catarina e do Programa de Incentivo à Qualificação do Instituto Federal Catarinense (PIQIFC) o apoio financeiro.

Eu faço o que quero, ou seja, nada.
Eu sou o que me acontece, ou seja, tudo.
(Antoine Hennion)*

*Latour (2015)

RESUMO

A presente tese é vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e ao Grupo de Pesquisa COMUNIC, da UFSC. A construção do problema está baseada em mapear as experiências individuais e coletivas em torno das tecnologias (para além do uso como ferramenta de divulgação científica), enraizadas em fluxos e movimentos de informação e comunicação, de forma a integrarem as comunidades de práticas que abrangem o eixo de suporte para os grupos de pesquisa. Assim, o objetivo desta tese é empreender uma busca para identificar possíveis efeitos resultantes, verificados pelo grupo e por meio dele, relacionados ao uso das tecnologias digitais, examinando o viés em que as experiências suscitaram práticas, aprendizagens e processos criativos e de qual maneira se inserem no cotidiano dos participantes para, então, destacar o potencial das tecnologias como novos espaços de intervenção, de representação e de narrativas que ligam as práticas ao grupo. A fundamentação teórica está centralizada nos estudos dos(as) seguintes autores(as): Latour (2011, 2012, 2019) e Deleuze e Guattari (1995), no campo Filosófico e Metodológico; Beiguelman (2021) e Lapa e Pretto (2019), no campo dos Estudos Digitais; e Dewey (2010) e Santaella (2005, 2020, 2021), no campo da pesquisa em Arte e Educação e Estética e Comunicação. Para observar mais atentamente tais fenômenos, optamos pelos métodos cartográfico e etnográfico (Teoria Ator-Rede – ANT) combinados, visto que a abordagem e os recursos nesses métodos são mais flexíveis e processuais, pois têm uma dimensão participativa, em que as metas e os objetivos são móveis e se adaptam ao próprio processo de pesquisa, aliados ao acompanhamento dos comportamentos interpessoais, suas produções materiais e seus valores. A abordagem Cartográfica auxiliou-nos a atuar simultaneamente na atenção aos processos de produção do conhecimento e a estar entre a produção de subjetividades do grupo de pesquisa estudado. Já a abordagem da Teoria Ator-Rede (ANT) possibilitou-nos adotar uma perspectiva singular sobre as relações sociais, os sujeitos (que para essa teoria são atores ou actantes) e a sociedade, de modo a enfatizar as associações entre atores humanos e não humanos no tecido social, à medida em que se manifestam por meio de suas relações; admitindo que objetos, tecnologias e outros membros heterogêneos possam ter ação sobre a rede. Alguns dos efeitos resultantes desse processo de investigação sugerem que as ferramentas digitais estão inundando o cotidiano, tanto pessoal quanto profissional, dos(as) pesquisadores(as). Isso porque, ao utilizar a comunicação digital, eles atuam como mediadores entre o universo acadêmico e o público, ampliando o alcance e promovendo a circulação do conhecimento científico. De forma que, interagindo com o mundo por intermédio da divulgação científica em meios digitais, os grupos podem articular maneiras de tornar as pesquisas mais acessíveis e, valendo-se dessas ferramentas, ser mais democráticos e atuar no combate à desinformação com investigações confiáveis, baseadas em evidências e estudos autênticos. À vista disso, veremos que esta tese possibilitou identificarmos que a educação e a pesquisa, especialmente com a ocupação de ambientes *online*, estão cada vez mais interligadas por meio de grupos que se comunicam e contribuem de forma ampla, utilizando ferramentas digitais para propiciar o aprendizado, a troca de conhecimento e a produção acadêmica de maneira dinâmica e inclusiva.

Palavras-chave: Estudos/Culturas Digitais; Divulgação Científica; NUPAE.

ABSTRACT

This thesis is linked to the Graduate Program in Education at the Federal University of Santa Catarina (UFSC) and to the COMUNIC Research Group at UFSC. The research problem is grounded in mapping individual and collective experiences involving technologies—beyond their use as tools for scientific dissemination—rooted in flows and movements of information and communication, with the aim of integrating communities of practice that support research groups. The main objective of this study is to identify possible effects resulting from the use of digital technologies, as observed by and through the group, examining how these experiences have generated practices, learning processes, and creative developments, and how they are integrated into participants' daily lives. The research seeks to highlight the potential of technologies as new spaces for intervention, representation, and the creation of narratives that connect practices to the group. The theoretical foundation draws upon the works of Latour (2011, 2012, 2019) and Deleuze & Guattari (1995) in the philosophical and methodological fields; Beiguelman (2021) and Lapa & Pretto (2019) in the field of Digital Studies; and Dewey (2010) and Santaella (2005, 2020, 2021) in the fields of Art and Education, Aesthetics, and Communication. To examine these phenomena in greater depth, the research employed a combination of cartographic and ethnographic methods (Actor-Network Theory – ANT). These approaches are flexible and process-oriented, featuring a participatory dimension in which goals and objectives remain adaptable throughout the research process, along with the monitoring of interpersonal interactions, material productions, and shared values. The cartographic approach supported close attention to both the processes of knowledge production and the formation of subjectivities within the research group. The Actor-Network Theory (ANT) perspective provided a distinctive understanding of social relations, subjects (conceived as actors or actants), and society, emphasizing associations between human and non-human actors within the social fabric, and acknowledging that objects, technologies, and other heterogeneous entities exert agency within the network. Findings from this study suggest that digital tools increasingly permeate the personal and professional lives of researchers. Through digital communication, they act as mediators between academia and the public, expanding the reach and circulation of scientific knowledge. By engaging in scientific dissemination through digital media, research groups are able to make academic work more accessible and democratic, while countering misinformation with reliable, evidence-based, and authentic studies. In this context, the thesis demonstrates that education and research—particularly through engagement in online environments—are becoming increasingly interconnected through groups that communicate and collaborate widely, using digital tools to promote learning, knowledge exchange, and academic production in dynamic and inclusive ways.

Keywords: Digital Studies and Cultures; Scientific Dissemination; NUPAE.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Reunião do NUPAE.....	74
Figura 2 – Imagem da página do YouTube (In)Compleitudes	76
Figura 3 – Artigos	88
Figura 4 – Trabalhos completos e resumos em anais	88
Figura 5 – <i>Print</i> da página do Canal (In)Compleitudes.....	89
Figura 6 – <i>Print</i> do Caderno Virtual	90
Figura 7 – <i>Print</i> da página do NUPAE na <i>web</i>	93
Figura 8 – <i>Print</i> da página do NUPAE no Instagram	93
Figura 9 – Mostra (<i>banners</i>) "Pesquisas em Foco"	95
Figura 10 – <i>Print</i> do grupo de mensagens eletrônicas	96
Figura 11 – Reunião de grupo focal com o NUPAE.....	108

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Levantamento de dados DGPB	68
Quadro 2 – Levantamento de dados DGPB	68
Quadro 3 – Levantamento de dados DGPB	68
Quadro 4 – Levantamento de dados DGPB	68
Quadro 5 – Levantamento de dados DGPB	69
Quadro 6 – Levantamento de dados DGPB	69

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Questões de 1 a 4 (entrevista)	100
Gráfico 2 – Questões de 5 a 12 (entrevista)	102
Gráfico 3 – Questões de 13 a 20 (entrevista)	106

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dissertações	79
Tabela 2 – Teses	82
Tabela 3 – Livros	83
Tabela 4 – Capítulos de livros	84
Tabela 5 – Participantes das entrevistas	98

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO.....	19
2	INICIANDO O PERCURSO	21
2.1	MEUS E OUTROS CAMINHARES (SOBRE A METODOLOGIA)	26
2.2	UM QUARTO PARA A ETNOGRAFIA (ANT) E A CARTOGRAFIA.....	29
2.3	CAMINHOS DA PESQUISA.....	33
3	A CIÊNCIA DORME NA CAMA AO LADO	36
3.1	AS PAISAGENS DE UM TRILHAR TRANSDIGITAL.....	44
4	PERCORRENDO FERRAMENTAS OUTRAS PARA EXPERIENCIAR O ESPAÇO ENTRE A ARTE E A EDUCAÇÃO	53
4.1	ENCONTROS E DIÁLOGOS COM O CAMPO DE ESTUDOS EM ARTE EDUCAÇÃO E AS TECNOLOGIAS	59
4.2	O CAFÉ TAMBÉM PODE SER <i>ONLINE</i>	61
4.3	OS GRUPOS DE PESQUISA COMO COLETIVOS SOCIOTÉCNICOS.....	63
4.4	APRESENTAÇÃO DE GRUPO(S) DE PESQUISA E SUAS FERRAMENTAS <i>ONLINE</i>	65
5	DAS TRILHAS ACADÊMICAS – A REPRESENTATIVIDADE DO NUPAE	72
5.1	AS PRODUÇÕES	77
5.1.1	Dissertações, Teses, livros e capítulos de livros.....	78
5.1.2	Artigos, trabalhos completos e resumos em anais.....	87
5.1.3	Canal (In)Completo: <i>lives</i> e cadernos virtuais	89
5.1.4	Encontros, permanência e verticalização no ensino, pesquisa e extensão; eventos e parcerias	90
6	ESPAÇOS/TERRITÓRIOS, SOCIABILIDADES, ENSINO/EDUCAÇÃO E MÍDIAS SOCIAIS DIGITAIS.....	98
7	PARTINDO PARA TRILHAR OUTROS CAMINHOS.....	115

REFERÊNCIAS.....	120
ANEXO A.....	125
ANEXO B.....	128
ANEXO C.....	130
ANEXO D.....	131
ANEXO E.....	138
ANEXO F.....	140
ANEXO G.....	146
ANEXO H.....	154



1 APRESENTAÇÃO

As interações constantes entre diferentes pesquisadores conectam a produção do conhecimento científico. Os debates, estudos e diferentes correntes de pensamento contribuem para a formação de redes dinâmicas que avançam por meio de articulações e controvérsias para construir espaços colaborativos que favorecem o compartilhamento de olhares diversificados sobre determinado tema ou área.

O ambiente coletivo trazido pelos grupos de pesquisa apresenta pluralidade de leituras e perspectivas para as discussões, compartilhando engajamento e pertencimento para a formação humana e científica.

Esse espaço relacional, mesmo em suas interações cotidianas e corriqueiras, constitui um ambiente de acolhimento em que se consolidam associações e práticas que podem contribuir tanto para a ação coletiva no campo da educação quanto para a produção do conhecimento científico.

Latour (2012) propõe que a ciência acontece em ação, com a circulação de ideias entre atores que criam um campo de formação contínua e coletiva.

Para os sociólogos de associações, qualquer estudo de qualquer grupo por qualquer cientista integra aquilo que faz o grupo existir, durar, decair ou desaparecer. [...] Isso ocorre apenas porque estão lado a lado com aqueles que estudam, fazendo exatamente o mesmo trabalho e participando da mesma função de traçar vínculos sociais, embora com ferramentas diferentes e com diferentes vocações profissionais (Latour, 2012, p. 58).

Em continuidade podemos construir com Deleuze e Guattari (2010) uma visão sobre a ciência e os grupos de pesquisa que se volte para o devir, para os acontecimentos que valorizem a diferença, a multiplicidade e a potência da criação coletiva.

Dessa maneira, ao eleger um grupo de pesquisa como campo de estudo, como no caso desta tese o Núcleo de Pesquisa em Artes na Educação (NUPAE), procuramos evidenciar (de forma aberta, plural e descentralizada) o encontro de ideias e a formação de comunidades, em espaços colaborativos que favoreçam perspectivas e possibilidades diversas de investigação.

À vista disso, o objetivo da presente tese foi empreender uma busca para identificar possíveis efeitos resultantes, verificados pelo grupo e por meio dele, relacionados ao uso das tecnologias digitais, examinando o viés em que as experiências suscitarão práticas, aprendizagens e processos criativos e de qual

maneira se inserem no cotidiano dos participantes para, então, destacar o potencial das tecnologias como novos espaços de intervenção, de representação e de narrativas que ligam as práticas ao grupo. Para tal, considerou-se a seguinte pergunta de pesquisa: De que maneira o cotidiano e as experiências com/nas tecnologias dos/as pesquisadores/as integrantes em um grupo de pesquisa podem resultar em novos espaços de intervenção, de representação e de narrativas relacionadas às práticas do grupo?

Como orientação teórica utilizamos a Teoria Ator-Rede, apoiados também pelo método da Cartografia e autores da cultura digital: Beiguelman (2021), Castells (1999), Santaella (2005, 2020, 2021), Nicolaci-da-Costa (2002), Lapa e Pretto (2019), entre outros, complementados por vivências, coleta de dados e análises.

A abordagem qualitativa foi enquadrada principalmente como pesquisa participante. Como integrante e pesquisadora do grupo investigado, ao mesmo tempo em que compartilhei, observei práticas, apreendendo sutilezas que puderam nortear as atitudes e construindo relações que oportunizaram uma melhor compreensão da realidade e que influenciaram em algumas formulações.

Atribuir visibilidade para as comunidades de práticas formadas pelos grupos de pesquisa, com ações e ocupação de territórios mediados pela tecnologia, pode permitir ampliar, conectar e intensificar essas redes, constituindo outros modos de colaboração e alcance acadêmico de suas produções.

Os pesquisadores e seus grupos, juntamente com as ferramentas tecnológicas (reunidos em actantes humanos e não humanos), foram capazes de constituir um laboratório múltiplo e interativo distribuído em redes e interações que ressaltaram o acesso e a circulação do conhecimento científico. Sob essas perspectivas que abordaremos a tese a seguir.

2 INICIANDO O PERCURSO

*É sempre melhor começar do começo – e tudo que
você precisará fazer é seguir a Estrada dos Tijolos
Amarelos.*

(O mágico de Oz, 1939 – adaptado)

No presente estudo pretendemos investigar o avanço do uso de tecnologias digitais por um grupo de pesquisa, o que permitirá também identificar maneiras mais amplas de contato e interação com o público e a relação entre os integrantes, bem como o estímulo na criação de estratégias para fortalecer o diálogo entre a produção de conhecimento e a realidade em que está inserida.

Para iniciar o processo, empreendi uma revisão narrativa de literatura¹, que seria, em breves palavras, o levantamento de dados em uma abordagem flexível dentro de uma determinada área de sustentação da pesquisa. De natureza qualitativa, a revisão narrativa de literatura baseia-se na seleção, análise e interpretação crítica e contextual do(a) pesquisador(a), em busca do que já foi escrito sobre o tema e informações que o levem além e que suscitem questionamentos.

Portanto, utilizando como palavras-chave genéricas “grupos de pesquisa” e “educação”, nas bases de dados ERIC, Portal de Periódicos CAPES e SciELO, estabeleci verificar o resumo dos primeiros 20 documentos encontrados sobre o tema, para delimitar o recorte de análise com o tempo disponível para o empreendimento da tese.

Mas especialmente um dos artigos me chamou atenção, pois atendia à parte de minhas dúvidas iniciais que percorriam: Como abordar um grupo de pesquisa na área de educação como centro de estudos; as experiências e práticas de um grupo de pesquisa suscitam aprendizagens e processos criativos? Felizmente, o artigo de Mainardes (2022), intitulado “Grupos de pesquisa em educação como objeto de estudo”, ofereceu-me um ponto de partida importante, trazendo um apanhado de autores(as) e dados técnicos sobre o assunto.

O autor cita em sua argumentação o fato de grupos com mais alta *performance* em suas áreas serem constituídos por comunidades de práticas, uma

¹ Mais detalhes sobre o assunto podem ser pesquisados em Cavalcante e Oliveira (2020).

vez que se envolvem no exercício da ciência. Tornam-se o lugar no qual se dá a socialização dos cientistas, no sentido de valores e regras sociais, entre outros, sem que os direitos, privilégios e sensibilidades desses agentes sejam negligenciados.

Dessa forma, podemos inferir que, além de mobilizar o conhecimento científico, os grupos estruturam a forma como os(as) pesquisadores(as) se comportam e se apresentam para a sociedade.

Com tais questões emergindo e com algumas pistas realizei (como se fosse uma fotografia) um mapa dos habitantes do território de pesquisa que compartilham os mesmos termos-chave, no Diretório de Grupos de Pesquisa do Brasil do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (DGPB/CNPq). O DGPB/CNPq, criado em 1992, institucionalizou os grupos de pesquisa no Brasil, após a Resolução n.º 5 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) estabelecer as normas de funcionamento e credenciamento dos cursos de pós-graduação no Brasil, que incluiu, para tanto, a experiência de grupos nas linhas de pesquisa indicadas, o que contribuiu para a sua legitimação e de outras redes de pesquisa.

No entanto, nessa experiência de busca, tive algumas dificuldades com a plataforma oficial, pois percebi que ela não correspondia bem à busca de termos, posto que o grupo de pesquisa de que participo (Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação/NUPAE, que tem como foco estudos e pesquisas em arte na educação) não estava listado entre os resultados da busca para os termos arte, educação. Mesmo com os parâmetros abertos ou mais restritos, a busca acabou não conferindo a clareza e especificidade que estava esperando, respondendo com poucos resultados (cerca de 11 registros) ou com resultados parcialmente aleatórios (cerca de 190, dentro dos quais os termos estavam em parte citados esparsamente nas linhas de pesquisa informadas).

Enfim, essa busca me desassossebou profundamente porque, mesmo sendo pesquisadora da área, tenho dificuldades de encontrar informações e registros sobre esses grupos de pesquisa. Como eles são, então, encontrados pelo público em geral? Como suas ações são partilhadas com a sociedade de forma mais direta e explícita? Tais ações, de certa forma, podem nos levar a conhecer a função social desses grupos, seus processos de pesquisa e consolidar a sua articulação, a formação de redes e o intercâmbio na comunidade? E por que isso importa?

De acordo com Sánchez Gamboa (2011), até este momento sofremos com o desenvolvimento tardio da pesquisa nas universidades brasileiras. O autor comenta:

[...] Os primórdios da pesquisa se localizam em 1890 na Faculdade de Engenharia de Porto Alegre e no Instituto Agrônomo de Campinas. Em 1920 cria-se a Universidade de Rio de Janeiro, em 1934 a Universidade de São Paulo por aglomerado de faculdades, voltadas para o ensino profissionalizante, mas sem a pesquisa. Somente em 1968 por ocasião da Reforma da Universidade que se [criaram] condições para o desenvolvimento da pesquisa, mas restrita aos cursos de pós-graduação (pareceres 977/65 e 77/69 do CFE) (Sánchez Gamboa, 2011, p. 270).

Dessa maneira, a pesquisa na área de Educação inicia-se também de forma limitada. Sánchez Gamboa (2011) cita em sua investigação que a pesquisa na área é instaurada com a criação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Pedagógicas (INEP), em 1940, e começa a se desenvolver nas décadas de 50 e parte da década de 60 com a criação do Centro Brasileiro de Pesquisa Educacional (CBPE) e dos Centros Regionais de Pesquisa (CRPE).

Porém, somente no fim da década de 80, o modelo de áreas de concentração utilizado nas pós-graduações entra em desequilíbrio e vem à tona a organização dos programas em grupos e linhas de pesquisa, conferindo centralidade para a pesquisa propriamente dita, para a formação de núcleos e maior preocupação com a inter-relação entre as atividades de pesquisa, orientação e ensino, bem como a produção e a socialização do conhecimento científico.

Olhando historicamente a formação de grupos de pesquisa no formato como vemos hoje (ligados à linhas de pesquisa dos programas de pós-graduação), percebemos ser relativamente recentes, e os estudos estão crescendo conforme a integração entre orientadores(as), orientandos(as), pesquisadores(as) e outros se eleva em relação à formação de professores(as) e cientistas.

Esses grupos também ratificam a promoção de um ambiente de socialização da comunidade científica, transmitindo regras, valores, suporte emocional e intelectual para o desenvolvimento dos estudos, entre outros fatores, reforçando a própria identidade individual e coletiva.

Conforme apontado por Mainardes (2022), no contexto da pesquisa científica as comunidades de práticas permitem a exploração de estratégias e experiências dos grupos, funcionando como um ambiente de aprendizagem colaborativa, compartilhando atividades, recursos, repertórios, otimizando processos, o que, por conseguinte, aprimora e adapta o desenvolvimento profissional, de modo a contribuir

para a consolidação das relações entre os pesquisadores e o avanço do conhecimento em diversas áreas da Ciência e Tecnologia.

De fato, com o desenvolvimento dos argumentos do autor, podemos compreender que o intercâmbio e a disseminação de práticas, métodos e ideias assumem relevante importância nessas comunidades científicas quando têm capacidade de impulsionar uma abordagem mais integrada entre os(as) pesquisadores(as), os(as) participantes, o público envolvido e o desenvolvimento das teorias que embasam sua atuação.

Isso posto, expomos que a construção do problema desta tese está baseada em mapear as experiências individuais e coletivas em torno das tecnologias (para além do uso como ferramenta de divulgação científica), estando enraizadas em fluxos e movimentos de informação e comunicação, de forma a integrarem as comunidades de práticas que são o eixo de suporte para os grupos de pesquisa.

Assim, diante de tal contexto, a inquietação perpassou a discussão de formas comunicativas emergentes com a cultura digital que podem se apresentar como desafios e oportunidades para os grupos de pesquisa e para o público em geral e demais pesquisadores.

Consequentemente, este estudo levou-nos a explorar as experiências (fomento, divulgação e aprendizagens, com foco nas Artes e na Educação) construídas na relação do NUPAE com seus integrantes e o público, utilizando para isso o contexto das tecnologias digitais (páginas na internet, canais de plataformas de compartilhamento de vídeos *streaming* e redes sociais).

Neste ponto, cabe salientar que o grupo de pesquisa analisado foi selecionado em razão de sua representatividade e da ampla atuação de seus integrantes (bolsistas, profissionais, acadêmicos(as) e egressos) vinculados ao Ensino Superior e a Programas de Pós-Graduação de diversas áreas e instituições, tanto locais quanto regionais e parceiras. A escolha também se justifica pelo tempo de existência do grupo e pelo seu propósito de desenvolver estudos, ações de extensão, pesquisas e produções com engajamento e compartilhamento, bem como por sua vivência e contribuição no ambiente digital.

Como efeito incipiente esperado, salientamos que a dinâmica dessas plataformas pode evidenciar como o digital tem a capacidade de promover uma aproximação entre os grupos de pesquisa e a repercussão de suas pesquisas para seus diversos públicos. Nesse contexto, as tecnologias digitais não se apresentam

apenas como veículos de informação; trata-se de um campo de associação e aprendizado em que os atores e suas redes convergem para criar o que entendemos como um coletivo acadêmico, tendo em conta que “[...] qualquer entidade que produza uma diferença no curso de uma situação deve ter o estatuto de actante, participando assim da composição de um coletivo” (Bruno, 2012, p. 695).

Para empreender esse processo, o objetivo da presente tese centrou-se em identificar possíveis efeitos resultantes, verificados pelo grupo e por meio dele, relacionados ao uso das tecnologias digitais, examinando o viés em que as experiências suscitaram práticas, aprendizagens e processos criativos e de qual maneira se inserem no cotidiano dos participantes para, então, destacar o potencial das tecnologias como novos espaços de intervenção, de representação e de narrativas que ligam as práticas ao grupo.

Além da dimensão informativa e comunicativa, essas plataformas digitais podem favorecer a criação de relações significativas entre atores humanos e não humanos. Nesse sentido, a pesquisa buscou também captar como as redes digitais influenciam a associação, a reagregação e a manutenção de grupos de pesquisa, sobretudo o grupo envolvido, bem como os fluxos que estabilizam essas interações sociais. Tais redes tendem a se integrar em formações que mobilizam diferentes atores, exercendo forças e influências que se manifestam em diversos contextos.

Uma questão importante sobre o papel dos(as) acadêmicos(as)/pesquisadores(as) na era digital necessita ser considerada, pois captamos pelas consultas na internet e na literatura que há um crescente confronto entre o mundo acadêmico da forma como o conhecemos habitualmente e a necessidade de engajamento e exteriorização desse mundo para o público.

A revolução da internet está, de forma semelhante, na maneira como ela atua sobre a cultura comunicativa da sociedade, apresentando tanto oportunidades como desafios, de forma que o potencial disruptivo das plataformas pode alcançar audiências mais amplas e diversificadas ao mesmo passo que pode desafiar a estrutura de validação, avaliação e reconhecimento acadêmico.

Percorrendo esse pensamento, Lapa e Pretto (2019) comentam a questão sobre o intelectual público, sendo esse ator e suas ações representante de mais um campo de disputa, muitas vezes perante a própria comunidade acadêmica. A abertura para o público pode representar um aspecto mais tangível e direto para a sociedade, no caminho de “[...] explorar as brechas da estrutura hegemônica para construir redes

de disseminação de informação e produção de conhecimento colaborativo, aberto e comprometido com a transformação social” (Lapa; Pretto, 2019, p. 41, tradução nossa).

Logo, com os desdobramentos da pesquisa, percorremos um delinear sobre as formas de contato do núcleo de pesquisa analisado, com o público interno e externo, pelos meios digitais mais utilizados para sua comunicação e a produção de conhecimento.

O envolvimento nesta jornada permitiu construir um diálogo com a realidade, viabilizado pelo emprego de instrumentos de pesquisa híbridos. Esse processo, ao inscrever-se no plano de forças, resultou em um mergulho na experiência, possibilitando sua compreensão ao mesmo tempo em que se participou de seu processo de constituição.

E, muito além da própria produção, o que propusemos em nossa busca foi encontrar associações entre os atores e suas redes, pois as redes tendem a se agregar/reagregar em formações de coletividades, exercendo forças que interferem em sua atuação e mobilizando umas às outras, e principalmente perceber nesses aspectos como o grupo em análise, em consonância com Latour (2012), mantém-se em um processo contínuo de formação, em relações que tencionam estabilizar-se entre fluxos humanos e elementos não humanos que produzem o que chamamos de social.

2.1 MEUS E OUTROS CAMINHARES (SOBRE A METODOLOGIA)

Esta tese propõe-se a caminhar com os métodos de pesquisa etnográfico e cartográfico entrelaçados. Por método etnográfico compreendemos um fazer/pensar de pesquisa qualitativo que busca compreender as práticas e os contextos sociais, culturais e históricos de um grupo social a partir da observação e imersão no meio pesquisado.

Buscando captar o panorama do grupo investigado e passando tempo significativo com os(as) integrantes, procuramos desvelar significados, costumes e visões de mundo, baseando-se na compreensão e no envolvimento com a perspectiva dos(as) participantes da pesquisa.

Na busca por estudos recentes, observamos que o compartilhamento e o consumo em diversas plataformas midiáticas marcam experiências e práticas sociais

e têm revelado “a reconfiguração de diversas formas de sociabilidade e subjetivação que ganham sentido dentro de contextos culturais específicos” (Campanella; Barros, 2016, p. 5), além de evidenciarem a não separação entre o complexo mundo *online* e *offline*, pois estão estruturados em conjunto com os sentidos que repercutem nas esferas da vida social, distanciando a análise da mídia centrada apenas nela mesma.

As observações, as entrevistas, os documentos, as investigações em plataformas digitais não são necessariamente limitados à coleta e ao registro em trabalho de campo; estão, na verdade, ligados a uma análise rigorosa que se torna fundamental para a construção de uma narrativa e busca identificar padrões e controvérsias do grupo que considerem também a subjetividade da pesquisadora. De forma que

o etnógrafo age não julgando *a priori* o significado inerente da mídia ou como as pessoas deveriam usá-la. Em vez disso, procura alcançar um profundo engajamento com os detalhes confusos contidos naquilo que as pessoas realmente fazem com a mídia na prática. A etnografia, portanto, pode nos proporcionar um *insight* em um sentido mais profundo do significado da mídia, explorando não somente o que um texto específico significa, mas qual o significado da mídia como um componente da vida cotidiana em um sentido mais amplo, uma vez que ela é socialmente, culturalmente e tecnologicamente permeada (Hine, 2016, p. 12).

Dessa maneira, a etnografia é mais do que um método de pesquisa; trata-se de uma jornada de imersão e aprendizado em que podemos transcender nossa visão de mundo e nos conectar a uma jornada de descobertas sobre a diversidade da cultura humana, partindo em busca dos sentidos e fundamentos dos atores envolvidos.

Já quanto ao método cartográfico, consideramos que se desenvolve com base em pistas investigativas que buscam trazer para o pesquisador a representação de uma realidade atravessada por sua própria perspectiva e subjetividade, podendo ser traduzida em recursos fundamentais para compreender fenômenos sociais, processos de ensino e aprendizagem, como também a cultura e o campo social, em geral.

A cartografia, inspirada na obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), transcende a representação espacial, convidando-nos a explorar e mapear territórios, guiando-nos na investigação de fluxos, multiplicidades e linhas de fuga, abrindo portas para uma compreensão profunda dos mais diversos temas, pois essas mesmas linhas de fuga traçam trajetórias inesperadas, rompem com as normas e abrem caminho para a experimentação e a criação.

O rizoma, metáfora da cartografia, traduz a fluidez e a interconexão que caracterizam esse método, permitindo a análise de relações complexas e dinâmicas, como múltiplos pontos de conexão, de crescimento constante e sem um centro fixo, que desafiam a lógica linear e hierárquica do conhecimento clássico, de modo a integrar perspectivas de diversas áreas e permitir a análise complexa de problemas, bem como a construção de possíveis soluções.

O método convida-nos a romper com as amarras de conceitos paralisantes e territórios predefinidos. Desterritorializar pode significar desconstruir saberes e práticas estagnadas, questionar normas e abrir espaço para novas perspectivas. Por sua vez, a reterritorialização consiste em reconfigurar esses elementos de forma significativa, criando conexões e possibilidades, explorando o desconhecido, desafiando o *status quo* e buscando novas formas de pensar e agir.

De forma muito específica, a cartografia não se limita a atores isolados, mas se abre para a construção conjunta de saberes, coletando dados, tecendo relações e construindo estruturas colaborativas em que a multiplicidade de vozes e perspectivas enriquece e amplia o alcance da pesquisa.

Para tanto, é possível realizar a captura de dados por meio de dispositivos que resgatem outras formas de expressão, de modo a permitir que novas interpretações emergjam. Ao cartografar a si mesmo e aos outros, torna-se possível compreender com maior profundidade as próprias experiências, desejos e potenciais, bem como acompanhar os fluxos e as mutações que permitem intervir na realidade, com forte compromisso ético e com a transformação social, com as diferenças, com a comunicação e com o compartilhamento das descobertas com a coletividade.

Aliados, ambos os métodos nos auxiliaram a captar a complexidade do mundo, as práticas, opiniões e valores sob a perspectiva dos(as) participantes da pesquisa. Ao acompanhar os atores, esses métodos também se configuraram como um convite à experimentação, à criatividade e à transformação, em um processo contínuo e inacabado, em que cada registro representa apenas um fragmento momentâneo de uma realidade em constante mutação.

O campo, entendido dessa maneira, é algo dinâmico e fluido, formado por uma rede intrincada de conexões que se estendem pelo espaço e pelas formas de interação, abarcando também as mídias nesse processo, o que não significa abandonar uma compreensão abrangente e complexa dos fenômenos sociais, e sim

tentar capturar as delicadas nuances e contradições existentes nos campos sociais da contemporaneidade.

Essa abertura pode permitir a constante revisão e atualização dos conhecimentos e manter a pesquisa em constante movimento, buscando conjuntamente uma compreensão de diferentes elementos que se relacionam, tanto quanto agir no estabelecimento de relações de confiança nas quais se possa, por meio da coleta de diferentes dados e suportes, observar e refletir de forma densa sobre a estrutura social na qual estão inseridos.

2.2 UM QUARTO PARA A ETNOGRAFIA (ANT) E A CARTOGRAFIA

Iniciaremos com a delimitação de uma etnografia digital, que corresponde a um método de pesquisa que utiliza técnicas antropológicas, como observação participante, entrevistas e análise de dados, entre outras, para estudar a cultura no contexto da tecnologia digital. Isso inclui o estudo de como as pessoas usam a tecnologia para se comunicar, se relacionar, trabalhar e aprender. Isso porque tal estudo tem o potencial de nos ajudar a entender melhor como a tecnologia molda nossa vida, nossas identidades, nossos valores e crenças e, conseqüentemente, nossa cultura.

As pesquisas que contemplam as práticas digitais são um campo relativamente novo e em ascensão que cresce rapidamente à medida que a tecnologia digital se torna cada vez mais presente em nosso cotidiano. Para procurar entender como as pessoas usam a tecnologia para se conectar, se comunicar e se engajar com o mundo ao seu redor, os pesquisadores podem recorrer a técnicas de análise de mídias, redes sociais e *big data*.

Seguindo pelas trilhas de Latour (2015), a fim de enriquecer a noção de redes, o autor aprofunda a discussão sobre os vínculos na Sociologia de forma a explorar a questão dos sujeitos e as estruturas. Comenta o contraste entre as duas formas de ciências sociais que procura discutir e a vinculação a que se destinam, abordando que uma ramificação se concentra em discutir como as estruturas sociais determinam as ações dos atores e a outra centraliza sua discussão em como os sujeitos podem se desvincular e se libertar das estruturas. No entanto o autor não identifica em suas colocações um plano que questionasse a natureza dessa própria divisão.

Desse modo, Latour se propõe a explorar os espaços e entremeios e a “pluralidade daquilo que faz agir” ou as fontes de vinculação por elas mesmas, visto que

[...] passar às redes de vínculos deveria nos permitir conservar o efeito de distribuição da rede, assim como de reforçar inteiramente a natureza e a fonte da ação. O vínculo designa, por sua vez, o que afeta, o que coloca em movimento, e a impossibilidade de definir esse faz fazer pelo antigo acoplamento da determinação e da liberdade (Latour, 2015, p. 143).

Ao voltar nossa atenção para os vínculos, nosso olhar se direciona então para a Teoria Ator-Rede (TAR; em inglês Actor-Network Theory – ANT), originada da sociologia da Ciência e Tecnologia. Prefiro chamá-la de ANT, assim como Latour, tendo em vista seu acrônimo assemelhar-se ao vocábulo “formiga” – insetos sociais, pertencentes a uma colônia de estrutura complexa, que zelam pela manutenção de sua espécie. E instigados pelo conto de Lygia Fagundes Telles (2009), somos surpreendidos pela organização das formigas, expressa por trilhas disciplinadas e paradigmáticas que tratam de montar um raro esqueleto em um sótão, fazendo parte de uma atmosfera incerta e instigante que deixa em aberto a imaginação de quem lê o conto.

Esse mesmo ambiente inspirador e criativo nos leva a somar a ANT à cartografia, posto que esta possibilita trilhar caminhos inventivos – rizomáticos –, enquanto a pesquisa é vivenciada, levando em consideração os processos e as subjetividades nos territórios dinâmicos das práticas metodológicas e os afetos e as sensações produzidos por eles.

A cartografia propõe-se ser um lugar de criação e abertura, levando em conta as especificidades, com seu olhar atento às linhas de força que compõem um plano diverso e desafiador, por meio do qual projetamos a nós mesmos nos fenômenos presentes. Acompanhar processos é um requisito precioso para o mapeamento dos territórios vivenciados por aqueles que investigam, revelando conexões e multiplicidades que potencializam os afetos nos campos em que a pesquisa acontece.

Para mapear uma variedade de fenômenos, incluindo redes sociais, fluxos de informação e movimentos da sociedade, podemos nos valer tanto da etnografia quanto da cartografia, de formas digitais ou analógicas, para mapear processos internos da experiência individual e coletiva, como a formação da subjetividade e a constituição daquilo que nomeamos como conhecimento. Dessa maneira, aliados, tais

métodos podem trilhar processos de um mundo em constante mudança, por meio de forças, fluxos e relações que de outra forma seriam invisíveis.

Relacionadas, a composição metodológica interdisciplinar da etnografia e a da cartografia, tomando por suporte os meios digitais, podem ser usadas para mapear como as pessoas se conectam umas com as outras *online*, o que, de certa forma, serve para entender como se movimentam e formam os grupos sociais e como as informações se espalham.

Inferimos que a pesquisa que leva em conta o processo e a situação dos participantes e também a participação do observador em temas emergentes demanda, além dos pressupostos éticos, referenciais teóricos e procedimentos metodológicos, uma atitude que oriente as trilhas do caminho de pesquisa de forma a implicar modos de ver, acompanhar e expressar a própria vida e o outro de modo engajado e relacional.

A combinação desses métodos pode constituir uma abordagem importante para compreender as complexidades de um determinado espaço e das comunidades que o habitam, já que têm suas próprias características e objetivos; juntos podem proporcionar uma visão mais completa e contextualizada da área em estudo.

Portanto, tais métodos contemplam a incursão no campo, unindo pesquisadores e participantes da pesquisa na produção de conhecimento. Envolvem o mapeamento, a investigação, o registro, o debate e a comunicação dos processos, no sentido de partilha e pertencimento. Mais do que descrever o estado das coisas, buscam compreender a vida simbólica envolvida, em um mergulho no cotidiano dos grupos, em articulação com os planos de força que sustentam sua formação e coesão.

A combinação dessas práticas de pesquisa, por conseguinte, procura evidenciar, por um lado, uma abordagem rizomática que enfatiza a multiplicidade, a conectividade e a heterogeneidade e, por outro lado, uma abordagem antropológica que visa explorar a natureza dessas conexões. Pois

um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas. É impossível exterminar as formigas, porque elas formam um rizoma animal do qual a maior parte pode ser destruída sem que ele deixe de se reconstruir. Todo o rizoma compreende linhas de segmentariedade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma (Deleuze; Guattari, 1995, p. 25-26).

De acordo com a citação, ao abordar uma tarefa ou problema com múltiplas dimensões ou aspectos (como, por exemplo, a gestão do conhecimento, o desenvolvimento social, o protagonismo digital e a inovação tecnológica), é importante que o pesquisador procure adotar um método adequado para a multiplicidade de perspectivas.

A procura por estratégias mais flexíveis e/ou multifacetadas reflete a complexidade daquilo que se está estudando e, por conseguinte, das questões que se apresentam interconectadas. A prática de pesquisa vai se tornando mais dinâmica, processual e integrada à medida em que são necessárias adaptações quando novos desafios surgem, em uma combinação de saberes e disciplinas que são ajustados no avanço do trabalho.

Assim, encorajados por Mills (2009), elaboramos algumas reflexões sobre a produção do conhecimento, com destaque para a importância de um pensamento crítico e autonomia na prática intelectual, bem como os desafios enfrentados por estudantes e acadêmicos em um mundo coordenado por grandes instituições, mecanismos e processos laboriosos.

Buscou-se, desse modo, ser um(a) pesquisador(a) inventivo(a) e crítico(a), baseado(a) em um compromisso pessoal de valorizar a atividade de pesquisa de maneira criativa e engajada, como agentes de uma mudança social.

Portanto, para que pudéssemos empreender esta investigação percorremos inicialmente os caminhos do levantamento diagnóstico, com base em técnicas de coleta de dados em pesquisa qualitativa (especialmente o grupo focal e entrevista/questionário semiestruturado), para identificar como os participantes tratam das questões relacionadas ao tema.

Neste ponto, a fim de que fosse possível identificar as plataformas que representariam um diferencial para o grupo analisado, foi efetuado o levantamento na plataforma DGPB/CNPq, para identificar os principais grupos ligados às palavras-chave arte e educação e as principais plataformas digitais e redes sociais relevantes utilizadas por eles. Constatamos, como veremos adiante, que o uso de tecnologias digitais, como páginas na internet e redes sociais, tem desempenhado um papel substancial na construção de experiências em grupos de pesquisa, sobretudo as plataformas *online* para assistir a vídeos e compartilhá-los.

E, retomando, para observar mais atentamente esses fenômenos, optamos pelos métodos cartográfico² e etnográfico³ (ANT) combinados, visto que a abordagem e os recursos nesses métodos são mais flexíveis e processuais, o que auxilia para o tipo de efeitos esperados na pesquisa, já que têm uma dimensão participativa.

Essa ênfase conjunta enfatiza as associações entre atores humanos e não humanos no tecido social à medida em que se manifestam por meio de suas relações, admitindo que objetos, tecnologias e outros membros heterogêneos possam ter ação sobre a rede. As metas e os objetivos são móveis e se adaptam ao próprio processo do pesquisar, como no caso de um trabalho de campo mais longo e/ou personalizado, afastado da neutralidade, além do acompanhamento dos comportamentos interpessoais, suas produções materiais e seus valores.

2.3 CAMINHOS DA PESQUISA

Nesta fase introdutória, apresentamos a nossa busca, que se empenhou em encontrar as formas como as tecnologias de informação e comunicação estão sendo integradas por um grupo de pesquisa, a fim de examinar como elas estão sendo envolvidas no cotidiano do núcleo de pesquisa. Também rastrearemos, a seguir, se há a adoção de novas práticas nos processos de aprendizagem e investigação científica que configurem a promoção de inovação nas práticas do campo e a emergência de novas relações.

No segundo capítulo, intitulado “A ciência dorme na cama ao lado”, trouxemos uma contextualização do campo científico, construído por múltiplos atores humanos e não humanos e mediado com o avanço das tecnologias digitais e a ampliação da hiperconectividade da comunidade científica. Acompanhadas principalmente pelos autores Sánchez-Gamboa (2011), Rifiotis (2016) e Floridi *et al.* (2015), observamos que o trabalho em rede vem marcando fortemente os pesquisadores, em razão da cooperação para a produção do conhecimento, em que este passou a ser produzido e representado de forma mais aberta, acessível e dinâmica.

No terceiro capítulo, cujo título é “Percorrendo ferramentas outras para experienciar o espaço entre a arte e a educação”, procuramos abordar o papel das

² Mais informações disponíveis em Souza e Francisco (2016).

³ Mais informações disponíveis em Ataídes, Oliveira e Silva (2021).

mídias na relação entre linguagem e comunicação que se abre em espaços colaborativos para uma produção simbólica, criativa e educativa. Neste ponto, iniciamos uma contextualização do campo de pesquisa e uma breve consideração acerca das ferramentas *online* dos grupos de pesquisa, localizadas na internet.

O quarto capítulo, “Das trilhas acadêmicas – a representatividade do NUPAE”, faz um apanhado das produções do grupo de forma a apontar as inquietações que o movem por meio de sua atuação na área, bem como nas publicações *online* em forma textual, em vídeo e nas redes sociais.

No quinto seguinte, intitulado “Espaços/territórios, sociabilidades, ensino/educação e mídias sociais digitais”, trouxemos as falas dos atores do NUPAE acerca da temática do uso das tecnologias por grupos de pesquisa. As reflexões evidenciam o potencial desses espaços digitais que favorecem o compartilhamento de ideias, a gestão de tarefas, a comunicação com o público e demais grupos de pesquisa, com o propósito de ultrapassar a lógica de serem apenas instrumentos de uso e de aproveitar as oportunidades oferecidas pelos meios digitais como aliados para maximizar o potencial e o alcance de suas investigações, agindo como coletivos sociotécnicos e contribuindo para o compartilhamento de ideias, recursos, formação, visibilidade e intercâmbio entre diferentes grupos de pesquisa.

Por fim, o sexto capítulo – “Partindo para trilhar outros caminhos” – faz o fechamento desta pesquisa, retomando a questão inicial, com as considerações acerca das implicações do processo investigativo, na intenção de mapear as experiências individuais e coletivas em torno das tecnologias com a/na presença de um grupo de pesquisa.



3 A CIÊNCIA DORME NA CAMA AO LADO

*Você tem muita coragem, tenho certeza. Tudo o que
você precisa é de confiança em si mesmo.*

(O mágico de Oz, 1939 – adaptado)

Tendo em conta a ideia de que a ciência é um empreendimento coletivo, moldado por muitos pesquisadores dedicados e colaborativos que adotam uma abordagem curiosa, crítica e informada, podemos observar que o impulso do ser humano para descortinar a realidade sempre existiu e nas diversas áreas de conhecimento. Isso evidencia a dimensão artística que atravessa a própria produção do conhecimento, uma vez que “a poesia e a arte continuam a desvendar lógicas profundas e insuspeitadas do inconsciente coletivo, do cotidiano e do destino humano. A ciência é apenas uma forma de expressão dessa busca, não exclusiva, não conclusiva, não definitiva” (Minayo, 1994, p. 9-10).

Consoante com Deleuze e Guattari (2010, p. 139), observamos que “uma noção científica é determinada não por conceitos, mas por funções e proposições [...] é essa ideia de função que permite às ciências refletir e comunicar”, em papel diverso ao da filosofia e das artes. Mediante esses aspectos, tomar a iniciativa de tentar compreender e acompanhar a ciência, principalmente nos dias de hoje, é um processo aguçado e também desafiador, em virtude da rápida evolução das descobertas e tecnologias.

A construção e disseminação do conhecimento científico apresentam-se como processos que requerem interação, reunindo interesses de diversos pesquisadores, sendo essa natureza colaborativa crucial para o progresso da ciência. Isso porque, quando se pensa em estudos científicos, o próprio termo “[...] pesquisa indica o estudo de problemas, problematização da realidade, qualificação de questões, a dinâmica do conhecimento em torno de perguntas geradoras e a busca e construção de respostas científicas para os problemas abordados” (Sánchez-Gamboa, 2011, p. 273). E os estudos não são produzidos de forma isolada por um único pesquisador ou por um grupo limitado; surgem de uma rede de contribuições, validações e interações que envolve diversos atores da comunidade científica e, em muitos casos, também da sociedade em geral.

Uma vez que a sociologia da ciência constitui um campo de estudo que investiga a relação entre a ciência e a sociedade, conjuntamente a ela podemos

explorar como fatores sociais, culturais, políticos e econômicos influenciam o desenvolvimento da ciência, a produção de conhecimento científico e a sua aceitação pela comunidade acadêmica e pelo público em geral.

Reconhecemos, portanto, que a ciência não é uma ação isolada; ela está profundamente enraizada na sociedade, em que as decisões científicas e os avanços são influenciados por uma gama complexa de fatores sociais e a compreensão da ciência requer, da mesma forma, uma atenção e análise de suas dimensões sociais.

A produção científica frequentemente envolve a cooperação entre pesquisadores de diferentes áreas, instituições e países, o que facilita o intercâmbio de ideias e metodologias, permitindo uma abordagem mais abrangente, inovadora e eficiente para resolver questões complexas, assim como a continuidade dessa produção, que se dá com base em conhecimentos já estabelecidos, por relevância do compartilhamento de dados, metodologias, descobertas e reflexões prévias.

Neste ponto, visto que o conhecimento científico não é uma associação objetiva e imutável, e sim uma construção social influenciada por valores, crenças e interesses da sociedade em que está inserido, implica também que a ciência é moldada pelas relações de poder e pela cultura dominante, as quais influenciam desde a alocação de financiamento até a direção de programas de pesquisa, já que os recursos que viabilizam a pesquisa (como financiamento, infraestrutura, equipamentos, colaboradores e até dados) muitas vezes têm origem em fontes públicas ou privadas, reforçando o compromisso coletivo com a produção e disseminação do conhecimento.

Sobretudo, temos as revistas científicas, conferências, bancos de dados e repositórios digitais como canais pelos quais os resultados são compartilhados. Além do mais, o surgimento de plataformas de acesso aberto, páginas e perfis de pesquisadores em plataformas públicas e redes sociais amplia a circulação e discussão dos resultados e efeitos, sendo um avanço significativo na democratização do conhecimento, posto que o torna acessível não apenas a outros pesquisadores, como também a profissionais, estudantes e ao público em geral, tornando o processo de divulgação científica mais aberto e participativo.

Por outro lado, em muitas áreas, a ciência é impulsionada por demandas e desafios sociais, como questões de saúde pública, mudanças climáticas, avanços tecnológicos ou políticas públicas, embora reconheçamos que existem controvérsias científicas que podem levar a debates acalorados, divergências na comunidade

científica e influenciar a trajetória da pesquisa. Como consequência, o ambiente acadêmico muitas vezes incentiva a competição em vez da colaboração, dificultando a contribuição entre grupos.

Ao longo da história, a perspectiva apresentada principalmente no capítulo “As crises e a emergência das teorias científicas”, da obra *A estrutura das revoluções científicas*, de Thomas Kuhn (2007), a respeito do conhecimento e da produção científica, propõe que se trata de um movimento descontínuo, em que a ciência avança por meio de rupturas, em oposição à ideia de uma acumulação linear. Desse modo, os paradigmas mostram-se como realizações aceitas por uma comunidade e utilizadas como estruturas para identificar os problemas e as soluções destes. No entanto podem ocorrer crises nesses padrões que alimentam controvérsias que abalam e questionam as teorias vigentes, abrindo espaço para ideias alternativas com potencial de reestruturar todo um campo de conhecimento.

Vemos, na contemporaneidade, um crescente fluxo despontando para o movimento da Ciência Aberta, em que, por meio de repositórios digitais, as universidades, fundações, entidades ligadas à Educação, Ciência e Tecnologia, entre outras, têm a iniciativa de adequar seus protocolos de publicação, seja de recepção, avaliação ou mesmo de publicação de pesquisas.

Tais mudanças acabam por implicar um deslocamento de lógica e volume no trabalho, podendo juntamente com isso acarretar sua rejeição. Todavia, aos poucos, os obstáculos vêm sendo vencidos e caminhamos para a constituição de boas práticas científicas abertas, de forma que

[...] a área de Humanidades se depara com questões próprias, que provocam dúvidas e incertezas para a implementação do protocolo que exige a disponibilização dos dados de pesquisa. Os agentes desta área precisarão construir, com inteligência e criatividade, protocolos capazes de cumprir com os requisitos da ciência aberta sem ferir os princípios da ética da pesquisa com seres humanos e sem interferir de modo direto com os próprios protocolos estabelecidos pelo campo (Gallo, 2022, p. 56).

Sob esse ponto de vista, o compartilhamento de perspectivas e a troca de ideias podem enriquecer a compreensão de conceitos específicos complexos, da mesma forma que disseminar os métodos e pesquisas científicas auxilia a compreender como a ciência avança por intermédio de investigações sistemáticas, sobretudo desenvolvendo a literacia científica, ou seja, a sua capacidade de compreender, avaliar, aplicar e difundir as informações científicas. Corroboramos com a fala de Gallo (2022, p. 51) quando expõe o seguinte:

O acesso de todos à ciência é, assim, um princípio ético-político a ser perseguido e implementado para que se logre uma sociedade justa. É, pois, de se pensar que os processos educativos devam desempenhar um importante papel no processo de tornar a ciência disponível a todos.

Resguardado em uma parte essencial e responsável por grandes avanços nas áreas do conhecimento está o método científico, uma ferramenta sistemática que permite que os cientistas elaborem hipóteses e adquiram, de maneira confiável, novos conhecimentos sobre o mundo.

Entendendo-se o método científico como uma forma de investigação do conhecimento que se baseia na observação, na experimentação e no raciocínio lógico para explicar o mundo, ele se revela como um processo contínuo de construção e revisão do conhecimento, que está sempre se desenvolvendo e mudando, assim como o processo de produção da existência humana. Com efeito, tanto o conhecimento quanto suas rupturas e regras são frutos híbridos da interação homem-natureza, de tal sorte que “é o processo da produção da existência humana porque cada nova interação reflete uma natureza modificada, pois nela incorporam criações antes inexistentes, e reflete, também, um homem já modificado [...]” (Andery *et al.*, 2014, p. 10).

A existência desses híbridos – abundantes no mundo contemporâneo – que são constituídos por elementos de ambos os domínios nos obriga a repensar a própria relação entre a natureza e a cultura e, em razão de sua existência, questionar a dicotomia natureza-cultura. Como ela é central para a ciência e a modernidade e tem implicações importantes para a nossa compreensão, tal dicotomia nos instiga a desafiar as categorias e as distinções, que são frequentemente tomadas como humanas e não humanas, de forma que por essa via podemos considerar que os híbridos são constituídos por elementos naturais, como energia e matéria, e também por elementos culturais, como significados, valores e símbolos.

Porém, de certa maneira, os híbridos não devem ser adotados como meras combinações, muitas vezes artificiais, mas por forma de esferas que estão sempre se mesclando e amalgamando, de modo que, apesar de os modernos terem trabalhado por “separar cuidadosamente a natureza e a sociedade (e colocado Deus entre parênteses), [...] só o fizeram por terem misturado massas muito maiores de humanos e não-humanos [...]” (Latour, 2019, p. 57-58). Conforme provoca o autor, para que possamos lidar com os desafios da atualidade, precisamos abandonar a ideia de separação.

Latour (2019) convoca-nos a aprender a conviver com os híbridos e a construir sociedades mais sustentáveis e justas, sem uma separação ou mesmo justaposição entre o técnico ou social, mas por meio de uma visão integradora que questiona a separação entre os entes e suas agências, conectados no curso de suas ações. De forma semelhante, a respeito da etnografia que considere as redes, Rifiotis (2016, p. 90) afirma que “é antes de tudo uma primeira tarefa eminentemente de simetrização: descrever como actantes, sempre híbridos, titulares potenciais de agência, são eles mesmos resultado de séries das conexões nas quais estão envolvidos no curso da ação descrita”.

Mediante as colocações aqui expostas, podemos partir do pressuposto de que todas as entidades humanas e não humanas influenciam, moldam e mantêm papel ativo na organização das redes sociais. Para que estas sejam estáveis, há a necessidade de mobilizar um conjunto heterogêneo de actantes, de modo a constituir uma forma dinâmica de abordagem da formação de grupos e coesão social, compreendendo-os como resultantes de processos de associação e mediação contínuos.

Aos adotar uma abordagem sob tal prisma, inspirados por Latour (2015), a configuração e reconfiguração de grupos estabelecem-se por práticas e interações entre humanos e não humanos com disposições complexas, sempre em construção em suas alianças, representações, comunicação e demais estruturas nas quais o grupo se sustenta, sendo capazes de influenciar os acontecimentos em uma rede de associações que depende das formas como elas são criadas, mantidas e estabilizadas.

Como expressa Rifiotis (2016, p. 93), “[...] o agente é sempre uma rede, a etnografia no ciberespaço seria antes de tudo uma operação cujo objetivo é rastrear a formação de redes”. Consequentemente, para atingirmos o foco nesta investigação, estamos interessadas na forma como a ciência é comunicada ao público e a seus pares, como essa rede é percebida por eles e, nesse contexto, em explorar o papel dos meios de comunicação, especificamente os digitais, em questões de disseminação da informação científica, colaboração, relacionamento/interação e diálogo entre a própria comunidade e a forma como isso afeta a produção do conhecimento.

Em relação a um nicho relevante da pesquisa brasileira em educação, considerando sobretudo o capítulo “Descrição das características das teses de

doutorado”, da obra *Práticas pedagógicas na educação básica do Brasil: o que evidenciam as pesquisas em educação* (Almeida *et al.*, 2021), observa-se que os temas e as linhas de investigação mais recorrentes buscam compreender, analisar e melhorar as práticas pedagógicas nos sistemas educacionais, bem como as políticas educacionais e os desafios enfrentados pela complexa educação no país. Isso se justifica pelo fato de a educação ser um dos focos da promoção da equidade e da contribuição para o desenvolvimento social e econômico nacional.

Por conseguinte, é possível perceber que muitos(as) pesquisadores(as) buscam traduzir suas descobertas em recomendações práticas passíveis de serem implementadas nas escolas e nas políticas educacionais. Partindo de suas próprias realidades, os pesquisadores da área da educação têm voltado seus estudos a questões sensíveis, como diversidade étnica, cultural e educação inclusiva, bem como à formação inicial e continuada de professores(as), com o objetivo de identificar práticas formativas que favoreçam o desenvolvimento profissional e a melhoria da qualidade do ensino nas escolas.

Contudo o que nos interessou no estudo citado foi o avanço de pesquisas em tecnologia, o que permite inferir que a pesquisa em educação no Brasil vem explorando o uso das ferramentas digitais e as abordagens de ensino *online* integradas à educação, com vistas a aprimorar aspectos da aprendizagem e do engajamento de docentes e estudantes. Além disso, percebe-se que a sociedade, ao ser influenciada e envolvida por esses processos, aproxima-se do debate científico.

Acerca desse aspecto, Caldas (2010) enfatiza que é necessário estarmos atentos a que tipo de relação almejamos ao direcionar a comunicação científica: a de partilhar de fato o saber e as práticas de poder que ele tem (no sentido de relações privilegiadas, a que se refere Foucault, e/ou um campo de forças e de lutas, a que se refere Bourdieu) e principalmente a de proporcionar a crítica para que se façam escolhas conscientes ou apenas conferir um “verniz” de popularização à questão.

A autora segue comentando sobre como o discurso leigo pode ser mediado pelo discurso jornalístico. No entanto, com a difusão da tecnologia, vislumbramos um esforço também dos(as) pesquisadores(as) em envolver o público em debates mais amplos, em que se considerem os pontos contraditórios sobre os aspectos positivos e negativos das situações que impactam a vida cotidiana. Dessa forma, reconhece-se a ciência como democrática e/ou participativa, e não uma verdade absoluta, neutra ou mesmo definitiva.

Sob essa ótica, ressaltamos que a simples comunicação da informação não é suficiente para proporcionar um panorama de cidadania ativa no desenvolvimento da cultura científica e que “o processo político-educativo é essencial para que o conhecimento científico possa ser apropriado a partir de ampla contextualização das informações e profunda reflexão do tema em questão” (Caldas, 2010, p. 34).

Em vista disso, os pesquisadores são transportados para a esfera das implicações e a divulgação de suas pesquisas é feita de forma mais direta e estratégica. Assim eles se tornam produtores e construtores responsáveis pela notícia/publicação nas mais diversas plataformas midiáticas.

Tal fato pode trazer mais pessoalidade, parcerias e um envolvimento mais profundo e qualitativo com a comunidade, figurando como um propositor de momentos de ensino e aprendizagem, um provocador de oportunidades de construção de conhecimento nesse meio.

Não obstante a forma cautelosa (ou mesmo que as que culminam em ações restritivas)⁴ como os movimentos na educação estão lidando com o uso das tecnologias,

existem poucas evidências robustas do valor agregado da tecnologia digital na educação. A tecnologia evolui mais rápido do que é possível avaliá-la: produtos de tecnologia educacional mudam a cada 36 meses, em média. A maioria das evidências é produzida pelos países mais ricos (Unesco, 2023, p. 7).

Diante do exposto, podemos considerar repensar qual seria nosso papel e talvez ser menos reticentes em tal situação. Aqui cabe refletir sobre a fala de Deleuze (1992, p. 220), quando expressa que

encontramo-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento: prisão, hospital, fábrica, escola, família. A família é um “interior”, em crise como qualquer outro interior, escolar, profissional, etc. [...] Não se deve perguntar qual o regime mais duro, ou mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições. Por exemplo, na crise do hospital como meio de confinamento, a setorização, os hospitais dias e o atendimento em domicílio puderam marcar de início novas liberdades, mas também passaram a integrar mecanismos de controle que rivalizam com os mais duros confinamentos. Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas.

⁴ A recente Lei n.º 15.100/25, que determina a restrição do uso de celulares por alunos em escolas de todo o país, se propõe seguir pesquisas da OMS e da Unesco sobre o uso excessivo de telas. Para mais informações ver: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2025/janeiro/sancionada-lei-que-restringe-uso-de-celulares-nas-escolas>.

Dessa maneira, torna-se imprescindível acompanhar de perto as discussões e experiências quanto às mudanças e inovações que a tecnologia traz para as práticas educacionais, assegurando que essas transformações sejam incluídas também nos ciclos de pesquisa, de forma a beneficiar tanto a academia quanto a sociedade.

O crescimento do uso das plataformas digitais e redes sociais como ferramentas de divulgação científica torna o protagonismo digital dos(as) pesquisadores(as) científicos cada vez mais urgente. Essa tendência está transformando aos poucos a maneira como o conhecimento acadêmico é compartilhado e permitindo uma comunicação mais direta e acessível com a sociedade em geral.

Entretanto esse protagonismo digital traz tanto benefícios quanto desafios para a divulgação científica, ao passo que confere maior agilidade no compartilhamento de informações e efeitos das pesquisas, com uma comunicação direta com públicos muito maiores e mais diversos do que as formas usuais de publicação científica, o que pode fortalecer o papel da ciência na tomada de decisões políticas e sociais.

Em contraponto, a comunicação fica mais suscetível à disseminação da desinformação por achados científicos interpretados fora do contexto ou estudos que não se baseiem em um método específico, além da desigualdade de acesso e ataques *online*. Também a pressão pela visibilidade nos ambientes de redes sociais pode gerar nos(as) pesquisadores(as) uma exigência para que produzam conteúdo popular, cada vez mais rápido, focando em alcançar mais audiência, o que pode comprometer o rigor científico.

Não se pode negar que o aumento do alcance e da interação com a sociedade, proporcionado pelo protagonismo digital dos(as) pesquisadores(as), abre novas oportunidades para a divulgação científica, porém é fundamental que os especialistas saibam equilibrar a necessidade de comunicação com a responsabilidade em relação aos resultados de suas pesquisas.

Em vista disso, é indispensável que sejam desenvolvidas habilidades para lidar com as complexidades do ambiente digital, com o propósito de assegurar que as informações científicas sejam transmitidas de forma precisa e criteriosa. Da mesma maneira, esperamos que com uma gestão cuidadosa o protagonismo digital fortaleça o papel da ciência na sociedade e que os desafios enfrentados nessa tarefa sejam resolvidos com ética e transparência.

3.1 AS PAISAGENS DE UM TRILHAR TRANSDIGITAL

A tecnologia, como parte da realidade, permite-nos repensar e delinear nossa própria identidade (fluida e dinâmica), hábitos e valores de tal maneira que também modifica como experimentamos e nos relacionamos com o mundo e com os demais, em uma conjuntura integrativa e profunda.

Considerando nossa era hiperconectada e híbrida, a obra *The Onlife Manifesto* (Floridi *et al.*, 2015) propõe uma reflexão sobre como as tecnologias da informação e comunicação (TIC) transformaram a existência humana, de forma que utiliza o termo “*onlife*” para caracterizar o rompimento dos limites entre o deslocamento *online* e *offline*. Os autores dedicam-se a um novo espaço híbrido, denominado “*onlife*”, em uma mistura constante e difusa de interações físicas e digitais, assumindo novos papéis, visto que não somos apenas usuários de tecnologia, pois temos nossa vida afetada por ela, ao mesmo passo que moldamos a tecnologia e podemos ter nosso cotidiano moldado por ela.

Dessa forma, o manifesto convida-nos a considerar um ser humano que habita o mundo permeado pela tecnologia, como condição de reflexão sobre a própria existência e ação sobre o ser e sobre o mundo (nossa autoconcepção, nossas interações mútuas e concepção da própria realidade), com um propósito mais ético, inclusivo e sustentável para esta e futuras gerações.

Ao buscar conceber a natureza de uma vida *onlife*, trata de compreender a integração entre as pessoas, dispositivos e sistemas mediados pela internet e, ainda, a hiperconectividade de elementos digitais e/ou virtuais ao mundo real. Isso tudo envolve uma complexa rede de ações e repercussões que se manifesta em vários aspectos, como educação, trabalho, política, entre outros.

O pensamento *onlife* pretende também analisar a transformação digital e social como um campo produtivo e criativo repleto de possibilidades, como a realidade virtual, internet das coisas e biotecnologia. A transformação digital e social igualmente está repleta de desafios, como ética, segurança e desigualdade digital, haja vista que a conexão com esses elementos e a perspectiva de imersão trazem a convergência de novas formas de interação e comunicação (ação compartilhada), impulsionando outros modos de expressão e participação social.

Tais aspectos nos interessam porque, para que possamos examinar as experiências que suscitaram práticas, aprendizagens e processos criativos do grupo de pesquisa, foi preciso explorar o fluxo de conteúdo por meio das plataformas que invadem a vida cotidiana, uma vez que isso não envolve somente a tecnologia, como também sua interação e o que em si tem a capacidade de mobilizar ações.

No que se refere a aspectos relacionados ao hibridismo da cultura digital, Santaella (2005) traz ideias de como o mundo contemporâneo, marcado pelas comunicações de massa e mídias, propicia uma apropriação criativa das novas tecnologias por parte das pessoas que passam a consumir e produzir conteúdos simbólicos por intermédio de dispositivos multifuncionais.

Para a autora, as transformações no campo artístico contemporâneo e a influência e convergência com os meios de comunicação tornam as fronteiras entre as áreas cada vez mais tênues. Isso porque, para os artistas, amplia-se o papel desses meios, que passam a funcionar tanto como instrumentos de expressividade artística como novos ambientes culturais, tendo em vista que a “[...] popularização das artes facilitada pelas mídias é sem dúvida responsável pelo aumento considerável do número e do tamanho dos museus e das galerias, e pelo impressionante aumento do público que frequenta esses lugares” (Santaella, 2005, p. 15).

Essa hiperconectividade, oriunda de diversos canais e experiências, tem capacidade de expandir as narrativas, uma vez que cria, recria e interpreta conteúdos, motivando um processo de cultura participativa, meio pelo qual o público também colabora, produz e distribui conteúdo, estimulando práticas imersivas em uma corrente de informações constantes e praticamente imediata, o que gera desafios, como a desinformação e sobrecarga de dados, mesmo informacionais e/ou cognitivos.

Em vista disso, há uma emergência nas artes, por esta sempre procurar acompanhar os desafios de seu tempo. Santaella (2005) não propõe respostas absolutas a essas questões; a autora busca acompanhar processos e formas atuais de expressão e divulgação artística, marcados constantemente pelas transformações das técnicas, dos recursos e dos materiais tecnológicos e culturais. A autora ressalta:

Como se pode ver, na era digital, tanto quanto em outras eras, os artistas lançam-se à frente de seu tempo. Quando surgem novos suportes e recursos técnicos, são eles que sempre tomam a dianteira na exploração de possibilidade que se abrem para a criação. Desbravam esses territórios tendo em vista a regeneração da sensibilidade humana para a habitação e trânsito dos nossos sentidos e da nossa inteligência em novos ambientes que, longe de serem meramente técnicos, são também vitais. São os artistas que

sinalizam as rotas para a adaptação humana às novas paisagens serem habitadas pela sensibilidade (Santaella, 2005, p. 67).

Desse modo, a nossa experiência na era digital, projetada em tempo real pela internet e tecnologias móveis e embarcadas⁵, molda a capacidade humana de maneira complexa, criando possibilidades de expressão, relacionamento e colaboração. Posto que a informação se torna cada vez mais imaterial, transcendendo as barreiras físicas e permeando todos os aspectos da vida, faz com que a tecnologia se torne gradualmente mais ubíqua, onipresente em vários aspectos da vida, influenciando, assim, a nossa percepção de mundo.

O investimento de tempo e energia provenientes principalmente do engajamento incentiva a atribuição de valor significativo e emocional, presente, por exemplo, nas redes sociais. Essa dinâmica envolve os participantes de maneira afetiva e orgânica, bem como alimenta e transcende as narrativas, transferindo as conexões para o campo das emoções, relações interpessoais e senso de comunidade.

A diversidade de perspectivas que compõe a rede de interessados e de interesses potenciais manifesta a inteligência coletiva de um grupo em múltiplas plataformas, alcançando usuários que compartilham informações para resolver problemas complexos que ensejam soluções colaborativas e descentralizadas, configurando-se como um recurso inovador e dinâmico da cultura digital contemporânea.

Similarmente, o hibridismo, de acordo com Santaella (2021), inunda a cultura brasileira já há muito tempo, de forma que os signos não verbais ocupam amplo espaço na vida cotidiana. Tanto no Manifesto Antropofágico, de Oswald de Andrade (1928), quanto no movimento seguinte propunha-se a reelaboração das intervenções culturais estrangeiras como meio de “devoração/canibalização” dessas influências, a fim de buscar uma autonomia da cultura brasileira e a criação de recursos.

Segundo a autora, o hibridismo de linguagens (resultante do encontro das quatro principais linhas de comunicação humana: a escrita, a audiovisual, a telecomunicação e a informática) passaria, então, a uma convergência, como se vê nas mídias com o passar dos anos. Essa convergência adquire complexidade objetiva quando a multimídia se liga ao hipertexto, configurando a informação e mesclando

⁵ Trata-se de um conjunto de *hardware* e *software* que realiza funções específicas em dispositivos maiores.

quaisquer outros signos e linguagens. Isso deu origem, de acordo com a autora, à hipermídia, que passa a caracterizar as redes informacionais como uma espécie cognitiva nova e complexa na ecologia dos signos.

O fluxo intenso e pluridimensional de informação trazido principalmente pela internet das coisas (IoT⁶) transformou a comunicação entre as pessoas, ao passo que a divisão entre o presumido mundo real e o universo chamado de virtual (como uma existência em paralelo) se liquefez, dando lugar à coexistência *online/offline* de forma simultânea, como descrito por Floridi *et al.* (2015). Isso fez emergir a portabilidade em “um novo tipo de espaço que combina o físico e o digital em ambientes sociais criados pela mobilidade dos usuários conectados via aparelhos móveis de comunicação” (Santaella, 2021, p. 73).

De fato, segundo o entendimento de Santaella, pensar a sociedade contemporânea em termos de rede requer uma compreensão ampliada desses fluxos, tanto como um ambiente virtual de interação quanto como um componente essencial das práticas sociais que organizam e sustentam a coletividade imbricada em tais processos.

A sociedade em rede não se limita ao mundo virtual/digital; ela se expande por meio de uma combinação dinâmica entre espaços e fluxos físicos e digitais. A essência desse modelo é definida por práticas sociais mediadas por essa estrutura, em um mundo cada vez mais integrado entre o material e o imaterial. Portanto, pensar esse espaço de fluxos torna-se indispensável para compreender as dinâmicas contemporâneas de interação e organização social.

Quanto aos conceitos de virtual e digital, cabe destacar que apresentam diferenças significativas e, mesmo que ambos os termos sejam habitualmente utilizados de forma recíproca, suas distinções são fundamentais para o entendimento dos fenômenos contemporâneos ligados à tecnologia, à educação e à cultura.

O filósofo e sociólogo Pierre Lévy (2010, 2011) define o virtual como aquilo que existe como potência, desdobrando-se ao longo do tempo e sendo ampliado pelo processo de digitalização que dá origem a um conjunto de possibilidades.

⁶ Rede de objetos físicos incorporados com sensores, *softwares* e outras tecnologias que permitem a troca de dados entre dispositivos e sistemas pela internet – “objetos inteligentes”. A IoT conecta objetos cotidianos à internet, facilitando a comunicação entre pessoas, dispositivos e processamento de dados, coletando e compartilhando dados com pouca intervenção humana, de maneira autônoma, o que permite que sistemas digitais monitorem e ajustem automaticamente as interações, integrando o mundo físico e o digital. Disponível em: <https://www.ibm.com/br-pt/topics/internet-of-things>. Acesso em: 15/12/2024.

Já o termo digital diz respeito à tecnologia que utiliza dados numéricos, comumente representados por sinais eletrônicos ou magnéticos que possibilitam o processamento, o armazenamento e a transmissão de informações por dispositivos eletrônicos, como plataformas e sistemas baseados em tecnologia digital, como *sítes*, aplicativos e redes sociais.

Os conceitos tornam-se significativos para a discussão, pois o espaço virtual pode ser interpretado como um conceito mais abrangente, que abarca não apenas os ambientes digitais, como também os espaços conceituais e imaginários. Dessa forma, compreender as nuances entre o virtual e o digital ajuda a abranger de forma crítica os aspectos sociais da tecnologia na sociedade contemporânea.

Nesse contexto, o corpo social deixa de ser um domínio autônomo ou preexistente e passa a ser entendido como algo que emerge continuamente de conexões entre humanos, objetos, tecnologias, ideias e outras entidades. A busca por novas associações torna-se central, já que é nesse processo de descoberta que se torna possível identificar os agregados que formam as bases do que chamamos de social. Esses agregados não são fixos; eles se reconfiguram constantemente, refletindo a fluidez das interações que os compõem.

Neste ponto, cabe apontar a pertinência da Teoria Ator-Rede (ANT). Latour (2012), ao falar sobre estrutura social, evidencia que o conceito que engloba essa temática por vezes obscurece a complexidade das relações em rede, pois de maneira oposta, ao pressupor estruturas preexistentes (o social, homogêneo, como já dado), a ANT sugere que as redes emergem das próprias interações, de forma que o foco se desloca para os processos dinâmicos de associação e dissociação (heterogêneos), buscando capturar as interconexões que constituem o social e configuram o mundo em que vivemos.

Ainda segundo o autor, uma nova noção de social precisa ser concebida, uma que transcenda os limites habituais do termo e que, ao mesmo tempo, esteja cuidadosamente direcionada à investigação de novas associações e à configuração de seus agregados. Essa abordagem propõe um afastamento das interpretações convencionais, que frequentemente confinam o social a uma esfera restrita de relações humanas, e abre caminho para uma compreensão mais abrangente, na qual o social é visto como o processo de interações dinâmicas e heterogêneas. De acordo com ele,

[...] outra noção de social tem de ser descoberta: *bem mais ampla* do que a usualmente chamada por esse nome e, ao mesmo tempo, *estritamente limitada* à busca de novas associações e ao esboço de seus agregados. [...] Segundo essa visão, o direito, por exemplo, não deve ser visto como algo explicável pela “estrutura social” além de sua própria lógica interna; ao contrário, sua lógica interna é que pode explicar alguns traços daquilo que faz uma associação durar mais e estender-se por um espaço maior (Latour, 2012, p. 25, grifos do autor).

Quando incorporamos essa perspectiva, sinalizamos uma mudança no foco da análise, passando das estruturas e relações humanas para incorporar conexões com diversos elementos (materiais, simbólicos, institucionais, digitais, entre outros), que podem compor redes de associação. Essa abordagem requer um plano cuidadoso de observação dos agregados, a fim de mapear não apenas sua formação, como também suas transformações no decorrer do tempo.

Levando isso em conta, tal pensamento nos instiga a repensar os cenários das ciências sociais e demanda explorar o social como um fenômeno em desenvolvimento constante, delineado por um amplo encadeamento de associações que, reunidas, representam a realidade na contemporaneidade.

Percebendo os pormenores, apreendemos dos debates na atualidade que estamos sofrendo por superfluidez, como bem observa Sibilia (2012). Muito pouco ou mesmo nada é filtrado ou se assenta na experiência e na vivência dos sujeitos, em que as conexões atuais, como um eterno recomeço, sequer precisam de muros ou paredes para moldar os corpos e as percepções.

Nossa responsabilidade, portanto, é não temer ou esperar, e sim buscar novos instrumentos e linhas de fuga, criando estratégias para superar velhos paradigmas e reduzir o controle da sedução desse mundo de infinitas possibilidades. Deve-se buscar resistir à mobilização incomensurável e, por tal meio, criar fluxos de sentido e densidade às experiências, para que todo esse impulso não termine em um circuito vazio e se dissipe no tédio.

De fato, os meios sociotécnicos têm nutrido a complexidade da mente humana, ao ponto de poder refletir profundas mudanças entre o ser humano e a tecnologia. Segundo Santaella (2020, p. 149):

Quando são pensadas as consequências das tecnologias, especialmente das tecnologias digitais na área da educação, de saída, é necessário abandonar a concepção minimizadora do computador como mera ferramenta, pois as tecnologias computacionais são, acima de tudo, tecnologias da inteligência.

A humanidade está vivendo um novo ciclo cognitivo, declarado pela dataficação e plataformização, o que revela uma simbiose entre o biológico e o tecnológico. Por dataficação, a autora declara se referir à conversão do comportamento humano em dados digitais rastreáveis, em que a atividade cotidiana se transforma em fontes de dados para as organizações. Por plataformização, a autora considera a mediação de atividades sociais, econômicas e culturais por meio da infraestrutura digital, provocando uma crescente correlação entre as plataformas digitais e as interações e comunicações sociais.

Dado o exposto, inferimos que as transformações tecnológicas e porventura cognitivas demandam uma reavaliação das práticas na pesquisa em educação, já que nesse contexto de integração, em que as fronteiras entre o humano e o tecnológico estão cada vez mais difusas, se torna necessário um olhar de transformação e fluidez digital que levante questões sobre nossa própria identidade e como isso nos transporta para a ideia de expansão dessas oportunidades para o campo da pesquisa e da educação.

Neste caminho, em meio aos achados e às trilhas que nos possibilitaram seguir os atores encontrando seu território, percebemos nos meios digitais um dos lugares em que compartilham sua produção e constroem coletivamente seu conhecimento e que se tornou mais proeminente durante a pandemia de covid-19. Hoje esse território representa um grande potencial de associação e evolução; trata-se de um local em que os pesquisadores obtêm e analisam as informações, colaboram, se conectam com os demais e mesmo com o público, promovem estudos, divulgação e discussão de conhecimento, formação de comunidades e fomento de parcerias nacionais e internacionais.

Para apresentar mais detalhadamente tal perspectiva, reunimos, mediante levantamento bibliográfico e revisão narrativa, os grupos de pesquisa selecionados por meio de palavras-chave na base de dados do Diretório de Grupos de Pesquisa do Brasil do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (DGPB/CNPq). Dos grupos selecionados procuramos identificar as práticas emergentes que sobressaíram no contato desses coletivos com o mundo conectado pela rede digital, para então tecer uma busca das atividades do núcleo analisado considerando esses enfoques.

Assim, deparamos com um plano de forças, que é o de habitar esse próprio território, no sentido de partilha e de pertencimento, ocupando uma posição tanto de

pesquisadora quanto de sujeito/ator. Dessa forma, a pesquisa deixa de “ser produção de conhecimento do sujeito cognoscente sobre o objeto, do pesquisador sobre o campo, para ser ação de ‘estar com’ ou de transversalidade em um plano comum” (Kastrup; Passos, 2014, p. 27).

Ao seguir inicialmente uma ampla rede de conexões, conseguimos compreender em quais espaços os grupos costumam habitar no universo *online*, de modo a alcançar de maneira acessível e dinâmica o compartilhamento de ideias e a colaboração remota. Por fim, acompanhamos o Núcleo de Pesquisa em Artes na Educação (NUPAE), com a intenção de transitar por essa paisagem em sintonia com os afetos, buscando, ao mesmo tempo, trilhar caminhos de conhecimento e participar da experiência desse mundo.



4 PERCORRENDO FERRAMENTAS OUTRAS PARA EXPERIENCIAR O ESPAÇO ENTRE A ARTE E A EDUCAÇÃO

Totó, tenho a sensação de que não estamos mais no Kansas.

(O mágico de Oz, 1939 – adaptado)

Como evidenciado nos capítulos anteriores, as atualizações técnicas e digitais geralmente têm uma repercussão significativa nas linguagens e nas relações de contexto político e social. Isso porque nem a tecnologia nem o contexto são neutros; eles são influenciados e moldados pelas forças sociais existentes, assim como nenhum campo de conhecimento fica imune às mudanças tecnológicas.

A exemplo disso, a introdução da fotografia e do cinema trouxe mudanças significativas na forma como vemos e compreendemos a realidade e alterações na forma como a arte é produzida e consumida. Dessa maneira, a internet e as redes sociais também tiveram um impacto significativo no modo como as pessoas se comunicam, se relacionam e consomem informações, bem como na forma como a política, a cultura e a economia funcionam.

As ferramentas digitais, em geral, têm implicações significativas nas relações de contexto político e social e são concomitantes com as problematizações. Isso porque as novas tecnologias também trazem desafios éticos e políticos, como a privacidade, a segurança de dados e a desigualdade digital. Tais desafios precisam ser levados em conta na discussão sobre as instruções das atualizações técnicas, porém sem que tenhamos fora de alcance toda a mudança de paradigma e comportamento que elas trazem às mais diversas áreas do conhecimento.

De maneira concisa, podemos refletir que o avanço tecnológico não insere apenas uma nova ferramenta no meio presente, mas pode ocasionar mudanças nas relações e redes sociais envolvidas, exigindo uma adaptação e trazendo desafios, principalmente para a linguagem, tendo em vista que a tecnologia hoje interfere nas dinâmicas sociais já estabelecidas, pois, ao mesmo tempo em que pode otimizar a disponibilidade de informações, pode criar obstáculos a diferentes grupos quando pensamos, por exemplo, nas questões relacionadas à inclusão digital.

A natureza dinâmica, interconectada e cada vez mais acelerada da evolução tecnológica altera aspectos da vida das pessoas, como no lazer, no trabalho, no

ensino e na aprendizagem, podendo avançar nos mais diversos espaços de sociabilidade e comunicação digitais.

Castells (1999, p. 43), logo no prólogo de seu livro *A sociedade em rede*, declara: “[...] a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas”. Introduz, dessa maneira, seu exame de como a revolução tecnológica afeta a sociedade nas mais diversas perspectivas, focando principalmente na sociedade em rede.

O autor argumenta como esses fatores influenciam a estrutura social, econômica e política, de forma que a informação conectada por redes pode agir tanto sobre a própria tecnologia quanto sobre as experiências e a existência individual e coletiva, transfigurando os modos de ser, comunicar, consumir etc.

As relações entre a linguagem e as mídias digitais são complexas e profundas e transformam a forma como nos comunicamos, compartilhamos informações e interagimos na era digital, já que permitem a combinação de diferentes modos de expressão, por meio de textos, imagens, áudio, vídeo, *hiperlinks*, em uma única plataforma. Tal mecanismo enriquece a forma como nos relacionamos, criando formas expressivas e interativas multimodais, simultâneas e interculturais.

As mídias agem na linguagem, influenciando sua forma, seu conteúdo, seu alcance e sua interpretação. Essas relações, em constante transformação, moldam a maneira como nos comunicamos e evidenciam como a linguagem desempenha um papel fundamental na experiência digital. A relação com a linguagem nas mídias digitais tem potencial de oportunizar a nossa construção de identidade, implicando na forma como nos apresentamos no mundo. Nas palavras de Nicolaci-da-Costa (2022, p. 197-198):

[...] as novas formas de organização social (virtual e em rede) e o novo espaço (imaginário porém vivido como concreto) geraram (e ainda vêm gerando) alterações não somente nos comportamentos, mas também na constituição psíquica dos homens, mulheres e crianças dos nossos dias. [...] estudos da subjetividade contemporânea apontam numa mesma direção: tal como a primeira Revolução Industrial deu origem a um longo processo de mudanças que resultou na emergência do homem do século XX, a Revolução da Internet desencadeou um processo de transformações, ainda em curso, que está gerando o homem do século XXI.

De certa forma não há como retornar ao mundo analógico; precisamos, sim, refletir sobre como podemos utilizar os meios digitais e nos inserirmos nesse fluxo informacional, tendo em conta que

há uma profunda movimentação em curso e ela não é nada comparável ao ritmo que marcou a internet desde meados dos anos 1990. Se as primeiras décadas foram as de esperança em uma sociedade do conhecimento e da inteligência distribuída, que tiveram seu ápice com a definição das licenças Creative Commons em 2001, a consolidação das redes sociais estabeleceu um cotidiano 24/7 e a sociedade do cansaço (Beiguelman, 2021, p. 8).

Portanto, à proporção que ocorre a popularização das tecnologias e os algoritmos se fundem nas experiências de vida (oportunizando a criação de mídias mais envolventes e interativas), há também a expansão das narrativas combinando vários elementos, o que faz prosperar as intenções de cocriação e mobilização para o interesse comum, contribuindo para a cultura colaborativa e experiências alternativas em que os partícipes cooperam ativamente com o conteúdo disponível e não apenas o consomem.

E, da mesma maneira, essas relações, além de trazerem novas perspectivas promissoras, tencionam a mediação do cotidiano, revelando disputas e poderes, novas formas de exclusão e de resistências, as quais demandam um olhar atento.

Tendo em vista esses aspectos, consideramos que os modos de ser e existir, tanto do corpo educacional quanto do seu entorno, estão marcados por conflitos, pois são forjados e estão em desenvolvimento imbricados por tecnologias de determinadas épocas. Seguindo por tal reflexão e influenciadas por Beiguelman (2021), questionamo-nos: De qual tipo de escola necessitamos para forjar os corpos e as subjetividades para o futuro; e da mesma maneira, podemos interpelar sobre quais perspectivas estamos formando os pesquisadores do futuro e para qual mundo acadêmico eles vão se preparar para participar? Ainda, de quais formas nossas pesquisas e nosso dia a dia se mostram e se envolvem com as formas de pensar e agir da nossa época?

E, do mesmo modo como em outros campos de atividade, as Artes incorporam e debatem as influências das inovações tecnológicas tanto nas produções artísticas, em seu ensino, sua divulgação e aprendizagem quanto na recepção e utilização por parte de seu público.

De certa forma, o acesso às mídias pode fomentar a busca por experiências estéticas e instituições culturais, as trocas de conhecimento e de práticas, visto que as plataformas contemporâneas parecem representar um fator de divulgação e democratização de acesso em larga escala, mas não uma substituição ou isolamento de outras práticas ou experiências. Como exemplo disso, os filmes em *streaming* não substituíram a procura pelas salas de cinema e tudo o que elas proporcionam em

termos de experiência cinematográfica. Constituem-se, portanto, práticas muito complexas que se reforçam e se excluem mutuamente.

À vista disso, segundo Martins (2018, p. 109), devemos considerar que

não se pode mais dizer que as tecnologias digitais simplesmente substituem as práticas culturais tradicionais, torna-se necessário saber como elas se acoplam, como podem ser lidas em conjunto, como se esforçam mutuamente e qual é o impacto de outras variáveis como renda e urbanização, sobre elas. É fundamental que se evite compreender suas dinâmicas sociais como vetores independentes e se perceba a tecnologia como um reflexo dessa dinâmica complexa.

O outro elemento a se considerar é o papel dos algoritmos e seus efeitos nas estratégias de governança, mediação e socialização em rede. Entrelaçados às tecnologias digitais, eles organizam as experiências e criam zonas de visibilidade e invisibilidade de conteúdos, pessoas, organizações e formas de socialização. Seus efeitos são determinantes, mas o seu impacto nas práticas culturais ainda é largamente desconhecido.

A mediação, cada vez mais frequente, efetivada por meio de tecnologias digitais já é uma realidade em nosso cotidiano, o que nos leva a pensar o quanto também ela pode significar modificações na cultura, em nosso *habitus*⁷, tendo em vista que tensionam os modos de agir, pensar, sentir, relacionar e outros tantos sentidos presentes na vida da coletividade e que afetam os modos como as comunidades percebem o mundo ao seu redor.

De fato, é perceptível que as pessoas estão desenvolvendo suas leituras sobre arte e educação trocando informações e construindo conhecimentos por meio das novas mídias, o que, por consequência, exige maior atenção daqueles que realizam suas pesquisas nesse campo.

A associação entre a arte e as atualidades tecnológicas, proposta principalmente pelos meios digitais em sua relação com o público, tem sido abordada por diversos estudiosos, como Walter Benjamin, Arlindo Machado, Lucia Santaella, entre outros. Suas contribuições são referenciais para aqueles que lidam com a divulgação e o ensino e aprendizagem das Artes e que transitam pelos territórios das sensibilidades, da cocriação e percepção artística.

Sobretudo, refletimos se é possível projetar neste encadeamento algumas práticas de determinados grupos atuantes pelas redes sociais e páginas, que terminem por lançar águas nos modos como pensamos e agimos na/com a

⁷ Cf. Boudieu.

popularização de questões sobre o ensino e aprendizagem da Arte na contemporaneidade.

De acordo com a publicação *A ciência e a tecnologia no olhar dos brasileiros. Percepção pública da C&T no Brasil*, do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE, 2017), o estudo da cultura científica vem se aprimorando, ultrapassando os limites do próprio meio acadêmico e perpassando o público, os indicadores e a avaliação de competitividade científica, como também a formulação de políticas públicas para a educação, a ciência e a tecnologia.

Somando-se aos indicadores convencionais, como números de patentes, distribuição de pesquisadores, quantidade e impacto de artigos científicos publicados, entre outros, estão novos parâmetros, como percepção pública sobre Ciência e Tecnologia (C&T) e democratização e engajamento da sociedade com temas científicos. Assim, esse enfoque mais abrangente fornece importantes “[...] subsídios aos formuladores de políticas públicas no aprimoramento das ações pertinentes aos campos educacional e de divulgação científica” (CGEE, 2017, p. 13).

A análise dos resultados da pesquisa supracitada demonstra que, em relação à avaliação da cobertura midiática, feita por TV, internet ou redes sociais e jornais impressos, as razões de a apresentação da ciência ser considerada insatisfatória são:

(1) O número de matérias é insuficiente (36%, 23%, 37%, respectivamente); (2) as fontes geralmente não são confiáveis (23%, 32%, 24%); (3) o conteúdo é de má qualidade (21%, 18%, 21%); (4) as matérias são tendenciosas (21%, 18%, 17%); (5) são ignorados os riscos e os problemas que a aplicação da C&T pode causar (19%, 12%, 12%); (6) em geral, é difícil entender as matérias (13%, 11%, 11%). Note-se que, no caso da internet, a ordem das duas primeiras razões se inverte, indicando que as pessoas têm uma preocupação maior com a confiabilidade das fontes da informação neste meio (CGEE, 2017, p. 55).

Seguindo por essa trilha, observamos que a pandemia de covid-19 proporcionou aos professores e pesquisadores maior visibilidade e atuação nos meios de comunicação. Apesar das limitações e desafios envolvidos, a divulgação científica passou a fazer parte do cotidiano e do enfoque do público. Para os docentes, estabeleceu-se uma conexão de práticas, trocas e de autoformação por meio das mídias digitais.

Em sua pesquisa acerca de como a percepção da sociedade brasileira sobre a ciência, os cientistas e as universidades se alterou com a pandemia de covid-19, Sígolo *et al.* (2023) encontraram aumento da confiança da população para 82%, atingindo o maior patamar da série, corroborando que “o crescimento da confiança em

cientistas, notadamente de universidades e institutos públicos, indica que a ciência não está restrita a laboratórios e especialistas e tem alcançado maior reconhecimento na sociedade” (Sígolo *et al.*, 2023, p. 3692).

No entanto, embora a pesquisa e a troca de conhecimento com a utilização das mídias digitais tenham tomado fôlego e se popularizado no período (com aumento de publicações, canais e perfis de cientistas), é necessária a manutenção de uma postura ativa para a divulgação científica, valorizando a universidade e fixando presença para a comunidade, sobretudo em regiões mais desprovidas de atenção do poder público. Nesse sentido, Sígolo *et al.* (2023, p. 3693) comentam:

As instituições de pesquisa e a comunidade científica tiveram atuação fundamental no combate à pandemia, apesar do cenário de cortes de recursos na área. Além dos institutos de pesquisa, as universidades ampliaram suas ações, articuladas à sociedade civil e a movimentos sociais e governos locais [...]. No entanto, as pesquisas apontam que o crescimento do interesse em ciência, da credibilidade de cientistas e do reconhecimento dos institutos de pesquisa não se estende às universidades públicas.

Isso revela que aproximar-se da comunidade nas mais diferentes esferas, sejam sociais, econômicas ou políticas, enseja uma mudança de pensamento, estratégia e estrutura empregada pelos próprios pesquisadores e universidades (centro da produção científica no Brasil) para que a renovação venha, mesmo que aos poucos, se consolidando.

A comunicação da ciência, da tecnologia e da arte, a fim de se aproximar da vida das pessoas, demanda dedicação em diversas frentes até que chegue ao seu destino; para tal propósito, a presença da mídia pode ser crucial. A internet, por exemplo, permite o acesso a uma ampla variedade de obras de diferentes épocas e culturas, bem como a análises, textos e referências. Já as redes sociais possibilitam que as pessoas compartilhem e discutam suas opiniões sobre esses e outros temas. Por essa trilha nos sentimos conectados com o conteúdo sensível de nossa cultura.

Além disso, as novas tecnologias, como a realidade virtual e a inteligência artificial (IA), oferecem outras formas de interagir com a arte e praticar a educação com a coletividade, como atualmente (e não menos polêmica) a criação de imagens, textos, entre outros, gerados por computador (IAs generativas). Todavia é importante considerar que a interpretação da arte, sua pesquisa, ensino e mesmo a educação são influenciadas pela cultura e experiência de cada ser. Portanto, as leituras e interpretações podem variar muito a depender do repertório de cada um.

As inovações e as experiências diversificadas com a educação têm evidenciado a movimentação das pesquisas, podendo ser possível mapear como os diferentes campos de conhecimento elaboram e divulgam sua teoria e prática. A esquematização dessas produções pode destacar tendências, proposições e categorias dos fenômenos que pretendemos estudar, revelando discursos emergentes e relevantes, bem como interrupções e contradições ao longo do percurso.

4.1 ENCONTROS E DIÁLOGOS COM O CAMPO DE ESTUDOS EM ARTE EDUCAÇÃO E AS TECNOLOGIAS

A aproximação e a disponibilidade em relação à arte conduzem a um panorama em que possamos considerar as experiências estéticas, suas relações, seus meios de contato e as formas de visibilidade das práticas e dos afetos, como exemplifica Dewey (2010): ter uma experiência como algo que flui continuamente em uma singularidade que não é tão só afetiva, quanto prática, nem intelectual, mas sim sua integralidade. Dessa forma, ajustamos a argumentação para focar as práticas comunicacionais e sociais decorrentes dos usos híbridos da tecnologia na experiência de ensino e aprendizagem que culminam em práticas artísticas, estéticas e de divulgação de conhecimento científico diferenciadas na atuação do grupo de pesquisa selecionado.

Por tal ângulo, pode-se dizer que, dentre as estratégias de fomento e difusão correntes, no âmbito do ensino da arte e das experiências estéticas, tanto no ensino formal quanto no ensino não formal, está a ênfase no diálogo e na atitude colaborativa e provocativa na formação de percepções diversificadas sobre e com a arte.

Ao analisarmos as questões sobre a percepção, a perspectiva de Merleau-Ponty (2002, p. 15) demonstra que podemos ser capturados e nos apoderar das experiências recorrendo à linguagem, dado que,

à medida que sou cativado por um livro, não vejo mais as letras na página, não sei mais quando virei a página; através de todos esses sinais, de todas essas folhas, visto e atinjo sempre o mesmo acontecimento, a mesma aventura, a ponto de não mais saber sob que ângulo, em qual perspectiva eles me foram oferecidos [...]. Assim um grande livro, uma grande peça de teatro, um poema está em minha lembrança como um bloco. Posso perfeitamente, revivendo a leitura ou a representação, lembrar-me de tal momento, de tal palavra, de tal circunstância, de tal mudança da ação.

No que alcança as linguagens, como discutido por Santaella (2003), a pós-modernidade traz consigo a chegada maciça dos meios digitais, para os quais prevemos a hibridização, a segmentação, a linearidade e a individualização dos fenômenos comunicacionais e, conseqüentemente, artísticos.

Seguindo as reflexões de Santaella (2005), reverberamos os questionamentos sobre as perspectivas em que as artes e as comunicações possam convergir (e podemos refletir que, por conseguinte, o ensino e sua difusão também possam). Isso porque, para a autora, os produtos simbólicos, sobretudo as imagens, tornam complexas as relações se pensarmos as artes somente pela via convencional e anacrônica das belas artes, bem como as comunicações somente pelos seus atributos padronizados de comunicação de massa.

Da mesma forma, podemos nos indagar sobre a construção comunitária da mediação do conhecimento em Arte e sensibilidades em um ambiente *online*, de maneira que possamos estabelecer nas tecnologias um novo espaço de intervenção, representação e narrativas com as expressões artísticas e seus públicos, anunciando delineamentos de mediação por midiatização. Essa discussão remete também a Bourdieu (1996), ao refletirmos sobre como os meios tecnológicos agem na enunciação de bens simbólicos do campo artístico e intelectual, manifestando-se nos discursos e na apropriação simbólica por parte da coletividade.

Pimentel (2012) acredita que a apropriação, a ressignificação, a manipulação e a desconstrução da imagem por meio das novas tecnologias refletem o nosso tempo, contudo a Arte sempre transcendeu e se valeu das inovações para seus processos de criação. Assim, torna-se necessário o desenvolvimento de uma análise crítica dos desafios e recursos disponíveis na contemporaneidade e que saibamos nos posicionar e escolher as maneiras mais apropriadas de encorajarmos a nossa contextualização, fruição, produção de conhecimento e expressão com a Arte e seu ensino.

À vista disso, a investigação que se iniciou neste estudo com a consulta dos grupos de pesquisa que compõem o DGPB/CNPq, identificados por meio de palavras-chave, com o intuito de melhor compreender e mapear aqueles cuja essência se baseia na construção de experiências, verificou que os actantes tendem a deixar rastros, ou melhor, trilhas, que permitem acompanhar sua atuação. Ou seja, mais do que se deter nos significados dos materiais e acontecimentos, o foco se dá sobre o que é feito e está em atividade nessas conexões. Isso significa entender como se dão

as participações nos processos, conferindo uma performatividade aos arranjos de participantes, dado que,

para empregar um *slogan* da ANT, “cumprir seguir os próprios atores”, ou seja, tentar entender suas inovações frequentemente bizarras, a fim de descobrir o que a existência coletiva se tornou em suas mãos, que métodos elaboraram para sua adequação, quais definições esclareceriam melhor as novas associações que eles se viram forçados a estabelecer (Latour, 2012, p. 31).

Muito além da própria produção, o que nossa busca propôs, e será exposto adiante, foi encontrar associações entre os atores e suas redes e suas formações de grupos, exercendo forças umas sobre as outras.

Tendo em vista que tais redes são formadas de relações que tencionam estabilizar-se entre fluxos humanos e elementos não humanos que produzem o que chamamos de “social”, apresentamos a seguir um estudo que destaca como uma dessas formações de grupo acontece e pode ser mantida.

4.2 O CAFÉ TAMBÉM PODE SER ONLINE

A divulgação da pesquisa em/com Arte desempenha um papel substancial em vários aspectos, como no avanço e na compreensão das diferentes dimensões da criação artística e da mesma forma o seu ensino e sua pesquisa.

Assim como em outras áreas do conhecimento, a pesquisa em/com Arte visa aprofundar nossa compreensão das práticas artísticas, estilos, técnicas, processos de criação, métodos de ensino e contextos históricos e culturais, promovendo também um diálogo multidisciplinar entre a arte, a ciência e a tecnologia como maneira de fomentar a produção do conhecimento e o compartilhamento de informações.

Desse modo, a internet e as redes sociais configuram-se como plataformas qualificadas para a troca de conhecimento e a colaboração entre artistas, professores e estudantes, permitindo que seus conhecimentos e habilidades sejam compartilhados com outras pessoas de diferentes partes do mundo e que possam aprender e ensinar por meio dessa conexão.

As mídias digitais também podem ser usadas para criar ambientes de aprendizagem colaborativos, como projetos de arte em grupo e ferramentas de criação de arte em nuvem, que possibilitam que os atores trabalhem juntos para desenvolver suas capacidades. A educação e as mídias digitais podem estar envolvidas no desenvolvimento da sociabilidade, propiciando aos estudantes e

professores maneiras diversas de aprender e se comunicar sobre arte e os mais variados assuntos. Assim, eles conseguem se conectar e colaborar de maneira mais fácil e acessível.

Constatamos, principalmente com as experiências vividas durante a pandemia de covid-19, que por intermédio das mídias digitais, utilizadas em computadores, *tablets* e *smartphones*, é possível acessar uma variedade de recursos educacionais, como ferramentas de colaboração em tempo real, vídeos, imagens, artigos e aulas *online*, assim como aplicativos de realidade virtual e aumentada que podem ajudar os estudantes e professores a aprenderem e ensinarem de forma mais interativa e envolvente. Similarmente, também podem ser usadas para criar e compartilhar arte, vídeos, materiais, entrevistas e mais, o que pode ajudá-los a desenvolver suas habilidades e a expressar sua criatividade de modo mais imersivo e envolvente.

No que se refere à internet em geral, esta oferece uma variedade de plataformas e canais que permitem que os produtores de conteúdo compartilhem e promovam seu trabalho de maneira ampla e acessível, como redes sociais (Instagram, Facebook, Twitter) e páginas pessoais. Plataformas de vídeo, como o YouTube e o Vimeo, também oferecem aos usuários a possibilidade de mostrar seus trabalhos em formato de vídeo, o que é uma excelente maneira de obter exposição e conectar-se com seu público. Além disso, a internet também possibilita que pessoas colaborem e compartilhem seus conhecimentos e habilidades com comunidades criativas em todo o mundo. Existem inúmeros fóruns, comunidades e grupos *online* que fornecem plataformas para que os usuários discutam, compartilhem ideias e deem e recebam *feedbacks*.

Por conseguinte, investigamos que, aliados ao ensino e à aprendizagem da Arte, esses recursos são capazes de promover o pensamento crítico, potencializar o processo criativo e as habilidades de inovação.

Quando se fala em produção de conhecimento científico na área da Arte, os grupos de pesquisa e as universidades apresentam-se como grandes provocadores da integração do ensino da arte à pesquisa, fornecendo um contexto estimulante para que haja a pesquisa de diferentes conceitos que favoreçam o processo criativo e auxiliando na comunicação para o público em geral, especializado ou não.

Expandindo a leitura de Latour (2012), percebemos que há uma preocupação latente do autor em apresentar reviravoltas para a sociologia da ciência. Dessas

observações, surgiram alguns questionamentos acerca do tema: Quais os traços que nos unem? Quais as trilhas e pistas que percorremos e quais marcas deixamos?

Sob tal perspectiva, no levantamento a seguir procuramos identificar aquilo que torna um amontoado de pessoas um grupo, o que agrega e reagrega as pessoas, quais são as associações que fazem do grupo o que ele é, quais são as estruturas que se movem constantemente ao seu entorno, o que há em comum na constituição desses coletivos.

4.3 OS GRUPOS DE PESQUISA COMO COLETIVOS SOCIOTÉCNICOS

Quando o sentido de coletivo está atrelado ao social, acaba por indicar uma dimensão da realidade que se opõe à esfera individual, que revela uma dicotomia presente na ciência retratada pela oposição entre os objetos e os saberes, desdobrando-se por entre as disciplinas, como, por exemplo, o estudo dos fenômenos individuais pela Psicologia e o estudo dos fenômenos sociais/coletivos pela Sociologia (Escóssia; Kastrup, 2005).

As autoras especificam a problemática da dicotomia indivíduo-sociedade por uma integração de abordagens de diversos autores em diferentes campos de saber, como Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault, Paul Veyne, Bruno Latour, Michel Callon e John Law, com o intuito de propor um conceito de coletivo que não se reduz ao social ou à coletividade, tampouco ao jogo de interações sociais. Como dizem: “O conceito de coletivo surge aqui ressignificado, entendido como plano de co-engendramento e de criação, indicando um caminho peculiar e fecundo para a superação da referida dicotomia” (Escóssia; Kastrup, 2005, p. 296).

Resgatando essas ideias iniciais, nos concentraremos na perspectiva de Latour sobre o tema, quando aborda em sua obra *Jamais fomos modernos* (2019) a mediação do laboratório, ao falar da realidade cotidiana das ciências. Percebemos que, para ele, esses instrumentos são capazes de testemunho confiável, pelos quais se torna possível a reprodução dos fenômenos em estudo. No entanto há um debate acirrado em que se apresentam porta-vozes políticos (traduzem aqueles que falam todos ao mesmo tempo) e porta-vozes científicos (traduzem aqueles que por gênese não têm voz), representando, por sua vez, os sujeitos de direito de um lado e os objetos da ciência de outro.

Todavia,

por crer na separação total dos humanos e dos não-humanos, e por simultaneamente anular esta separação, a Constituição tornou os modernos invencíveis. [...] [À] esquerda, as coisas em si; à direita, a sociedade livre dos sujeitos falantes e pensantes. Tudo acontece no meio, tudo transita entre as duas, tudo ocorre por mediação, por tradução e por redes, mas este lugar não existe, não ocorre. É o impensado, o impensável dos modernos. [...] Ao separar as relações de força de ordem política das relações de razões de ordem científica – mas sempre apoiando a razão sobre a força e a força sobre a razão – os modernos sempre tiveram duas cartas sob as mangas. Tornaram-se invencíveis (Latour, 2019, p.42-43).

A proposta de Latour, capturada em sua obra *Reagregando o social* (2012), seria tratar a sociologia como ciência de associações, agregadas e reagregadas entre humanos e não humanos (problematizando as dicotomias), de forma a tentar compreender a constituição do mundo. Por sua vez, reconfigura o social como um coletivo composto por agentes heterogêneos dispostos em redes, e propor pensar outro coletivo seria entrar em outra lógica de relações.

Nesse contexto, podemos inferir que um grupo de pesquisa está organizado e estendido por meio das redes das quais participa e atua por processos de associações, controvérsias e reciprocidade com as relações em que compromete sua existência.

Buscando a perspectiva do autor supramencionado, os grupos estão em constante formação, já que estão em processos contínuos de constituição, redefinição e afirmação de suas identidades, objetivos e características, mediados por um efeito transitório de renegociação dinâmica das práticas presentes nas redes.

Em continuidade ao tema, observamos o crescimento de investigações voltadas a coletivos heterogêneos de pesquisa e inovação, nos quais o laboratório deixa de ocupar uma posição central e a ênfase recai sobre o estudo das múltiplas formas de organização e interação que caracterizam esses coletivos diversos. Como destaca Callon (2008, p. 307-308), “[...] não se pode compreender a ação humana, e não se pode compreender a constituição de coletivos, sem levar em conta a materialidade, as tecnologias e os não-humanos”.

Portanto, motivadas por essa perspectiva teórica, identificamos a necessidade de apresentar o que se passa em uma rede, em nosso caso, uma rede caracterizada por um grupo de pesquisa. Callon (2008) indica que um aspecto significativo na rede sociotécnica é investigar o que circula entre os diferentes pontos, compreender a natureza dos elementos transportados, como ocorrem tais deslocamentos e o que está sendo produzido em termos de identidade. Dessa maneira, o interesse teórico e

metodológico do que transita pela rede permite analisar de que substância o social é composto e acompanhar sua dinâmica em constante transformação ligada a esses fluxos e conexões.

Na perspectiva de Latour (2012, p. 51-58) em relação aos grupos,

[...] ou seguimos os teóricos sociais e iniciamos a jornada determinando de início que tipo de grupo e nível de análise iremos enfatizar, ou adotamos os procedimentos dos atores e saímos pelo mundo rastreando pistas deixadas pelas atividades deles na formação e desmantelamento de grupos. [...] O delineamento de grupos é não apenas uma das ocupações dos cientistas sociais, mas a tarefa constante dos próprios atores. [...] Para o sociólogo de associações, qualquer estudo de qualquer grupo por qualquer cientista integra aquilo que faz o grupo existir, durar, decair ou desaparecer [...].

Toda colaboração é essencial, pois a formação ou reagrupação dos coletivos e as suas conexões são delineadas por meio de trabalho e esforço constantes em sua performatividade. Os movimentos de associação podem ser suspensos e retomados na forma de um núcleo comum, nos quais os participantes se empenham de forma explícita em seus desdobramentos, para manter e ampliar seus vínculos.

4.4 APRESENTAÇÃO DE GRUPO(S) DE PESQUISA E SUAS FERRAMENTAS ONLINE

De acordo com a legislação, as instituições de ensino devem ser estruturadas pelo tripé ensino, pesquisa e extensão, para que executem suas atribuições com excelência, sendo as três funções complementares e indissociáveis. A respeito disso, a Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988), na seção Da Educação, aborda no artigo 207 que as universidades, embora possuam autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, se submetem ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

O ensino prepara os alunos para a pesquisa, capaz de produzir conhecimento singular que pode ser aplicado para a prestação de serviços à comunidade, que, por sua vez, retroalimenta o ensino e a pesquisa, gerando novos desafios e oportunidades para o desenvolvimento acadêmico.

A pesquisa é uma atividade essencial para as universidades, realizada por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento; é por meio dela que as universidades produzem conhecimento original e inovador, que pode ser aplicado para resolver problemas reais da sociedade.

Será com base nesse campo de pesquisadores que falaremos, pois “[...] nossa entrada no mundo da ciência e da tecnologia será pela porta de trás, a da ciência em construção, e não pela entrada mais grandiosa da ciência acabada” (Latour, 2011, p. 17). Temos o intuito de acompanhar os processos e o cotidiano que levam os pesquisadores aos seus achados e não exclusivamente a partir de seus produtos prontos em forma de livros, artigos, entre outros.

Nesse contexto, os grupos de pesquisa são uma das formas mais comuns de organização de pesquisa nas universidades. Em geral, são formados por professores, alunos e pesquisadores independentes – de uma ou mais instituições em colaboração – que compartilham um interesse comum em uma área de estudo. Segundo o glossário *online* do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)⁸, a definição de grupo de pesquisa desdobra-se por

[...] um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente em torno de uma ou, eventualmente, duas lideranças:

- cujo fundamento organizador dessa hierarquia é a experiência, o destaque e a liderança no terreno científico ou tecnológico;
- no qual existe envolvimento profissional e permanente com a atividade de pesquisa;
- cujo trabalho se organiza em torno de linhas comuns de pesquisa que subordinam-se ao grupo (e não ao contrário);
- e que, em algum grau, compartilha instalações e equipamentos.

* O conceito de grupo admite aquele composto de apenas um pesquisador e seus estudantes⁹.

Os grupos de pesquisa desempenham um papel relevante e de grande mérito nas universidades, haja vista oferecerem aos pesquisadores uma plataforma para compartilhar suas ideias, contribuições e motivação, como também efetuar publicações e divulgação científica, receber financiamento para seus projetos, desenvolver habilidades e formar novos pesquisadores, até mesmo pelo intercâmbio de experiência, por compartilhamento de métodos, estudos, dados, *feedback*, entre outros. Grupos de pesquisa compartilham interesses por determinada área de conhecimento, estão vinculados às linhas de pesquisa de programas de instituições

⁸ <http://portal.cnpq.br/>. Acesso em: 25 jul. 2023.

⁹ http://lattes.cnpq.br/web/dgp/faq?p_p_id=54_INSTANCE_39Zlb9kA3d0e&p_p_lifecycle=0&p_p_state=normal&p_p_mode=view&p_p_col_id=column-3&p_p_col_count=1&_54_INSTANCE_39Zlb9kA3d0e_struts_action=%2Fwiki_display%2Fview&_54_INSTANCE_39Zlb9kA3d0e_nodeName=Main&_54_INSTANCE_39Zlb9kA3d0e_title=G01.+O+que+%C3%A9%20um+grupo+de+pesquisa%3F+Como+saber+se+as+atividades+desenvolvidas+por+um+c onjunto+de+pesquisadores+constituem+um+grupo+de+pesquisa%3F. Acesso em: 08 ago. 2023.

de ensino, de pesquisa, entre outras, e, por conta disso, orientam suas atividades acadêmicas em torno desse campo.

A Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd)¹⁰, estruturada em 23 Grupos de Trabalho (GTs) e três Grupos de Estudo (GEs), cada um dedicado a temas específicos da pesquisa educacional, estabeleceu-se como um espaço essencial para o desenvolvimento acadêmico e científico da educação no país, de forma que se propõe a conectar e fortalecer os programas de pós-graduação *stricto sensu* em Educação, promovendo o intercâmbio entre docentes, discentes e pesquisadores da área.

Para marcar a representatividade e consolidação dos grupos de pesquisa, destaca-se o GT 24 – Educação e Arte, cuja criação se deu de maneira singular e resultou de um processo reflexivo e dialético dentro da instituição, quando em 2005 os pesquisadores passaram a discutir a necessidade de um espaço para as relações entre educação e arte, evidenciando a importância da arte como parte essencial na construção do conhecimento educacional (Carvalho; Sabino, 2025).

Os GTs e GEs da ANPEd concentram nacionalmente o debate em determinado campo de conhecimento, reunindo ali os diversos grupos que atuam na pesquisa em cada um desses campos. Quando consolidados, é fundamental seu registro na base de dados do Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil (DGPB)¹¹, do CNPq, que reúne os dados daqueles que estão em atividade no país, apresentando um compilado dos recursos atuantes em pesquisas científicas e tecnológicas.

À vista disso, a plataforma utilizada para o levantamento de dados dos grupos de pesquisa existentes e relacionados à área temática foi o DGPB/CNPq, por meio de consulta parametrizada, atendendo aos critérios de base corrente. Aplicou-se a consulta por nome do grupo, nome da linha de pesquisa, palavra-chave da linha de pesquisa e repercussões do grupo; incluíram-se as situações certificado e não atualizado. Conjuntamente foram usados os seguintes termos de busca: arte, mídia, educação, comunicação e tecnologia, nas formas sequencial ou randomizada, incluindo todas as áreas do conhecimento, filtro de localização em todo o território nacional e tempo de existência do grupo sem especificação.

De acordo com Hine (2016), no contexto digital, a visualização ou mapeamento de atividades *online* pode ser extremamente valiosa para direcionar a

¹⁰ Entidade sem fins lucrativos, fundada em 1978.

¹¹ <https://www.lattes.cnpq.br/web/dgp/home>. Acesso em: 25 jul. 2023.

atenção do pesquisador para áreas de interesse específicas. Mesmo que saibamos que os mecanismos de busca não são neutros e exibem respostas distintas de acordo com as palavras-chave empregadas, eles são parte integrante da experiência *online* e constituem ferramentas relevantes da própria jornada de experiência de pesquisa.

O levantamento de dados foi efetuado entre os meses de agosto e setembro de 2023. Os resultados constam dos quadros 1 a 6:

Quadro 1 – Levantamento de dados DGPB

Palavras-chave	“arte, mídia, educação, comunicação, tecnologia”
Grupos recuperados utilizando todos os termos	0
Grupos recuperados utilizando qualquer termo	17.078

Fonte: Dados de pesquisa, da autora (2023)

Quadro 2 – Levantamento de dados DGPB

Palavras-chave	“arte, mídia, educação, comunicação”
Grupos recuperados utilizando todos os termos	0
Grupos recuperados utilizando qualquer termo	14.073

Fonte: Dados de pesquisa, da autora (2023)

Quadro 3 – Levantamento de dados DGPB

Palavras-chave	“arte, mídia, educação”
Grupos recuperados utilizando todos os termos	0
Grupos recuperados utilizando qualquer termo	12.855

Fonte: Dados de pesquisa, da autora (2023)

Quadro 4 – Levantamento de dados DGPB

Palavras-chave	“arte, mídia”
Grupos recuperados utilizando todos os termos	35
Grupos recuperados utilizando qualquer termo	2.545

Fonte: Dados de pesquisa, da autora (2023)

Quadro 5 – Levantamento de dados DGPB

Palavras-chave	“arte, educação, comunicação”
Grupos recuperados utilizando todos os termos	1
Grupos recuperados utilizando qualquer termo	14.612

Fonte: Dados de pesquisa, da autora (2023)

Quadro 6 – Levantamento de dados DGPB

Palavras-chave	“arte, comunicação”
Grupos recuperados utilizando todos os termos	47
Grupos recuperados utilizando qualquer termo	4.464

Fonte: Dados de pesquisa, da autora (2023)

Para possibilitar uma percepção com mais proximidade dos grupos que possuem focos e linhas comuns de pesquisa, selecionamos para levantamento apenas os grupos recuperados utilizando todas as palavras-chave. Destes, resultaram ao todo 83 grupos (Anexo D), dos quais 52 (cerca de 62%) possuem página na internet, declarada no diretório. Apesar disso, apenas dez (cerca de 0,083%) exibem postagens recentes; os demais parecem estar em desuso. Inferimos, pelas características apresentadas no levantamento, que a atualização de *sites* e/ou páginas ligados a grupos de pesquisa permanece pouco frequente.

Vale apontar que em nenhum dos levantamentos (apesar das palavras-chave combinadas: arte, mídia, educação, comunicação, tecnologia) o NUPAE foi identificado, enquanto outros grupos apareciam nos resultados apenas por conterem essas palavras-chave nas repercussões de seus trabalhos ou em suas linhas de pesquisa; em alguns casos, sequer havia ocorrência aparente desses termos. Tal fato diminuiu minha confiança na ferramenta de busca, ainda que o levantamento tenha fornecido aspectos gerais relevantes para a pesquisa.

Dessa maneira, identificamos que, ao menos, 31 desses grupos fazem uso frequente de plataformas de compartilhamento de vídeos para divulgar encontros, *lives*, colóquios, aulas, eventos etc. Com base em tal constatação, direcionamos nossa investigação por essa trilha, uma vez que tais plataformas são amplamente empregadas na difusão de suas atividades.



5 DAS TRILHAS ACADÊMICAS – A REPRESENTATIVIDADE DO NUPAE

A jornada é tão importante quanto o destino.
(O mágico de Oz, 1939 – adaptado)

Para delimitar a mudança textual, a partir deste ponto se inicia um relato etnográfico que buscou entrelaçar a reflexão teórica inicial com as experiências e vozes dos atores (partindo da minha própria), de maneira a evidenciar as situações vivenciadas e as interações desses processos (em conjunto com os conceitos) que possam ressaltar as práticas que envolvam a produção e o compartilhamento de saberes mediados pelas tecnologias.

Minha chegada ao NUPAE foi aos poucos, em 2014; logo me vi tomada pela curiosidade e pelo ritmo das novas leituras, experiências e trocas. Tinha o desejo de pesquisar, e o desafio estava em me inserir em um grupo de pesquisa – permaneço com essa conexão até hoje.

O grupo me proporcionou um ambiente de inquietação, promovido pelas pesquisas e pelo permanente estudo; senti-me motivada a continuar a investigação acadêmica, agora tendo como foco, mediante o curso de Doutorado em Educação da UFSC, os próprios processos e o contexto dos coletivos acadêmicos que me trouxeram até aqui.

Como relatado pelo próprio Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE) em sua página na internet e registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do Brasil do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (DGPB/CNPq), o grupo inicialmente foi

[...] criado e legitimado pela Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE em 2003 e cadastrado no CNPq no mesmo ano, tem como objetivo desenvolver ações no contexto interno e externo da instituição, com parceiros nacionais e internacionais.

O Núcleo é formado por bolsistas, professores e coordenadores das redes públicas e particulares da Educação Básica, acadêmicos e egressos do Ensino Superior e dos Programas de Pós-Graduação, Mestrados e Doutorados, artistas, promotores culturais e profissionais de diversas áreas e instituições locais, nacionais e internacionais.

O grupo reúne-se com o intuito de desenvolver estudos, pesquisas e produções nas seguintes linhas de pesquisa:

1. Educação Estética e Processos de Criação: investiga sobre experiências sensíveis, envolvendo interlocuções com processos de criação nos espaços formais, não formais e informais da educação.

2. Educação, Linguagens e Práticas Educativas: investiga sobre os diversos contextos do Ensino/Aprendizagem das Artes (visuais, cênicas, musicais, literárias e tecnológicas)¹².

O Núcleo foi criado no âmbito do Departamento de Artes Visuais e do Programa Institucional Arte na Escola da Universidade da Região de Joinville (Univille), uma instituição de cunho comunitário que evoluiu com a reformulação da Fundação Educacional da Região de Joinville (FURJ), com o fim de contemplar uma visão holística e interdisciplinar de ciência, abrangendo o ensino, a pesquisa e a extensão¹³. Formei-me em Bacharelado em Artes Visuais da Univille, colando grau em março de 2003.

No mesmo ano de 2003, um grupo de professores apresenta um projeto de criação de um Núcleo de Pesquisa, com vistas ao fortalecimento do ensino da arte na educação. Com tal iniciativa, germina o NUPAE, que passou a desenvolver várias ações na graduação e na pós-graduação, como seminários, publicações de livros, encontros e parcerias, contato com a comunidade (por meio de Estágios Supervisionados) e relações com o contexto do ensino formal e não formal.

Por questões conceituais, o que se apresenta é a busca por

aprofundar questões relacionadas à arte, à educação e à arte na educação atrelada à pesquisa, por entender que um Núcleo tem compromisso não somente com o desenvolvimento de pesquisas, mas, sobretudo com a produção e socialização de conhecimentos (Projeto de implantação de Núcleo, 2003, p. 05).

Em 22 anos de histórias e existência do Núcleo e quase 10 anos convivendo com o grupo, posso chamá-lo de meu lar acadêmico; fiz ali muitas amizades e venho experimentando muitas transformações. Temos muitas produções, pesquisas, promoções de eventos, tanto nacionais quanto internacionais; entendemos tais momentos de ensino e aprendizagem como um dos elos fundamentais dessa união.

No ano de 2023 éramos em torno de 17 pesquisadores, cinco estudantes, um técnico, um colaborador estrangeiro e diversos egressos que contribuíram em inúmeras etapas dessa caminhada (Figura 1). As linhas de pesquisa do Núcleo passaram por várias adaptações ao longo dos anos e refletiram as mudanças em torno

¹² Disponível em: <http://www.nupae.com.br/p/nupae.html>. Acesso em: 01 out. 2023.

¹³ Regimento da Univille. Disponível em: https://www.univille.edu.br/community/novoportal/VirtualDisk.html/downloadDirect/3578024/RegimentoUniville_atualizado_cominsercoes_outubro22.pdf. Acesso em: 04 fev. 2024.

da equipe e dos desafios educacionais. No entanto cabe salientar que as linhas de pesquisa foram criadas para serem abertas e estão constantemente sendo revisadas, possibilitando que pesquisadores de diversas formações contribuam e potencializem a integração de diferentes perspectivas e práticas. Isso enriquece o trabalho do grupo, uma vez que se utilizam estratégias variadas para integrar as diversas áreas do conhecimento, criando um ambiente interdisciplinar que enriquece a pesquisa e a prática educacional.

Figura 1 – Reunião do NUPAE



Fonte: Acervo da autora (2024)

Atualmente as duas linhas de pesquisa predominantes estão agrupadas de maneira a explorar temas como educação estética, sensibilidades, curadoria, crítica de arte, processos educativos em contextos formais, não formais e informais. Buscam integrar diferentes aspectos de expressão artística ao currículo educacional, a fim de ampliar o alcance da arte na educação, sem perder de vista as práticas curriculares, especialmente no ensino básico e superior. Procuram conectar a arte e a educação de maneira significativa, salientando métodos de ensino e aprendizado em diversas linguagens artísticas, incluindo artes visuais, música, dança, teatro e tecnologias educacionais.

Em vista disso, a marca principal do Núcleo, percebida no decorrer do tempo, foi e tem sido trazer a pesquisa como um aspecto fundamental da formação inicial e continuada dos docentes, para que eles possam ter uma visão crítica do conhecimento, que incorpore a arte e a sensibilidade em suas práticas pedagógicas e problematize os conceitos que praticam com os estudantes, bem como para que exerçam a capacidade de planejamento, a gestão da sala de aula/projeto e a avaliação da aprendizagem e dados coletados, vivenciando diversos aspectos do trabalho educativo.

As bases das atividades construídas pelo Núcleo perpassam a escuta, o companheirismo, a escrita, o estudo, a crítica, vislumbrando a pesquisa como um processo colaborativo de reflexão e do aprendizado mútuo e de enfrentamento das adversidades decorrentes desses movimentos, à medida em que se busca trazer suas contribuições ao campo da educação e da arte.

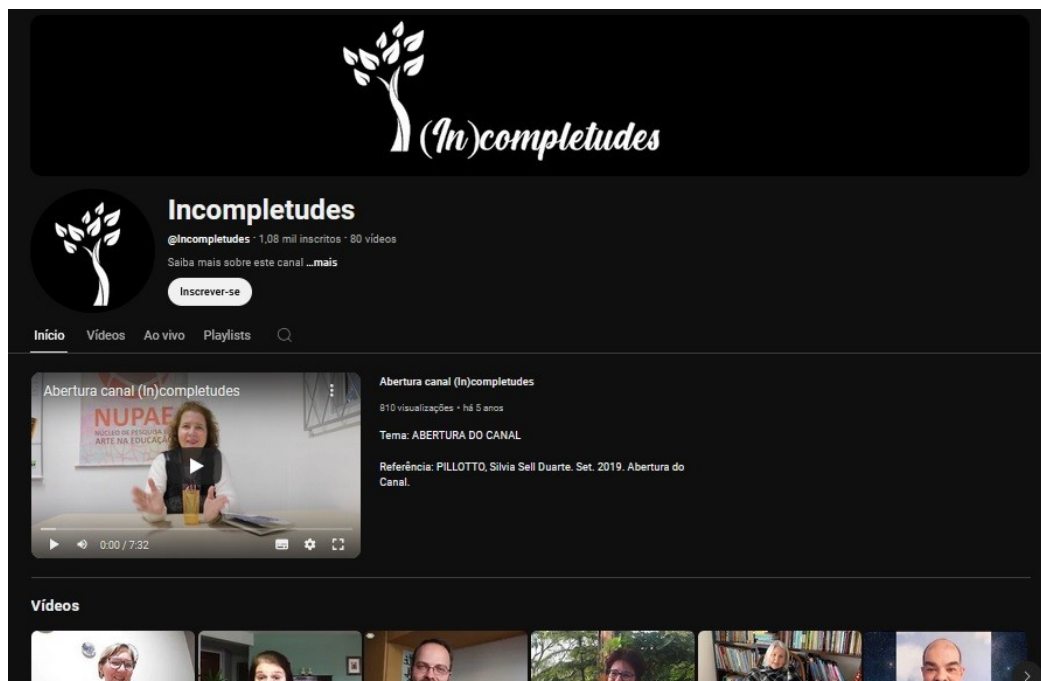
Nesse movimento vale destacar que as parcerias desempenham um papel significativo nas atividades do NUPAE. Elas ampliam a repercussão dos efeitos produzidos pelas ações do Núcleo e enriquecem suas práticas e pesquisas. O estímulo para participação em eventos nacionais e internacionais, nos quais os integrantes apresentam suas pesquisas e aprendem com outros grupos, oferece uma oportunidade para construir redes de colaboração em projetos e pesquisas conjuntas.

As iniciativas dos(as) pesquisadores(as) são fortalecidas por essas trocas, que ajudam a trazer possibilidades metodológicas que podem ser desenvolvidas e ampliadas no contexto local, nacional e internacional, sobretudo por meio das redes de interlocuções.

Percorrendo esta trilha acompanhada de meus companheiros de pesquisa no NUPAE, percebo que, com sua abordagem interdisciplinar, linhas de pesquisa dinâmicas e parcerias, o Núcleo propõe contribuir para o campo da educação formal e não formal, especialmente para a educação estética e sensibilidades em todos os âmbitos da educação.

Nesses contextos, o NUPAE destaca sua inserção no espaço digital, evidenciada pela criação do canal (In)Completeness, que busca ampliar o diálogo com atores de vários lugares e com experiências diversas por meio de uma plataforma popular de *streaming* de vídeos.

Figura 2 – Imagem da página do Youtube (In)Compleitudes



Fonte: Acervo da autora (2025)

O canal (In)Compleitudes, criado em 19 de setembro de 2019, tem o objetivo de dialogar com profissionais que atuam em escolas, universidades e em espaços culturais, possibilitando reflexões sobre os temas discutidos e potencializando novas ações educacionais e sociais. Também vem impulsionando debates e se tornando uma das principais ferramentas de compartilhamento do Núcleo e demais grupos de pesquisa, bem como para o público em geral, a exemplo: docentes, gestores, profissionais de áreas como filosofia, estética, psicologia, pedagogia, entre outros. Tal característica revela sua capacidade de adaptação e criatividade em um momento delicado e repleto de incertezas como foi a pandemia de covid-19.

Mesmo diante das adversidades, como na época da pandemia de covid, o canal seguiu com a colaboração de parceiros, que enviavam breves vídeos gravados sobre suas pesquisas e práticas de extensão e pesquisa, o que contribuiu para a manutenção do espaço. Da mesma forma, a coordenação do canal (In)Compleitudes realizou vídeos em sua residência, na intenção de mantê-lo ativo. Foi nesse período que surgiram as *lives*, que marcaram uma transição importante do canal, que desde então organiza as *lives* de modo virtual. Essa iniciativa tem oportunizado a participação de outros convidados, seja nacional ou internacional. Assim, com diversos vídeos publicados e tendo alcançado numerosos inscritos, o canal aborda

temas como interdisciplinaridade, práticas pedagógicas e experiências artísticas, buscando promover a difusão e a democratização do conhecimento.

Por esse lado, no desenrolar do acompanhamento do Núcleo com as experiências das mídias, percebemos que a atuação vai além das produções individuais dos(as) pesquisadores(as) para os programas de pós-graduação aos quais estão vinculados e perpassa a formação de uma comunidade preocupada com o compartilhamento de suas ações e comprometida com a formação de redes, inovação e aprendizado mútuo.

Como efeito controverso, salientamos a necessidade do cuidado com *backups* e estruturação de memoriais e acervos, pois notamos que com a digitalização é muito comum perder ou misturar dados e arquivos, como fotos, *e-book* e anais de eventos. É preciso manter e sustentar o comprometimento e a organização dos atores com as postagens em redes sociais, edições de vídeos e mesmo na página na *web*.

Em decorrência do exposto e para adiante dessas questões, o compromisso do Núcleo entremeia movimentos de permanente investigação sobre os temas que atravessam o pesquisar e a pesquisa no campo da Educação e da Arte e seu compartilhamento no campo científico, que exemplificaremos a seguir.

5.1 AS PRODUÇÕES

O Núcleo caracteriza-se por produzir constantemente, mantendo uma prática disciplinada no processo de pesquisa, de modo a realizar leituras, identificar lacunas e tendências, com continuidade. São incentivadas produções e publicações, bem como formações, palestras e eventos que equilibram as ações, o engajamento e o interesse continuado nas investigações acerca dos temas de relevância para o grupo.

Com efeito, o levantamento efetuado buscou destacar o empenho do grupo na manutenção dos projetos e das produções, com zelo em manter os trabalhos disponíveis na rede. Para isso, os integrantes dividem-se em pequenas equipes responsáveis pelas publicações nas redes sociais e página oficial do grupo, como também pela estruturação do acervo. Tais ações configuram como uma espécie de herança digital, um patrimônio que marca os traços e as trilhas da existência de uma coletividade.

Para exemplificar o movimento das produções dos últimos cinco anos, recorreu-se principalmente a registros contidos no currículo Lattes da coordenadora

do Núcleo, como também a registros no *website*, aplicativo de mensagens multimídia e em página de redes sociais. Separamos algumas categorias para levantamento e descrição sobre o funcionamento desse coletivo: 1) dissertações, teses, livros e capítulos de livros; 2) artigos, trabalhos completos e resumos em anais; 3) Canal (In)Completo: *lives* e cadernos virtuais; 4) encontros, permanência e verticalização no ensino, pesquisa e extensão; eventos e parcerias.

5.1.1 Dissertações, teses, livros e capítulos de livros

No período dos último cinco anos (2020 a 2025) os integrantes do grupo defenderam e publicaram cerca de 11 dissertações e três teses, conforme tabelas a seguir. Possuem como palavras-chave os conceitos que permeiam as pesquisas e autores estudados pelo Núcleo durante o período: Experiência, Práticas Educativas, Narrativas e Sensibilidade.

Verificando os documentos publicados, percebemos um crescimento da incidência de elementos hipertextuais, como *hiperlinks*, QR Codes, imagens, entre outros, que se constituem como elementos da pesquisa.

Observando o grupo ao longo dos anos, acreditamos que essas variações se devam à abertura para a multimodalidade e métodos de pesquisa diversos e à preocupação com a conectividade, posto que se procurou proporcionar ao leitor um percorrer vivaz com o trabalho, de maneira a ativar as percepções, o imaginário e as sensibilidades com as temáticas.

Tabela 1 – Dissertações

DISSERTAÇÕES					
ANO	PROGRAMA	INSTITUIÇÃO	AUTOR(A)	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE
2025	PPGE	UNIVILLE	ROTH, Maura Maria	Proposições estéticas no território da Educação de Jovens e Adultos (EJA) por meio da A/r/tografia e das sensibilidades	Proposição Estética; A/r/tografia; Práticas Educativas; Sensibilidades; Educação de Jovens e Adultos
2024	PPGE	UNIVILLE	ARINS, Lucélio Budal	Experiências estéticas no contexto da Educação Básica como propulsora na construção de um sujeito crítico/sensível	Experiências Estéticas; Práticas Educativas; Educação Básica; Percursos Narrativos; Sensibilidade
2024	PPGE	UNIVILLE	FERNANDES, Paulo Roberto	Experiências literárias como mobilizadoras de práticas educativas e sensibilidades	Sensibilidades; Práticas Educativas; Ateliê Literário; Ensino Médio; Narrativa
2024	PPGE	UNIVILLE	LEANDRO, Silvane Junior	Experiências estéticas na Educação Infantil: práticas educativas imbricadas na documentação pedagógica	Experiência Estética; Práticas Educativas; Documentação Pedagógica; Educação Infantil; Narrativas
2023	PPGE	UNIVILLE	PINTO, Ana Paula Simião	Educação nas infâncias: a natureza como mobilizadora de sensibilidades	Educação Estética; Infâncias; Natureza; Práticas Educativas; Narrativas

2022	PPGE	UNIVILLE	CAMARGO, Jaqueline Almeida	Experiências estéticas imbricadas nos cursos de Design de Moda para a formação de sujeitos sensíveis	Experiências Estéticas; Design de Moda; Narrativas (Auto)biográficas; Sujeitos Sensíveis; Formação.
2022	PPGE	UNIVILLE	LAUMANN, Elaine	O educador social: a criança e o adolescente em acolhimento institucional – um olhar sensível	Educador Social; Acolhimento Institucional; Crianças e Adolescentes; Sensibilidade; Documentação; Práticas Educativas
2022	PPGE	UNIVILLE	SILVA, Andresa Gonçalves da	Experiências estéticas na dança/educação: imbricamentos na constituição docente	Dança/Educação; Experiências Estéticas; Narrativas; Constituição Docente
2021	PPGE	UNIVILLE	CUNHA, Luiza Corrêa	Vozes infantis: entre contação de histórias e leituras as narrativas se (re)inventam	Práticas Educativas; Contação de Histórias e Leituras; Infâncias; Narrativas; Processos Inventivos
2020	PPGE	UNIVILLE	AMARAL, Antonio Marcio do	O silêncio em práticas educativas musicais: a experiência sensível do (entre)lugar	Práticas Educativas Musicais; Experiência Sensível; Silêncio; (Entre)lugar

2020	PPGE	UNIVILLE	GAVA Daiane De Melo	Oficinas estéticas nas práticas educativas: professora e crianças em seus percursos narrativos	Práticas Educativas; Infâncias; Oficinas Estéticas; Percursos Narrativos; Autoria
------	------	----------	---------------------	--	---

Tabela 2 – Teses

TESES					
ANO	PROGRAMA	INSTITUIÇÃO	AUTOR(A)	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE
2025	PPGPCS	UNIVILLE	STRAPPAZZON, Mirtes Antunes Locatelli	A vida entre notas e teclas: as ressonâncias contemporâneas dos pianos de museu	Piano; Museu; Cartografia; (Auto)Biografia; A/r/tografia; Patrimônio Cultural
2024	PPGE	UFSC	VIANA, Daniela Cristina	Por um filosofar a espacialidade e a formação humana: uma leitura fenomenológico-hermenêutica do espaço em Martin Heidegger na Filosofia da Educação	Espacialidade; Formação Humana; Filosofia da Educação; Fenomenologia Hermenêutica; Martin Heidegger.
2024	PPGPCS	UNIVILLE	COSTA, Rita de Cássia Fraga da	Narrativas artesanizadas: tessituras de um “panô” de memórias	Memória; Narrativas em Imagem; Artesanias; Experiência Narrativa; Cartografia

Em relação a livros e capítulos de livros, as produções refletem as parcerias com pesquisadores e universidades nacionais e internacionais e projetos do Núcleo, reunindo trabalhos em torno da educação estética, da arte na educação, da sensibilidade na educação, da filosofia e da educação infantil, fruto do trabalho de estudos e pesquisas durante anos nessas temáticas.

Tabela 3 – Livros

LIVROS					
ANO DE PUBLICAÇÃO	EDITORA	ISBN	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE / REF. BIBLIOGRÁFICA	AUTORES(AS) / ORGS.
2025	UNIVILLE	978-85-8209-141-8	Depois da Arte: genealogia da indústria cultural	1. Indústria Cultural. 2. Arte – Aspectos Culturais. 3. Estética – Aspectos sociais. 4. Mudança social	SUSCA, Vincenzo (Silvia Sell Duarte Pillotto; Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon. Coordenadoras da ed. brasileira)
2024	ZOUK	978-6557781678	A criança como autora do conhecimento : oficinas estéticas com as infâncias		Daiane de Melo Gava, Silvia Sell Duarte Pillotto e Eliana Stamm
2023	UNIVILLE	978-85-8209-124-1	Educação estética: a pesquisa / experiência nos territórios das sensibilidades . Volume 1	1. Educação – Filosofia. 2. Sensibilização (relações humanas). 3. Arte na educação. 4. Sociologia educacional	Silvia Sell Duarte Pillotto; Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon (orgs.)
2023	UNIVILLE	978-85-8209-124-1	Educação estética: a pesquisa / experiência nos territórios das sensibilidades . Volume 2	1. Educação – Filosofia. 2. Sensibilização (relações humanas). 3. Arte na educação. 4. Sociologia educacional	Silvia Sell Duarte Pillotto; Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon (orgs.)
2022	ZOUK	9786557780893	Arte, afeto e educação – a sensibilidade na ação pedagógica (2. ed.)		Marly Ribeiro Meira e Silvia Sell Duarte Pillotto

2020	DA AUTORA	978-65-00-13608-1	Do mapa ao tesouro: algumas pistas para a vida		Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon
2020	UNIVILLE	978-65-87142-04-3	Linguagens da arte na infância (2. ed.)	Arte – Estudo e ensino. 2. Arte – Educação infantil. 3. Arte – Linguagem. 4. Arte na educação	Silvia Sell Duarte Pillotto

Tabela 4 – Capítulos de livros

ANO DE PUBLICAÇÃO	EDITORIA	ISBN	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE / REF. BIBLIOGRÁFICA	AUTORES(AS)
2025	PEDRO & JOÃO EDITORES	978-65-265-1795-6	NUPAE: O fazer-se sensibilidade na pesquisa. <i>In</i> : CARVALHO, Francione Oliveira Carvalho; SABINO, Kelly (org.). Educação e Arte da ANPEd: potência do coletivo.		PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; STRAPAZZON, Mirtes Antunes Locatelli
2024	PAULUS	978-85-349-5349-8	A (cri)ação formativa nos cursos de Pedagogia: diálogos entre)laçados. <i>In</i> : SILVEIRA, Isabel Orestes; DANTAS, José Erivaldo (org.). Escritas diversas: narrativas multifacetadas.		PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; STRAPAZZON, Mirtes Antunes Locatelli
2024	TRÓPICOS EDITORA	978-65-86982-13-8	Devaneio e imaginário em Bachelard: referência poética para todos os tempos <i>In</i> : BARROS, Eduardo Portanova; SILVA, Valéria Cristina Pereira; CORCÍNIO JR., Gilvado Ferreira ROCHA, Gabriel Kafure da (org.). Os	1. Filosofia. 2. Imaginário. 3. Interdisciplinari dade	PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; ALMEIDA, Rogério de

			140 Anos do Nascimento de Bachelard: o filósofo do devaneio.		
2023	EDITORA UNIVILLE	978-85-8209-122-7	Experiências estéticas e ação mediadora nos espaços de um Centro de Educação Infantil e de um Museu Casa. <i>In</i> : PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; STRAPAZZON, Mirtes Antunes Locatelli (org.). Educação estética: a pesquisa / experiência nos territórios das sensibilidades. Volume 2.	1 Educação – Filosofia. 2. Sensibilização (relações humanas). 3. Arte na educação. 4. Sociologia educacional.	CARGNIN, Karinna A.; VIANA, Daniela C.
2023	EDITORA UNIVILLE	978-85-8209-122-7	Paisagem sonora: uma relação entre educação, meio ambiente e cultura. <i>In</i> : PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; STRAPAZZON, Mirtes Antunes Locatelli (org.). Educação estética: a pesquisa / experiência nos territórios das sensibilidades. Volume 2.	1 Educação – Filosofia. 2. Sensibilização (relações humanas). 3. Arte na educação. 4. Sociologia educacional.	STRAPAZZON, Mirtes Antunes Locatelli
2022	PIMENTA CULTURAL	978-65-5939-516-3	A educação estética e as artes como potência na constituição docente para as infâncias <i>In</i> : CARVALHO, Mário de Faria; BRACCHI, Daniela Nery; PAIVA, André Luiz dos S. (org.). Estéticas dissidentes e educação.	1. Educação. 2. Arte. 3. Filosofia. 4. Estética	PILLOTTO, Silvia Sell Duarte

2022	NA RAIZ	978-65-88711-31-6	Paisagem sonora no museu: uma experiência com as infâncias. <i>In</i> : LAMINGUEDES, Valdir (org.). Educação em pesquisa: diálogos interinstitucionais dos programas de pós-graduação em educação da ACAFE (p. 377-392).	1. ACAFE. 2. Ensino Superior – Finalidade e Objetivos. Ensino Superior (Pós-Graduação). 4. Pesquisa Científica. 5. Pós-Graduação	STRAPAZZON, Mirtes Antunes Locatelli; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte
2021	ARQUÉTIPOS	978-65-84549-05-0	Autoliderança: o que pode nos dizer Odisseu de Homero? <i>In</i> : FIALHO, Francisco Antonio Pereira; JACOB, Joelma Jacob; ALEMSAM, Nárima (org.). Desenvolvimento humano e gestão de si mesmo. Livro I (p. 141-161).	1. Gestão do conhecimento 2. Desenvolvimento Humano. 3. Psicologia. I. Autoliderança. Odisseu. Poética.	FRAGA, Aline Denise; VIANA, Daniela Cristina; ADAN, Juan Enrique Pereira
2021	CRV	978-65-251-1788-1	Infâncias: o corpo em movimentos históricos, estético e político. <i>In</i> : CARVALHO, Carla; CRUZ SOUZA, Marco Aurelio da (org.). Arte e estética na educação: olhares sensíveis sobre corpo, formação docente e educação estética. Volume 2 (p. 19-30).		PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; STAMM, Eliana; SILVA, Carla C.; VIANA, Daniela Cristina
2020	UNISUL	978-85-8019-231-5	Contação de histórias: processos de (re)invenção nas narrativas com as crianças. <i>In</i> : DEBUS, Eliana et al. (org.). (R)ex(i)stências literárias na contemporaneidade.	1. Literatura infantojuvenil – Congressos. I. Debus, Eliane, 1966	CUNHA, Luiza C.; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; GARCIA, Berenice R. Z.

5.1.2 Artigos, trabalhos completos e resumos em anais

Em virtude da quantidade extensa de artigos publicados, trabalhos completos e resumos em anais, optamos por representá-los por meio de nuvens de palavras, compostas pela incidência de palavras-chave, relacionadas aos(às) autores(as) e temáticas pertinentes ao Núcleo.

As tabelas completas fazem parte dos Anexos E e F; nelas podemos perceber (fazendo correlação com os componentes dos cronogramas do Núcleo) associação aos(às) autores(as) expostos(as) nos cronogramas, como Rancière (que aborda *A partilha do sensível*, 2009, que em breves palavras seria a maneira como as experiências têm visibilidade na sociedade, como também temas sobre estética e política), Bachelard (*A poética do espaço*, 2008, e *A poética dos devaneios*, 2018, em aspectos sobre os devaneios na experiência humana, imagens poéticas e potência criativa da imaginação), Maffesolli (em seu *Elogio da razão sensível*, de 2001, busca valorizar a sensibilidade coletiva de forma a acolher o sentir e o simbólico na convivência cotidiana), Duarte Junior (em sua tese, transformada em livro, *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*, de 2001, trata da formação que inclua o desenvolvimento dos sentidos e da percepção, que considere a educação estética como maneira de retomar uma percepção intensa e viva do mundo), Deleuze e Guattari (em diversas obras que atravessam a filosofia, a arte, a política e a ciência, os autores se propõem a pensar a realidade e a subjetividade de outras formas, conectadas, múltiplas e em movimento), entre outros.

No decorrer dos últimos cinco anos analisados, abordaram-se alguns caminhos para pensar a pesquisa/produção, com o propósito de conhecer, estudar e praticar métodos de pesquisa, e a difusão desses efeitos resultantes que comportassem o desenvolvimento dos projetos e das teorias estudadas, como a Cartografia, a (Auto)Biografia, a A/R/tografia. Isso denota que as produções estão intimamente ligadas às teorias (livros, textos, conceitos) apreciadas nesses estudos.

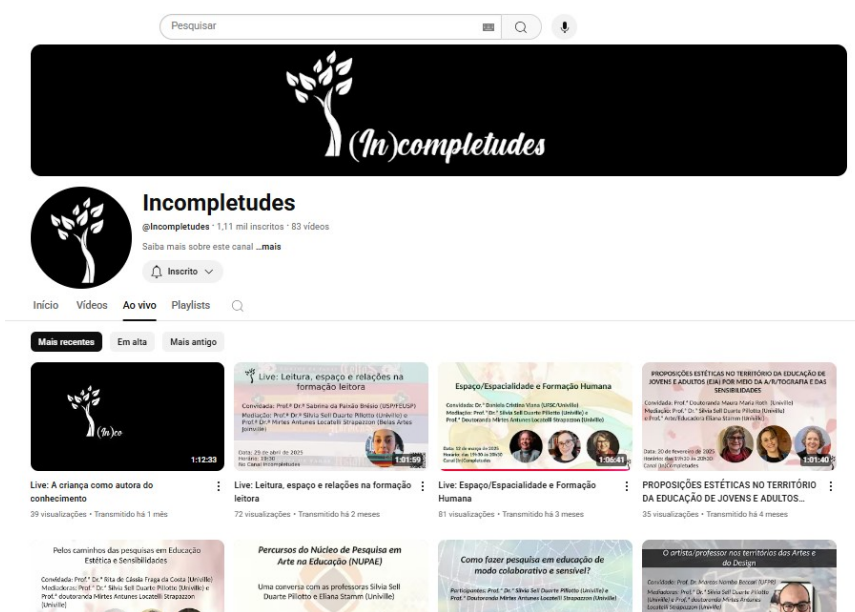
Fonte: Acervo da autora (2025)

5.1.3 Canal (In)Completeness: *lives* e cadernos virtuais

Percebemos ao longo das análises que há uma presença crescente dos grupos de pesquisa, especialmente o Núcleo em questão, em plataformas de compartilhamento de vídeos, espaço que possibilita assistir a diversos tipos de conteúdo e a produzir também, desde entretenimento até materiais educativos. O Canal (In)Completeness¹⁴ faz parte da plataforma, a qual que se tornou uma das mais populares da internet, principalmente no formato *streaming*, com mais de um bilhão de usuários no mundo.

O canal, iniciado em 2019, tem hoje mais de 1,1 mil inscritos e 31 mil visualizações em seus cerca de 80 vídeos. Os responsáveis procuram manter a periodicidade mensal de publicação de *lives*, com encontros e conversas com os mais diversos profissionais e autores.

Figura 5 – *Print* da página do Canal (In)Completeness



Fonte: Acervo da autora (2025)

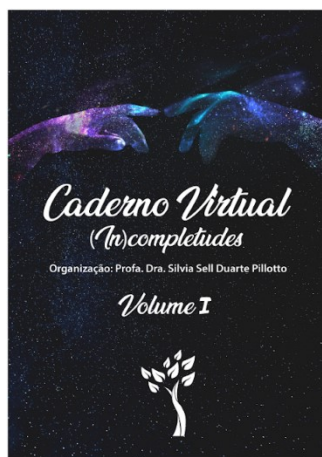
As *lives*, listadas em parte no Anexo G, integram também uma catalogação em formato de cadernos virtuais¹⁵ (em três volumes; o terceiro está em processo de

¹⁴ Ver: <https://www.youtube.com/incompleteness>.

¹⁵ Ver: <https://drive.google.com/file/d/1TctTxrIRiJRJh1XdwvXcGdzr4DIlnS/view>. Acesso em 14 jun. 2025.

publicação). Os cadernos reúnem material de resumo e pesquisa a respeito dos vídeos e constituem uma ação de extensão, configurando-se também como um espaço de interlocução e formação.

Figura 6 – *Print* do Caderno Virtual



Fonte: Acervo da autora (2025)

5.1.4 Encontros, permanência e verticalização no ensino, pesquisa e extensão; eventos e parcerias

Os eventos e as parcerias do NUPAE constituem pontos estratégicos para a manutenção da vitalidade do grupo; trata-se de espaço para o intercâmbio de conhecimentos, divulgação, visibilidade e oportunidade de apresentação e socialização de pesquisas.

Para o desenvolvimento do impacto social da produção científica e cultural do Núcleo, é encorajada a participação em diversos eventos em muitas cidades, tanto em âmbito local quanto nacional, regional e internacional (como podemos ver no Anexo H). As parcerias com pesquisadores de outras instituições, como FURB, Univali, Uminho, PUC/Paraná, Mackenzie etc. e agências de fomento, são expressivas, de acordo com registros nos diretórios do CNPq e Plataforma Lattes.

Também há o compartilhamento dos eventos e programações por meio das redes sociais e da página da *web*; em geral, uma pessoa ou dupla fica responsável pela publicação dos itens, alimentando as informações em determinada plataforma.

Já a participação ativa por meio de encontros mensais, além de contribuir para a integração e o sentido de pertencimento da equipe, requer planejamento e avaliação

constantes, permitindo o acompanhamento, desdobramento e ajustes das pesquisas e atividades em andamento, bem como colaborações e acesso a novas perspectivas de estudos.

Essas investigações movem múltiplos(as) pesquisadores(as), que, a respeito da verticalização, iniciam e percorrem suas pesquisas e processo de formação em continuidade com a participação no Núcleo.

As pesquisas ocorrem em algumas vertentes ligadas por projetos de pesquisa, colaborações e/ou por autores em comum, que agregam uma grande rede que se dedica a vários aspectos referentes à educação estética e às sensibilidades.

Para tanto, como esses grupos e pesquisadores estão dispersos pelo Brasil e por outros países, faz-se imprescindível a tecnologia, sem deixar outros fatores de lado, como o comprometimento, por exemplo, para que permaneçam ligados aos seus objetivos e possam dar continuidade aos trabalhos. Isso porque, apesar de o propósito ser compartilhado, os atores estão geograficamente distantes, o que demanda maior esforço e recursos para se manterem coesos.

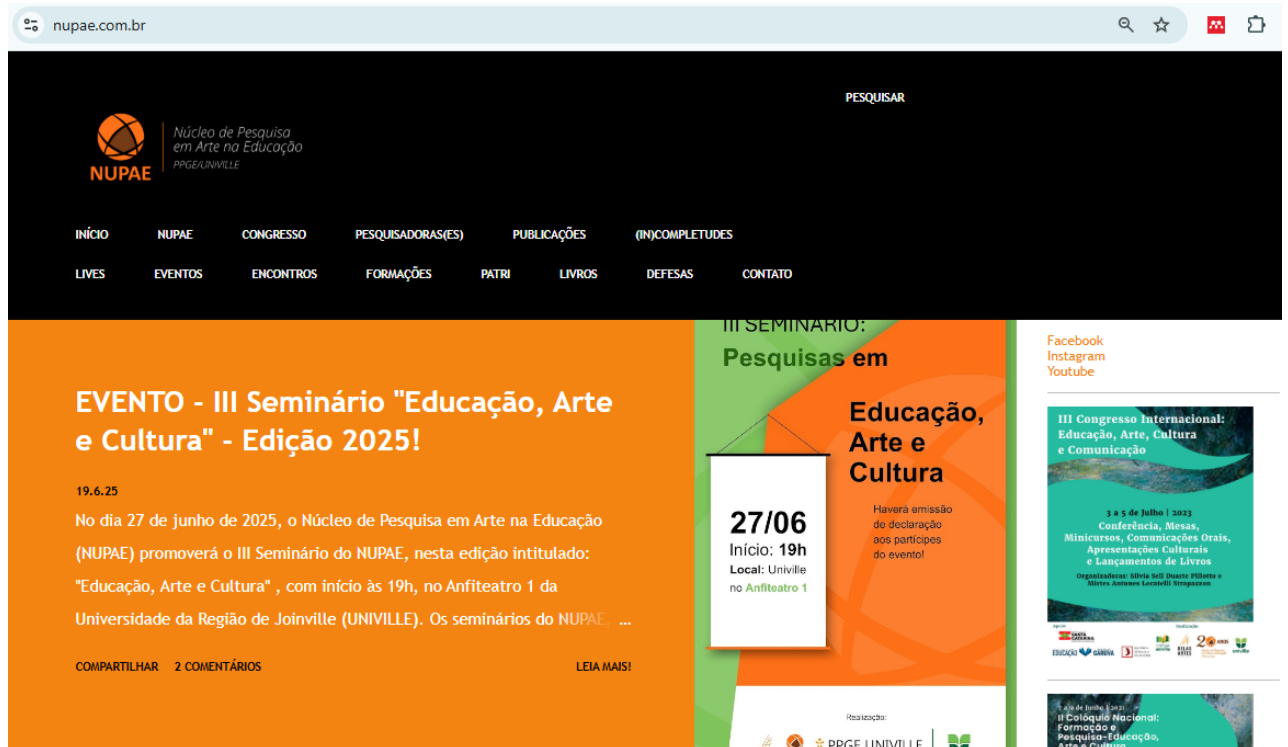
Atualmente alguns dos projetos em andamento são:

- O gesto poético pela via do sensível na Educação de Jovens e Adultos: possibilidades de leitura estética em práticas educativas na interface das produções artísticas; *Educação Estética na Formação Continuada de Professores (Submetido para Chamada CNPQ/MCTI N 44/2024 – Faixa B – Grupos Consolidados, coordenado por Adair de Aguiar Neitzel);
- Práticas educativas nas infâncias e suas (inter)secções na natureza, nas sensibilidades e no tempo contemporâneo;
- Narrativas corporais nas infâncias: experiências estéticas no tempo/espço escolar das práticas educativas; *[ReArPe+] REDE + ARTE NA PEDAGOGIA;
- Educação Estética na Pedagogia: práticas educativas e seus desdobramentos para a docência, sob responsabilidade da Univille com o apoio da CAPES;
- Educação Estética e Práticas Educativas: as artesanias como intervenção formativa nos cursos de Pedagogia, promovida pela Univille com o apoio da FAPESC;

- Educação Estética nas infâncias como mobilizadora de memórias e experiências pedagógicas na constituição humana. Com apoio da CAPES, em sanduíche doutoral na Universidade de Granada, na Espanha, sob coorientação do Prof. Joaquin Roldan;
- O desenho infantil como expressão de sentidos: leitura estética e psicológica (DESENHO) – CNPq;
- Práticas educativas e sensibilidades no ensino superior em Administração: possibilidades e reverberações, com apoio da FAPESC;
- Univille na Comunidade: ações de extensão para formação profissional, humana, sustentável, ética, criativa e política da sociedade por meio da Pós-graduação *Stricto Sensu*, com apoio da CAPES;
- O corpo no campo da experiência estética II, Univille – PICPG;
- [RIPE] Rede Internacional de cooperação e pesquisa em Educação Estética – Acordo de Cooperação Técnica em rede foi formado pelas seguintes Instituições de Ensino Superior: Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), coordenação no Brasil, Universidade de Caxias do Sul (UCS), Universidade Regional de Blumenau (FURB), Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Fluminense (UFF), Universidade da Região de Joinville (Univille) e Università Degli Studi di Modena e Reggio Emilia (UNIMORE).

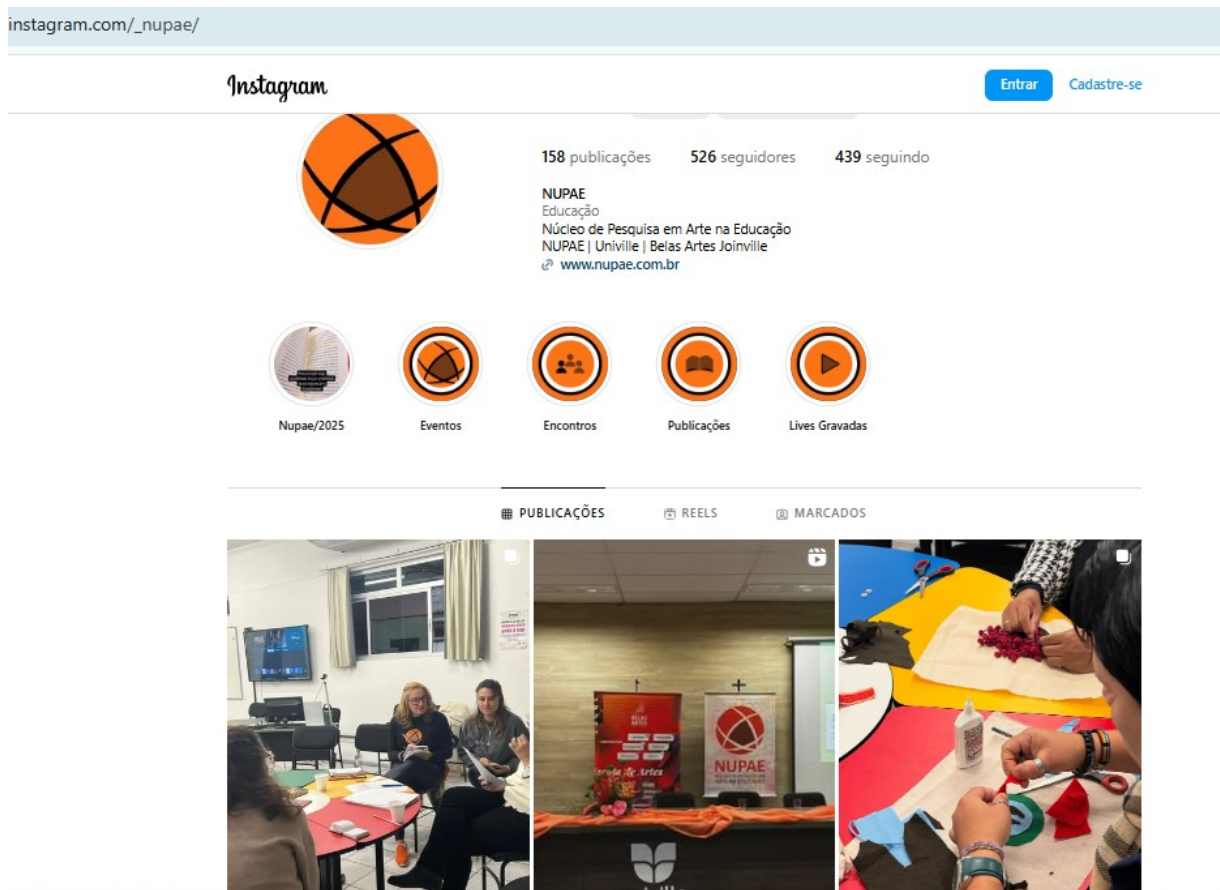
Alguns dos projetos em desenvolvimento e outros já concluídos estão ligados a uma ação maior, que é o projeto “Tempo/lugar da educação estética nas práticas educativas e seus pontos de intersecção com as sensibilidades (TLEPEIS)”, no que diz respeito às sensibilidades; e aos estudos e às pesquisas do NUPAE, cujos enfoques percorrem especialmente quatro vertentes associadas a demais áreas interlocutoras: Educação Estética, Sensibilidades, Arte, Formação de Professores e Práticas Educativas.

Figura 7 – Print da página do NUPAE na web



Fonte: Acervo da autora (2025)

Figura 8 – Print da página do NUPAE no Instagram

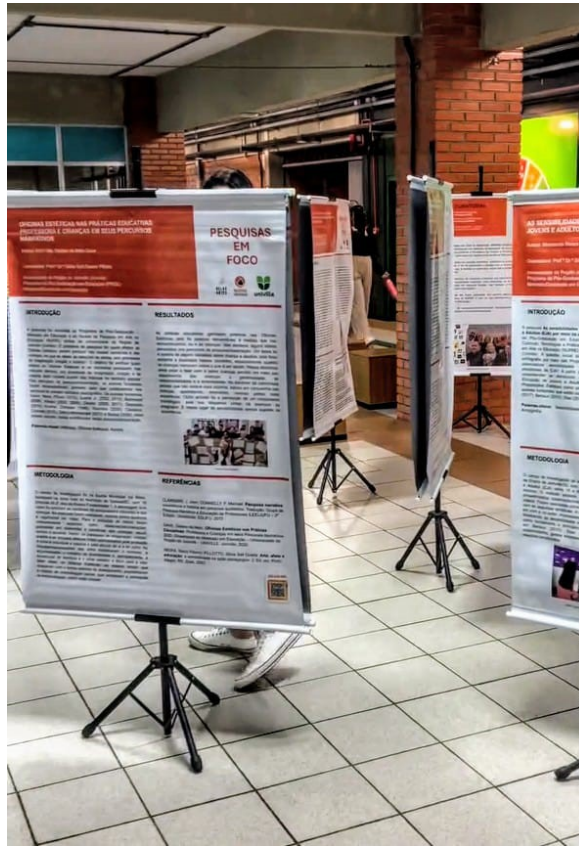


Fonte: Acervo da autora (2025)

Além de incentivar a participação no grupo maior, o NUPAE também estimula a formação de equipes menores, que se comprometem a representá-lo em pelo menos dois eventos por ano, com produção de trabalhos, criando uma espécie de rede de compartilhamento em comunidade. Podemos perceber tais ações nas participações em eventos internos da Univille, como Proler e SUCST (socialização de pesquisas), com destaque para os Seminários “Educação, Arte e Cultura” – edições I, II e III, que socializam as pesquisas do NUPAE e reúnem convidados/parceiros externos, além da organização da Mostra (*banners*) “Pesquisas em Foco” (Figura 9).

Nesse meio foi possível identificar que os atores, quando operam em representação da sua comunidade, acabam por exercer uma influência recíproca, pois reforçam o sentimento de pertencimento, responsabilidade e compromisso mútuo. A organização coletiva compartilha objetivos, valores e narrativas que são perceptíveis e reconhecidos na atuação de seus membros, ao mesmo passo que as particularidades e a diversidade são respeitadas, tornando o Núcleo mais rico e plural e valorizando as diversas vozes nas ações partilhadas.

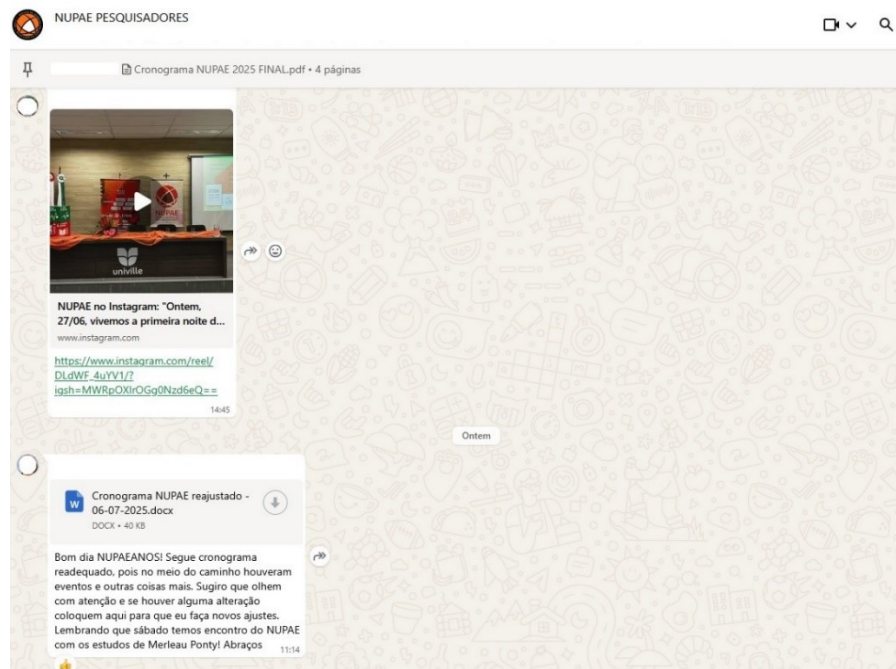
Figura 9 – Mostra (*banners*) “Pesquisas em Foco”



Fonte: Acervo da autora (2025)

Essas redes se formam e se comunicam simultaneamente, em interlocução à totalidade do grupo, sendo organizadas por meio de aplicativos de mensagens multimídia instantâneas (conforme a figura a seguir) e presencialmente.

Figura 10 – *Print* do grupo de mensagens eletrônicas



Fonte: Acervo da autora (2025)

Dessa forma, podemos identificar uma participação significativa e constante dos atores nas plataformas digitais, tanto na forma de divulgação e compartilhamento quanto na organização interna do grupo, tornando-se (somando-se a todo o contexto) uma atitude de vida e uma postura de pesquisa.



6 ESPAÇOS/TERRITÓRIOS, SOCIABILIDADES, ENSINO/EDUCAÇÃO E MÍDIAS SOCIAIS DIGITAIS

Não há lugar como o nosso lar

(O mágico de Oz, 1939 – adaptado)

A fim de fazer o levantamento de informações para a pesquisa, realizou-se uma entrevista semiestruturada (Anexo B), com perguntas preestabelecidas e respostas abertas, com um roteiro aplicado igualmente a todos os participantes. Dessa investigação, ao menos uma resposta de cada um dos participantes foi considerada no contexto.

E para fechamento, organizou-se um grupo focal em forma de encontro (Anexo C), com a participação dos mesmos integrantes e por novos membros no papel de observadores. As questões trabalhadas nesta etapa surgiram de inquietações geradas pelas respostas dos participantes paralelamente às indagações surgidas pelo próprio desenvolvimento dos estudos.

Como pseudônimo para os participantes, foram utilizados os nomes dos habitantes dos países de Oz, da obra *O mágico de Oz*, de L. Frank Baum; cada um deles foi associado a características e cores predominantes específicas:

Tabela 5 – Participantes das entrevistas

NOME	LUGAR/COR	IDADE	FORMAÇÃO	PAPEL NO GRUPO	TEMPO DE PERMANÊNCIA NO GRUPO
Munchkins	Leste/Azul	37	Doutorado	Pesquisadora voluntária	12 anos
Quadlings	Sul/Vermelho	64	Pós-Doutorado	Líder	22 anos
Winkies	Oeste/Amarelo	33	Mestrado	Pesquisadora/orientanda de doutorado	5 anos
Gilikins	Norte/Roxo	54	Doutorado	Vice-líder	11 anos
Cidade das Esmeraldas	Capital/Verde	49	Mestrado	Pesquisador voluntário	4 anos

Ao longo do trabalho utilizaram-se imagens na abertura dos capítulos para representar as trilhas/caminhos percorridos. As imagens foram produzidas em 2015 pelo artista digital e fotógrafo Johnny Joo e publicadas em sua página Architectural Afterlife¹⁶, na internet.

¹⁶ Ver: <https://johnnyjoo.com/about/>. Acesso em: 01 mar. 2025.

As fotografias, tiradas no Parque Temático de O Mágico de Oz¹⁷, reproduzem parte de sua poética de explorar paisagens naturais, lugares abandonados, a recuperação de estruturas pela natureza e o registro da passagem humana por inúmeros lugares.

Isso posto, na análise das informações textuais coletadas nessas ações, recorreu-se ao *software* Iramuteq (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), por meio de grupo de respostas reunidas em um único arquivo de texto (*corpus*), com a lexicografia básica (cálculo de frequência de palavras) e análises múltiplas, podendo ser apresentadas visualmente (análise de similitude e nuvem ou árvore). Tal método possibilitou a análise das características do posicionamento das palavras e ideias no território da pesquisa, sua estrutura e ligações. Apresentando a análise de similitude e um rizoma de palavras, Camargo e Justo (2018, p. 16-17) comunicam que

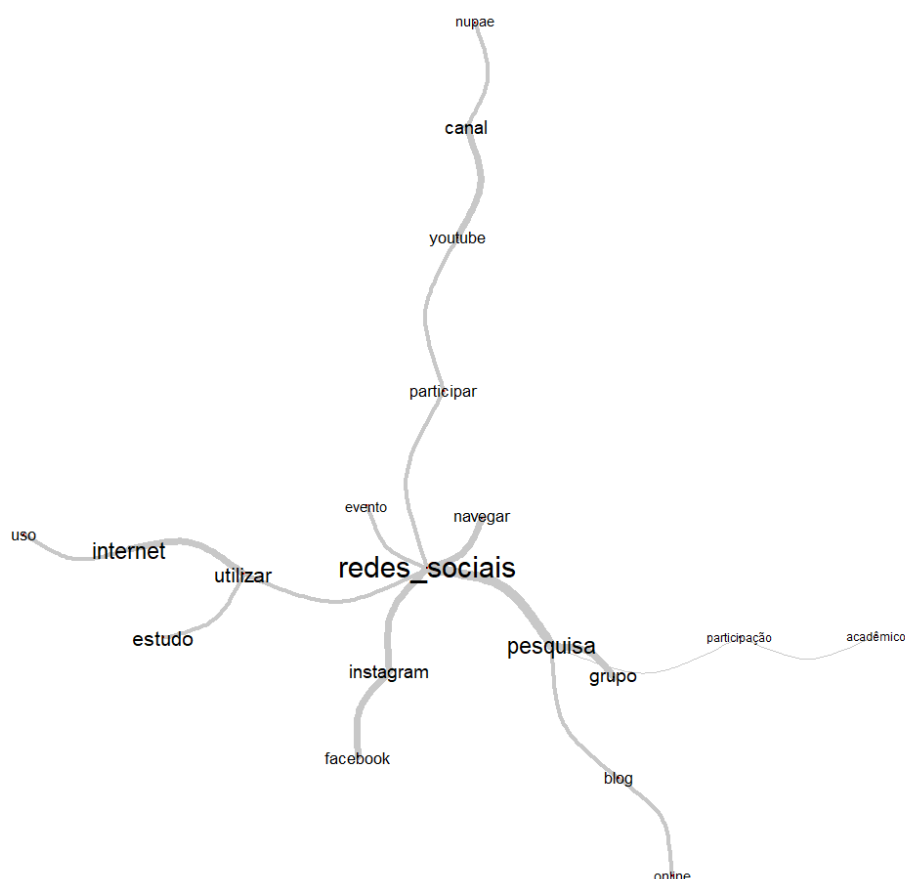
este tipo de análise permite identificar as co-ocorrências entre as palavras e seu resultado traz indicações da conexidade entre as palavras, auxiliando na identificação da estrutura do conteúdo [...] [e a] identificar as partes comuns e as especificidades em função das variáveis descritivas [...]. Elas são apresentadas com tamanhos diferentes: as palavras maiores são aquelas com maior frequência (ou outro indicador escolhido) no corpus, e as menores apresentam frequências inferiores.

Na sequência, apresentarei as imagens geradas por três grupos de *corpus* formados pelas respostas às questões 1 a 4, 5 a 12 e 13 a 20 do questionário estruturado aplicado ao grupo, para um primeiro exame sobre as argumentações encaminhadas por eles no formulário. Cada grupo de questões corresponde a um determinado tema, explicitado no título de cada gráfico.

¹⁷ O parque ficou aberto entre os anos de 1970 e 1980 em Beech Mountain (Carolina do Norte). Na década de 1990 retornou às atividades com o evento Festival de Outono em Oz. Informações e imagens retiradas dos sites: <https://landofoznc.com/>, <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2016/04/imagens-mostram-parque-tematico-abandonado-de-o-magico-de-oz.html> e <https://architecturalafterlife.com/2015/09/the-eerie-and-abandoned-land-of-oz/>. Acesso em 01 mar. 2025.

QUESTÕES de 1 a 4 – Abordaram a introdução aos questionamentos do grupo, seus hábitos e engajamento digital.

Gráfico 1 – Questões de 1 a 4 (entrevista)



Fonte: Acervo da autora (2024)

Analisando a ocorrência das palavras apresentadas na imagem acima, especialmente “redes sociais”, que partem para as trilhas pesquisa>grupo, utilizar>internet>estudos e participar>canal, podemos evidenciar uma conexão significativa desses termos nos contextos acadêmicos e sociais contemporâneos.

Essa apresentação de palavras, pelas respostas do grupo, torna impreterível que investiguemos as dinâmicas que ocorrem em torno dos grupos de interesse, comunidades, fenômenos sociais e as repercussões dessas interações no meio acadêmico, que é o foco de nossa investigação.

Interessa-nos também o envolvimento dos sujeitos como participantes ativos no ambiente digital, integrando conceitos e utilizando-os em conjunto para explorar as tendências que nos levam a examinar os(as) pesquisadores(as) como intelectuais públicos e engajados no campo da comunicação digital de suas pesquisas e do grupo, da mesma forma que amplificam a disseminação do conhecimento partilhado e consumido pela sociedade.

A pesquisadora Munchkin Azul assim se manifesta:

Nos anos 2000, eu utilizava a internet muito mais para entretenimento, porque estava descobrindo este novo mundo técnico. A partir de 2014, comecei a utilizar a internet para a graduação (estudo, pesquisa) e também para o trabalho. Desde então, a internet tomou conta de minhas atividades, inclusive as mais ordinárias (Munchkin Azul, entrevista).

Desse modo, observa-se que as ferramentas digitais estão se integrando ao cotidiano, tanto pessoal quanto profissional, à medida que podem ser utilizadas para redes sociais, estudo e trabalho, muitas vezes de forma alternada. No âmbito profissional, ao recorrer à comunicação digital, os pesquisadores atuam como mediadores entre o universo acadêmico e o público, ampliando o alcance e promovendo a circulação do conhecimento científico.

Isso pode ser feito por meio de artigos, *blogs*/páginas oficiais, *podcasts* e até em discussões em redes sociais, transmissões em plataformas de vídeos *online*, entre outros modos; o interessante é que as informações científicas sejam apresentadas de forma envolvente e didática. A pesquisadora Munchkin Azul continua sua fala enaltecendo o engajamento do NUPAE em tecnologias digitais, produzindo repercussões na educação:

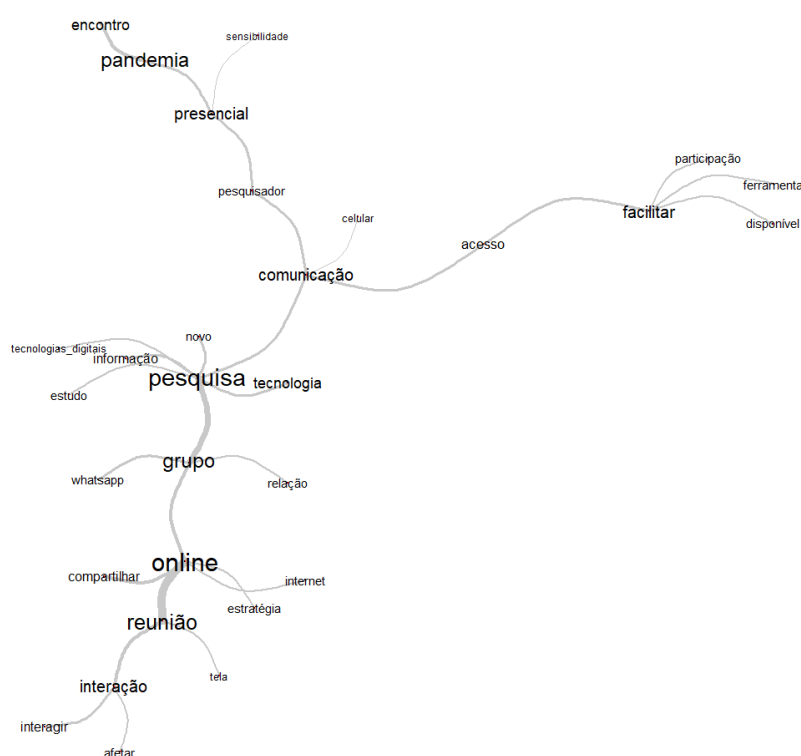
O mais atuante, NUPAE, tem um canal no Youtube chamado (In)completudes; possui um *site* dentro de uma plataforma de *blogs* (www.nupae.com.br); possui contas em redes sociais, como Instagram e Facebook, além de realizar a comunicação entre os seus integrantes via dois grupos de WhatsApp. Fora essas mídias sociais, o grupo de pesquisa vem há uma década ou mais produzindo materiais digitais, principalmente no formato de vídeo e imagem. Muito recentemente, com o auxílio de um pesquisador bolsista, o grupo desenvolveu uma pequena animação (Munchkin Azul, entrevista).

Interagindo com o mundo por intermédio da divulgação científica em meios digitais, os grupos podem articular maneiras de tornar as pesquisas mais acessíveis e, valendo-se dessas ferramentas, serem mais democrático e atuarem no combate à

desinformação com investigações confiáveis, baseadas em evidências e estudos autênticos.

QUESTÕES de 5 a 12 – Abordaram as impressões dos(as) pesquisadores(as) sobre o seu uso das tecnologias, o engajamento digital e as influências dessas questões no ambiente do pesquisador.

Gráfico 2 – Questões de 5 a 12 (entrevista)



Fonte: Acervo da autora (2024)

Quando questionados como as tecnologias digitais influenciaram ou mudaram a forma como se comunicam com os(as) outros(as) pesquisadores(as) e com o seu grupo de pesquisa, as respostas revelaram em seu desenvolvimento a centralidade da palavra “pesquisa”, seguida pelas trilhas “comunicação”, que se desdobra em pesquisador>presencial>pandemia e acesso>facilitar>ferramenta, adicionada pela trilha “grupo”, que agregou online>reunião>interação. Tal resultado demonstra como o convívio com as mídias sociais e as ferramentas digitais tem adaptado a maneira

como os pesquisadores se organizam, se comunicam e conduzem seus estudos, propiciando uma colaboração mais rápida, prática e acessível.

Nas palavras da pesquisadora Winkie Amarela:

Com a pandemia, as pessoas se distanciaram, e graças às tecnologias digitais pudemos estar perto, mesmo estando longe. Com essa pergunta, uma memória é latente em meu coração... Lembro-me de que, durante a pandemia, aguardávamos ansiosos por nossos encontros *online* do grupo de pesquisa. Nós conversávamos, ríamos e chorávamos. Era muito bom! Estávamos perto, mesmo estando longe, sabe! De lá para cá, as tecnologias continuam nos auxiliando. Seja com o grupo de WhatsApp, seja com as *lives*, onde podemos ouvir/ver pessoas importantes em nossa área e que estão longe. Enfim, acredito que estas ferramentas vieram para somar, quando usadas de forma consciente e adequada (Winkie Amarela, entrevista).

A interação nos espaços virtuais é mediada por ferramentas digitais que facilitam a comunicação, eliminando barreiras geográficas e temporais, o que permite que membros de diferentes localidades contribuam em tempo real ou de forma assíncrona. Munchkin Azul continua:

A minha comunicação entre os demais membros do grupo se dá por meio de uma rede social chamada WhatsApp. No entanto as redes sociais de acesso público são a forma mais imediata de publicização das pesquisas. Logo, quando queremos conhecer a pesquisa de um colega, às vezes, é mais fácil acessar o que essa pessoa publicou em alguma mídia digital, como um artigo em revista *online*, página da internet etc. (Munchkin Azul, entrevista).

Isso evidencia que a comunicação digital pode contribuir para a criação de uma dinâmica colaborativa e mais enérgica, em que a troca de conhecimento e a produção científica são significativamente ampliadas pela interconectividade proporcionada pelos meios digitais.

O uso de tecnologias *online* para reunir e coordenar grupos de trabalho ou estudo tornou-se comum em tempos de pandemia de covid-19, pois os grupos, que anteriormente necessitavam de encontros presenciais, puderam se reunir virtualmente, em plataformas de videoconferência ou fóruns *online*, para realizar suas reuniões e discussões, da mesma forma que a comunicação *online* possibilitou a criação de registros de discussões e decisões, o que também pode ser útil para futuras consultas e análises.

Nesse ambiente dinâmico para o intercâmbio de ideias, a resolução de problemas e a gestão de tarefas tornaram-se mais fluidas graças à utilização de sistemas de mensagem instantânea, videoconferências e plataformas colaborativas

que permitem o envio de arquivos de áudio, vídeo, imagens, fotografias, entre outros, compartilhando materiais de forma imediata.

O novo paradigma representado pela pandemia apresenta as características de uma era hiperconectada, um espaço híbrido de ação, deixando de ser apenas um recurso para a circunstância para se tornar o centro das novas experiências sobre as relações e conexões sociais, acadêmicas, profissionais. A emergência sanitária, nesse sentido, trouxe a perspectiva evidenciada pelo *The Onlife Manifesto* (Floridi *et al.*, 2015) e intensificada pela diluição da distinção entre o *online* e o *offline*, que atua como uma interpretação atualizada do presente em que as identidades, a participação e mesmo a política são pressionadas a se transformar.

Quando indagados sobre a contribuição das tecnologias digitais na formação dos(as) pesquisadores(as), Munchkin Azul explicita:

A minha percepção de ser pesquisadora e de fazer pesquisa é de um caminho necessariamente solitário. Mesmo que estejamos em uma pesquisa compartilhada, mesmo depois de inúmeras discussões junto aos demais membros, seja presencial ou remotamente, acaba-se sempre junto aos livros físicos e também digitais, junto aos milhares de artigos publicados nas redes. O processo solitário do desenvolvimento e cultivo dos pensamentos e da escrita acontece, é bem verdade, junto à interlocução de autores que têm seus estudos publicizados via rede (Munchkin Azul, entrevista).

A pesquisadora Winkie Amarela complementa:

As tecnologias também possibilitam explorar novas perspectivas e recriar novas metodologias de ensino (Winkie Amarela, entrevista).

O pesquisador Cidade das Esmeraldas corrobora tais ideias, ao comunicar que, quando uma grande base de pesquisa está disponível *online*,

[...] em bancos de dados digitais, bem como os *e-books*, isso facilita demais o desenvolvimento dos trabalhos de pesquisa (Cidade das Esmeraldas, entrevista).

Nesse sentido, o ambiente virtual não apenas aprimorou a interação entre os membros do grupo, como também otimizou o próprio processo, registro e compartilhamento de aspectos importantes do dia a dia da pesquisa.

No entanto uma controvérsia instalou-se nesse bloco de perguntas. Apesar de constataremos o espaço positivo que a tecnologia ocupou durante o período de crise, também foi possível sentir em algumas falas uma necessidade de uso crítico, responsável e arrojado dessa mesma tecnologia. As pesquisadoras Munchkin Azul e Gilikin Roxa exemplificam:

O acesso às pessoas foi intensificado, facilitado, mas isso não significa que foi um processo tranquilo. A transição foi e ainda é difícil, isso porque a conexão à internet ainda é falha/deficitária e as ferramentas disponíveis ainda estão, em sua maioria, restritas a algumas funções [...] (Munchkin Azul, entrevista).

Nas reuniões *online* a dificuldade foi aprender a lidar com plataformas diferentes. Mas o receio de mexer do que usá-la de modo interativo e disruptivo. À medida que fui aprendendo a usá-la me adaptei (Gilikin Roxa, entrevista).

No sentido de resguardar os modos de ser e estar no mundo de maneira sensível e criativa, independentemente dos veículos de comunicação utilizados, a pesquisadora Munchkin Azul expressa a questão:

Numa reunião *online* as proposições corporais são pobres, não há experiência do café comunitário, a troca de olhares e abraços. No entanto as reuniões *online* possibilitam o não deslocamento físico, não é preciso sair de casa, pegar um transporte público ou privado. Além disso, as reuniões podem ser gravadas e compartilhadas assincronamente. Ou seja, há ganhos e perdas (Munchkin Azul, entrevista).

palavra “pesquisa”, partindo para as trilhas reunião>participante>aprender, trabalho>tecnologia>compartilhar>educação, grupo>ferramenta>comunicação e online>encontro>pandemia. A pesquisadora Munchkin Azul expõe:

[...] A principal questão, que acredito ter sido e ainda ser um grande passo, foi buscar uma disposição de abertura frente à utilização das tecnologias digitais/*online* disponíveis, ou seja, tentar fazer acontecer as experiências estéticas, bem como as pesquisas da melhor forma. Ou seja, busquei prestar a atenção aos diálogos, interagir, ler os textos sempre que possível para que os encontros pudessem ser produtivos (Munchkin Azul, entrevista).

Nesse aspecto, o diálogo e a troca de experiências tornam-se um emaranhado de interações que podem contribuir para o desenvolvimento de processos educacionais críticos, mas que estes dependem dessa postura de abertura e de encontro com o outro.

Por sua vez, a pesquisadora Quadling Vermelha acentua:

A sensibilidade é uma postura de vida; é um cultivo constante da percepção, emoção, criação, intuição e imaginação. O que afeta ou não a sensibilidade não são os meios, nem os fins, mas o processo de ser e de estar no mundo. A interação com relação às tecnologias contribuiu para a comunicação com pesquisadores fora do Brasil e de outros estados, mas, se você não cultiva a sensibilidade, essa comunicação não perdura, seja presencial ou com o uso da tecnologia (Quadlin Vermelha, entrevista).

Pelas falas dos atores apreendemos que as interações mediadas pela tecnologia permitem que os integrantes participem não apenas de discussões em grupo, como também desenvolvam habilidades de comunicação e colaboração sensíveis, mesmo que por diferentes meios, cada vez mais necessárias no ambiente contemporâneo.

Essas ferramentas podem oferecer oportunidades para explorar diferentes formas de aprendizado, em que os participantes se envolvem de maneira ativa na cocriação do conhecimento e o papel do educador também é reconfigurado, atuando de forma essencial como um facilitador do processo de aprendizado e na forma como as pessoas colaboram, aprendem e ensinam.

A pesquisadora Munchkin Azul analisa:

O porvir se mostra técnico. Não há como retornar. Não há retorno. Os grupos de pesquisa interagem com pessoas, pesquisadores de diversos lugares. [...] E pesquisa é alcance, é publicização de conhecimento, é encontro entre diferentes formas de investigar. O uso de tecnologias, de mídias reduziu o custo e otimizou o tempo para esses encontros acontecerem. O futuro ou o porvir dos grupos de pesquisa se mostra *online* (Munchkin Azul, entrevista).

Com a sua fala, a pesquisadora Quadling Vermelha nos ajuda a concluir:

O futuro depende muito mais da postura e sensibilidade dos pesquisadores do que necessariamente dos meios presenciais ou virtuais utilizados. Você pode ter a tecnologia a seu favor ou ser usada por ela; é uma decisão e postura de vida (Quadling Vermelha, entrevista).

Isso porque os meios não são neutros, contudo uma postura crítica para o seu uso pode e deve fazer a diferença.

À vista disso, identificamos que a educação e a pesquisa, especialmente com a ocupação de ambientes *online*, estão cada vez mais interligadas por meio de grupos que se comunicam e contribuem de forma ampla, utilizando ferramentas digitais para facilitar o aprendizado, a troca de conhecimento e a produção acadêmica de modo inovador e inclusivo.

Em nossa experiência com o grupo focal, constatamos que existem debates diversificados sobre educação e pesquisa em artes mediadas pela tecnologia, bem como sobre experiências de ensino e aprendizagem em ambientes digitais. Também discutimos as motivações dos grupos e redes colaborativas de pesquisa, além da própria gestão pessoal, profissional e coletiva do conhecimento.

Figura 11 – Reunião de grupo focal com o NUPAE



Fonte: Acervo da autora (2024)

Analisando a conversa do grupo, identificamos que há inicialmente uma inquietação a respeito sobre como, na atualidade, vem sendo procurado o desenvolvimento de um perfil público do pesquisador. No entanto deparamos com impasses gerados pelo grande fluxo de informações presentes nas redes e a disciplina

e organização necessárias para ordenar aquilo que é necessário para revelar sua potência.

O perfil citado diz respeito tanto à difusão da produção dos(as) pesquisadores(as) quanto às bases de dados de pesquisa nas quais necessitam estar cadastrados e suas relações. Um desafio apontado é a questão geracional na experiência individual no processo de organizar as informações; foram mencionadas ferramentas com potencial de expandir a produtividade quando usadas como facilitadoras, demonstrando que as atividades podem ser intensificadas dependendo da forma como nos relacionamos com as tecnologias.

Da mesma maneira, mencionou-se que, com o uso de estruturas e filtros adequados – saber-fazer o que antes parecia assustador –, o processo pode se tornar equilibrado, permitindo a incorporação de saberes, mesmo com a existência da dicotomia papel *versus* digital.

A argumentação segue na direção da inclusão, pois, segundo os pesquisadores, a falta de acesso, de utilização eficiente e democratização da informação leva ao isolamento do sistema acadêmico, em geral. Lapa e Pretto (2019, p. 42, tradução nossa) enfatizam que

a igualdade de oportunidades no acesso à infraestrutura e aos conhecimentos produzidos é condição *sine qua non* da cidadania na cultura digital. Isso implica acesso aos dispositivos e à banda larga, mas inclui também o acesso a conteúdos por fontes distintas e abordagens diversas em que a comunicação científica desempenha um papel importante. A universidade redefiniria deste modo seu papel na formação para a cidadania, que inclui um papel ativo de professores e pesquisadores na comunicação com a sociedade, tanto no combate à desinformação e/ou manipulação ideológica das massas, como na formação crítica de sujeitos para uma nova leitura das mídias.

Com ênfase, foco e acesso são levantados como pontos essenciais para os pesquisadores, tal como métodos e procedimentos para a utilização da internet na docência e na pesquisa. Tal assunto irrompeu com força durante a pandemia de covid-19 e, em decorrência disso, de certa forma antecipou o uso de ferramentas digitais e a forma como foram conduzidas.

Foco no que quer fazer na internet... eu uso muito a internet, acho que é uma ferramenta muito importante, né? Porque tem conhecimento ali e, se tu vai

na fonte certa, segura, consegue bastantes informações que tu vai utilizar (Grupo focal, 2024)¹⁸.

Porque o tempo que a gente tem diante da internet, o tempo que a gente tem que conciliar com as demais tarefas que nós temos, ele é muito exíguo. Então, se a gente não focar, a gente acaba desvirtuando e acabamos não fazendo o que tem que fazer, né? (Grupo focal, 2024).

É uma questão da internet na docência. Então ela veio potente com a pandemia. De alguma forma, ela antecipou o uso das ferramentas. As duas primeiras semanas, assim, foram assustadoras (Grupo focal, 2024).

E mais depois foram, foram experiências muito interessantes. E aí eu fico pensando, não é só a ferramenta, é a metodologia utilizada pelo professor, é o modo que ele trata as questões, é o nosso discernimento, discernimento de saber que uma aula presencial é uma coisa, uma aula *online* é outra coisa, né? Não é que essa seja melhor que essa (Grupo focal, 2024).

Os relatos seguem na direção de um início assustador; posteriormente aconteceram experiências interessantes, o que foi resultado não somente da ferramenta, como também da metodologia utilizada pelo docente e do discernimento na condução de suas práticas.

O aprendizado no uso das tecnologias colocou para os participantes a questão da assimetria entre a produção e o consumo de conteúdo, sobretudo nas redes sociais, e que há certo “tatear” que nos estágios iniciais, além da relevância das formações nesse processo.

Nesse universo, acabamos por pensar na tecnologia e nas ferramentas somente no âmbito digital, quando a forma como cada uma surge não necessariamente elimina ou substitui outra, mas também evolui, a despeito da imagem, da fotografia, do cinema etc.

No contexto acadêmico, há a atenção e inquietação com a produção e socialização do conhecimento, seja pela elaboração de artigos, livros, resumos expandidos, participação em eventos, além das *lives*, que podem levar as discussões para quem está diretamente em sala de aula, da educação infantil à pós-graduação.

Seja presencial ou *online*, é a pesquisa. [...] E a gente vai precisar aprender como lidar com elas. Como é submeter artigos, né? A gente está sempre muito preocupado com a produção também. Não só pelas pontuações que a gente tem na academia, mas principalmente pela socialização do conhecimento, que é o mais importante (Grupo focal, 2024)

¹⁸ A reunião do grupo focal foi realizada em 2024, com transcrição de áudio e registro em escrita. Os trechos foram transcritos conforme gravação, por esse motivo possuem características livres de fala e pontos com partes suprimidas por alguma falha de compreensão.

Em relação à perspectiva do campo das artes e a educação, existe um debate importante sobre a perda da autoria e os direitos autorais, bem como o reconhecimento do trabalho dos artistas. Dito isso, Floridi *et al.* (2015) apontam que a expansão das tecnologias digitais, a hiperconectividade e a abundância de informação também podem impor desafios consideráveis, como a sobrecarga cognitiva e a vulnerabilidade sistêmica a estratégias de manipulação informacional (técnica, política e social), e também consequências, como a falta de empoderamento da sociedade quando a governança digital e o equilíbrio de acesso e controle sobre os dados não são transparentes ou mesmo participativos.

Tem uma discussão sobre a perda da autoria, o pagamento de direitos ao reconhecimento do artista. Então eu acho que ainda tem muita discussão nesse campo para a gente tem que conversar muito, principalmente por causa dessas grandes organizações e também porque nós nos beneficiamos disso. Eu já utilizei, por exemplo, imagens [...] (Grupo focal, 2024).

Haverá muitas discussões futuras sobre os aspectos aqui colocados, especialmente em virtude da influência das grandes organizações envolvidas no desenvolvimento das inteligências artificiais (IA) e do fato de que todos nos beneficiamos do uso de imagens, de aplicativos e outras tecnologias que, sob uma perspectiva democrática, vêm transformando a arte e seu ensino.

Escolas e estudantes recorrem a essas ferramentas constantemente para fazer brincadeiras, criar imagens e *memes* e até mesmo para expandir cenas congeladas, imaginando o que acontece além do momento capturado na imagem original. Esse tipo de uso revela um potencial rico em termos de criatividade e desenvolvimento.

Ao mesmo tempo, há um conflito a ser discutido sobre o uso ético e indevido de certas obras, técnicas e características na criação de outras, o que tem gerado e certamente continuará gerando muitas controvérsias.

Igualmente os participantes exploraram em suas falas, como podemos ver a seguir, que estamos sobrecarregados de informação; dados, imagens, textos...

É isso, em alguns momentos a velocidade é tão instantânea que a gente acaba não conseguindo acompanhar... É absorver as informações que são necessárias também, mas nos auxilia muito porque você consegue resolver as coisas de uma forma rápida (Grupo focal, 2024).

Tem essa organização que o [...] comenta também, bem pertinente, né? Que às vezes a gente vai acumulando coisa [...] como papel, livro, e acaba tendo dificuldade depois pra buscar [...] (Grupo focal, 2024).

Que abarrotta, né? Um pouco de coisas assim. Você tem que meio que filtrar (Grupo focal, 2024).

[...] nós estamos com muita informação, e muito é que as pessoas não sabem lidar com esse, com essa multiplicidade de informações. Não sabem selecionar aquilo que pode ser aproveitado ou não (Grupo focal, 2024).

Muitas pessoas no momento não sabem e/ou não conseguem lidar com a multiplicidade de dados e distinguir aquilo que é realmente útil ou legítimo, ou mesmo efetuar um filtro daquilo que é necessário, visto que a internet, na consideração do grupo entrevistado, não veio para substituir, e sim para complementar o aprendizado. Em vista disso, há a necessidade de seleção/curadoria sobre o que estudar, ver e ler.

Em torno dessas questões as falas mantêm-se no trecho:

[...] nós estamos com muita informação, e as pessoas não sabem lidar com essa multiplicidade de informações. Não sabem selecionar aquilo que pode ser aproveitado ou não (Grupo focal, 2024).

Mas foi deixado de lado (Grupo focal, 2024).

E aí eu vejo assim, eu não estou culpando ninguém, mas assim de a educação básica tem que estar mais atenta a isso [...] (Grupo focal, 2024).

[...] daí só finalizando. Então, a educação. Não que nós sejamos culpados, mas nós temos uma responsabilidade aí muito grande, né? De mobilizar, que as pessoas tenham vontade de ler, de estudar (Grupo focal, 2024).

Constata-se a preocupação, por parte dos educadores que interagem com diferentes gerações, quanto à necessidade de a educação básica abordar também a educação midiática. Os currículos devem ser adaptados para incluir conteúdos e estratégias pedagógicas que despertem o interesse dos estudantes, motivando-os a desenvolver habilidades críticas essenciais para navegar no complexo panorama atual, sem, contudo, invalidar a relevância de outros conteúdos que contribuem para uma aprendizagem adaptada às novas realidades.

Dessa maneira, retomando o grupo inicialmente analisado, o NUPAE possui *site* próprio, no qual faz postagens constantes a cada novo evento, publicação ou *lives* (intimamente ligado ao canal (In)Completeness, no YouTube). Logo, seguindo os atores, no decorrer da pesquisa vimos que o grupo optou por ocupar, principalmente, a plataforma de compartilhamento de vídeos, sendo parte relevante de sua estratégia de comunicação:

Então abriu o canal Incompleteness. [...] E a gente fez as primeiras entrevistas [...]. Nós tínhamos lá o apetrecho do *design* e tal, né? Foi muito interessante

e a gente aproveitava as pessoas que vinham para banca [...]. Aí veio a pandemia. Eu disse: “E agora? O que a gente vai fazer?”. A gente começou a fazer, se vocês olharem lá no (In)completudes, temos uns vídeos, assim, meio improvisados [...]. Depois veio a *live*, não é? E foi tão interessante a experiência da *live*. [...] com a volta da normalidade presencial, a gente achou que não podíamos voltar para o presencial e continuamos nas *lives*. É *online*, por quê? Porque a gente tem possibilidade de ter no canal pessoas que [...] nem sempre temos condições de tê-las presencialmente. Foi um dos motivos é que o canal [...] cumpre melhor o seu papel social. Porque além dos entrevistados que vêm de toda parte (Grupo focal, 2024).

Os comunicadores, por meio da plataforma, acabam por representar um sistema de porta-vozes do conhecimento há muito já alistado nas produções escritas em livros, artigos e outros documentos, falando por quem não fala, pois com os comentários dos(as) pesquisadores(as) e dos(as) cientistas as inscrições falam muito mais. Como afirma Latour (2011, p. 111), “o autor da afirmação se eclipsa, e quem duvida vê, ouve e toca as coisas inscritas ou as pessoas reunidas a lhe revelarem exatamente o que o autor alegava”.

Durante a fala dos(as) entrevistados(as) relembrou-se que, nas formações e mesmo nos momentos anteriores à pandemia, surgiu a ideia de criar um canal em plataforma de compartilhamento de vídeos para o Núcleo, denominado (In)Completudes.

Os vídeos são apresentados no formato de *lives*, com convidados que abordam temas evidenciados pelo Núcleo, além do compartilhamento de eventos, palestras, rodas de conversa e outras atividades. Tal iniciativa possibilita a difusão e a troca de conhecimentos entre os convidados e o público, ampliando e integrando a experiência de ensino, pesquisa e extensão da universidade.



7 PARTINDO PARA TRILHAR OUTROS CAMINHOS

Acredito que a arte seja uma forma de pensar o mundo e um exercício de tensionamento do real.
(Beiguelman, 2021, p. 9)

Partindo da ideia de formação de redes sociotécnicas, nas quais tecnologia e sociedade se engendram mutuamente por meio de associações com diversos atores, foi possível estender a nossa investigação para uma rede de humanos e não humanos. Com isso tenta-se dizer que podemos ter uma visão holística que inclua a tecnologia, em redes e conexões que contribuem para pensarmos um mundo em rápida mudança, complexo e interconectado.

Sob tal visão, nesta tese procuramos empreender uma busca para identificar possíveis efeitos resultantes, verificados pelo grupo e por meio dele, relacionados ao uso das tecnologias digitais, examinando o viés em que as experiências suscitaram práticas, aprendizagens e processos criativos e de qual maneira se inserem no cotidiano dos participantes, para, então, destacar o potencial das tecnologias como novos espaços de intervenção, de representação e de narrativas que ligam as práticas ao grupo.

Por essa perspectiva, discurriremos que um grupo de pesquisa pode ser uma rede de atores humanos e não humanos que trabalham juntos para gerar e difundir conhecimento. Os atores humanos incluem pesquisadores, estudantes, financiadores, entre outros; já os atores não humanos incluem laboratórios, equipamentos, dados e outras tecnologias.

Nesse sentido, podemos articular que também o uso de ferramentas digitais pelos grupos de pesquisa e universidades é uma tendência crescente. Essas ferramentas podem ajudar os pesquisadores a compartilhar conhecimento, colaborar com outros investigadores e gerenciar seus projetos de pesquisa.

A respeito disso, Latour (2012, p. 111-112) retrata que o número de atores em jogo deve ser aumentado, uma vez que “[...] os objetos nunca devem ser mencionados, mas sempre sentidos. Eles existem, naturalmente, mas não são alvo de pensamento, de pensamento social. Como servos humildes, vivem à margem do social [...]”. Invocando os humanos entrelaçados aos não humanos, percebemos que ambos exercem mútua influência ao longo dos processos sociais, de forma que

podemos tecer que os conhecimentos e as práticas se fundem em uma complexa rede de relações entre pessoas, instituições, artefatos, normas etc.

Essas redes são dinâmicas, independentes de escalas, categorias ou mesmo separações, e estão sempre em formação e transformação em meio a associações que se alinham em busca de um objetivo comum. Por conseguinte, ao longo da pesquisa optamos por traçar a rede com o Núcleo de Pesquisa de forma descritiva, exemplificando e argumentando os vínculos entre os atores e suas ações, de forma a concentrar os elementos heterogêneos que compõem seus interesses, alianças e mesmo conflitos, para ser possível então delinear a estrutura sociotécnica observada.

Nesta trilha, percorrendo os rastros de forma ativa e participante, percebemos que existem ferramentas digitais diversificadas que podem ser usadas pelos coletivos e dependem das necessidades e preferências específicas. Algumas das ferramentas mais populares incluem plataformas de gerenciamento de projetos e colaboração em tempo real que podem ser usadas para acompanhar o progresso dos projetos de pesquisa, gerenciar tarefas, armazenar arquivos, discutir ideias e se comunicar com outros membros do grupo por bate-papo ou mesmo videoconferência, como é o caso das plataformas de escrita colaborativa, webconferência, compartilhamento de arquivos e troca instantânea de mensagens, por exemplo.

O trabalho de descrever as inscrições dos coletivos acaba por reivindicar uma atenção ao modo como os actantes agem e pelas trilhas que se deslocam, de maneira que a ação é continuamente conectada, provocando, induzindo e mobilizando uns aos outros, em que a ideia de “faz-fazer”, de Latour, partilha a capacidade de a agência ser mútua e relacional, pois quando agimos outros também passam a atuar distributivamente.

Dessa forma, seguimos as trilhas que se colocaram como oportunidades de observar a constituição de um núcleo de pesquisa como coletivo sociotécnico. Diante disso, “[...] a rastreabilidade das ações de inúmeros atores nas redes digitais de comunicação torna extremamente mais simples a tarefa de se retraçar a tessitura mesma dos coletivos sociotécnicos” (Bruno, 2012, p. 697).

Para tal propósito, imergimos em alguns mecanismos mistos de pesquisa para coleta de dados (acesso à experiência), como a entrevista e o grupo focal (para aproximar-nos da abertura do processo de dizer), o levantamento bibliográfico (que integrou as formas de produção aos movimentos que constituem os coletivos de forças) e a observação participante (que envolveu a convivência nos campos da

pesquisa, acompanhando os processos e deixando de ocupar papéis e pontos de vista como uma espectadora inerte). Esses procedimentos permitiram descrever a rede em seus enredos e acessar o plano compartilhado das experiências, amplificando os modos de fazer pesquisa. Portanto,

[...] a experiência comporta tanto subjetividade quanto objetividade, de modo que para a cartografia, esses termos não têm o mesmo sentido que em outros campos do conhecimento. [...] O acesso à experiência modula todo o procedimento de pesquisa, porque faz aparecer uma dimensão participativa na constituição dos objetos. Sendo assim, também a análise deve caminhar na direção da participação (Barros; Barros, 2014, p. 176-177).

O caráter participativo na pesquisa, aliado a todas essas ferramentas, propiciou o acesso ao traçado de um plano comum¹⁹, que comporta ao mesmo tempo partilha e pertencimento, pois o ato de conhecer também contribui para criar uma realidade, habitando um território.

Neste território, assentado pelo Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE), em suas relações engajadas nos fluxos de informação e comunicação, apreendemos acompanhando as redes, que se formam em torno de comunidades de práticas (conceito emprestado do estudo das organizações), compartilhando repertórios e buscando aprofundar o conhecimento em determinada área de forma continuada.

O NUPAE busca difundir seus estudos entre a comunidade científica e o público em torno de temas como a arte e a educação. O Núcleo percorre lugares que também promovem a ocupação de ambientes *online*, tendo em consideração que uma das preocupações abertas no campo das linguagens artísticas, e suas consequentes atualizações técnicas, de acordo com Santaella (2005), está a habilidade em manipular a tecnologia, pois “uma nova estética precisa emergir: uma estética que transponha sem temor as fronteiras que a tradição interpôs entre os caminhos da ciência e da arte”.

Dentre os efeitos resultantes, verificamos que o uso das tecnologias tem se tornado actante nesse espaço entre grupos e entre os participantes, fazendo-se território agente de práticas coletivas, como as trilhas percorridas com o NUPAE.

Vemos tais movimentos avançando pelas redes, como, por exemplo, o I Seminário dos Grupos de Pesquisa do GT Educação e Arte da Associação Nacional

¹⁹ “É comum o que, na experiência, é vivido como pertencimento de qualquer um ao coletivo” (Kastrup; Passos, 2014, p. 21).

de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), que ocorreu em formato *online* em 2024, com transmissão ao vivo pelo canal da ANPEd no YouTube.

O encontro, que contou com a participação do NUPAE e de demais grupos de pesquisa, oriundos de 15 instituições acadêmicas de oito estados brasileiros (Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Pará e Pernambuco), viabilizou o reconhecimento das ações contínuas de amadurecimento das discussões promovidas pelos grupos em suas dimensões Teatro, Música, Dança e Artes Visuais, na interface Educação e Arte como centralidade em seus estudos/pesquisas.

Com base no seminário mencionado, foi realizada uma publicação em 2025, intitulada *Educação e Arte da ANPEd: potência do coletivo*, com o objetivo de mapear os trabalhos desenvolvidos pelos grupos de pesquisa vinculados (com a pretensão de conhecer as propostas de atuação, voltadas a temas, metodologias adotadas e demais interesses) e fortalecer o debate político e educacional em torno da arte e da cultura.

Por conseguinte, destacamos que as diferentes plataformas *online* podem ser capazes de figurar como meio de convergência para os grupos e pesquisadores, reverberando suas práticas e experiências de pesquisa para diferentes públicos.

Embora tragam desafios, como a necessidade de atualização constante e ameaças de desinformação e conteúdo não verificado por pares, as tecnologias são aliadas potentes na articulação e integração de práticas na produção e difusão de conhecimento dos grupos.

No entanto os desafios apresentados ao longo do tempo são suplantados em parte pelos ganhos em relação à superação de barreiras físicas, contribuição para a memória institucional ou mesmo agilidade na mobilização dos coletivos.

À vista do exposto, os territórios digitais podem constituir espaços de criação e transformação, de forma a possibilitar a ampliação da capacidade dos coletivos em articular suas práticas e dialogar com diferentes públicos. A respeito de habitar esses ambientes, Bruno (2012, p. 700) ressalta:

Concebidos como inscrições de ações, os rastros que deixamos na internet são interrogados quanto aos efeitos que produzem na formação de coletivos. As redes onde eles se inscrevem não são entendidas como a teia que os captura, mas a trama que emerge das ações que lhes deram origem e que as modificam em retorno. Descrever essas tramas é produzir um conhecimento sobre um fenômeno social qualquer e, ao mesmo tempo, reinventar um espaço político.

Além disso, a produção científica dos grupos disponibilizada *online* é um aspecto a ser considerado no campo de disputa e resistência para o fortalecimento do campo da arte e da educação no Brasil.

A pesquisa em arte, educação e cultura avança pela experimentação de linguagens (incluindo as que contemplam as tecnologias), configurando-se como prática interventiva, mobilizadora e emancipatória.

Ao acompanhar os processos dos atores e suas inscrições nas redes, avançamos por um plano que considerou actantes humanos e não humanos para pensar o diverso, em uma abordagem integradora. Tal método buscou conectar as implicações éticas, estéticas e políticas (valores, percepções e disputas por representação na coletividade), constituindo-se como uma ação de “estar com” que emerge dessa realidade complexa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Patrícia A. *et al.* **Práticas pedagógicas na educação básica do Brasil:** o que evidenciam as pesquisas em educação. Unesco, 2021. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/wp-content/uploads/2022/04/Praticas-pedag%C3%B3gicas-na-educa%C3%A7%C3%A3o-b%C3%A1sica-do-Brasil.pdf>. Acesso em: 26 maio 2024.

ANDERY, Maria Amália Pie Abib *et al.* **Para compreender a ciência:** uma perspectiva histórica. 4. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

ATAÍDES, Fernanda; OLIVEIRA, Guilherme; SILVA, Anair. A etnografia: uma perspectiva metodológica de investigação qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 48, p. 133-147, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/issue/view/159>. Acesso em: 17 dez. 2023

BARROS, Letícia Maria R. de; BARROS, Maria Elizabeth B. de. O problema da análise na pesquisa cartográfica. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Sílvia. **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 175-202.

BAUM, L. Frank. **O mágico de Oz.** Edição comentada e ilustrada. São Paulo: Zahar, 2013.

BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da imagem:** vigilância e resistência na dadosfera. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte:** gênese e estrutura do campo literário. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF, 1988.

BRUNO, Fernanda. Rastros digitais sob a perspectiva da teoria ator-rede. **Revista FAMECOS**, v. 19, n. 3, p. 681-704, 2012. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2012.3.12893>. Acesso em: 17 maio 2025.

CALDAS, Graça. Divulgação científica e relações de poder. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 15, n. esp., p. 31-42, 2010.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. **Tutorial para uso do software IRaMuTeQ.** (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires), 2018. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-portugais-22-11-2018>. Acesso em: 05 ago. 2024.

CALLON, Michel. Entrevista com Michel Callon: dos estudos de laboratório aos estudos de coletivos heterogêneos, passando pelos gerenciamentos econômicos. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 10, n. 19, p. 302-321, jan./jun. 2008. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/soc/a/vMsR5ShpxsdscW9yfF9j94L/?format=html&lang=pt>.

Acesso em: 18 abr. 2025.

CAMPANELLO, Bruno; BARROS, Carla (org.). **Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos**. 1. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

CARVALHO, Francione Oliveira; SABINO, Kelly (org.). **Educação e arte da ANPED: potência do coletivo**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação – economia, sociedade e cultura**. v. 1. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

CAVALCANTE, Livia Teixeira Canuto; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto de. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. **Psicol. Rev.**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 83-102, abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n1p82-100>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682020000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02 abr. 2024.

CGEE – CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS. **A ciência e a tecnologia no olhar dos brasileiros**. Percepção pública da C&T no Brasil: 2015. Brasília, DF, 2017. 152 p.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ESCÓSSIA, Liliana da; KASTRUP, Virgínia. O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo-sociedade. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 2, p. 295-304, maio/ago. 2005.

FLORIDI, Luciano *et al.* **The Onlife Manifesto: being human in a hyperconnected era**. London: Springer, 2015.

GALLO, Sílvio. Os desafios para a prática da ciência aberta por periódicos da área de humanidades: uma visão a partir do campo da Educação. *In*: PRÍNCIPE, Eloísa; RODE, Sigmar de Mello (org.). **Comunicação científica aberta**. Rio de Janeiro: IBICT, 2022. p. 47-62. DOI: 10.21452/ABEC.2022.isbn.978-65-89167-68-6.003.

HINE, Christine. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia. *In*: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla. **Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos**. 1. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2016. p. 11-27.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Sílvia. **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 9. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

LAPA, Andrea B.; PRETTO, Nelson de Lucca. La comunicación en disputa: el rol de educadores y científicos. **REDU: Revista de Docencia Universitaria**, v. 17, n. 1, p. 33-43, 2019. DOI: <https://doi.org/10.4995/redu.2019.11240>. Acesso em: 18 set. 2024.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. 2 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

LATOUR, Bruno. Faturas/Fraturas: da noção de rede à noção de vínculo. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 123-146, 2015. DOI: 10.5007/2175-034.2015v17n2p123. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2015v17n2p123>. Acesso em: 21 set. 2023.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede**. Salvador/Bauru: EDUFBA/EDUSC, 2012.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. Tradução: Carlos Irineu da Costa São Paulo: Editora 34, 2010.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** 2. ed. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2011.

MAINARDES, Jefferson. Grupos de pesquisa em educação como objeto de estudo. **Cadernos de Pesquisa**, v. 52, e08532, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/198053148532>. Acesso em: 10 fev. 2023.

MARTINS, Dauto. Tecnologia e cultura: vias de mão dupla. *In*: LEIVA, João. **Cultura nas capitais: como 33 milhões de brasileiros consomem diversão e arte**. 1 ed. Rio de Janeiro: 17Street Produção Editorial, 2018. Disponível em: https://www.transparenciacultura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/12/Livro_Cultura_nas_Capitais_JLeiva_26_07_2018.pdf. Acesso em: 19 mar. 2019.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. 192 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 18 n. 2, p. 193-202, maio/ago. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722002000200009>. Acesso em: 01 mar. 2025.

PIMENTEL, Lúcia G. Tecnologias contemporâneas e o ensino da arte. *In*: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 127-137.

RIFIOTIS, Theophilos. Etnografia no ciberespaço como “repovoamento” e explicação. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 31, n. 90, p. 85-99, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=10745321007>. Acesso em: 22 set. 2023.

SÁNCHEZ-GAMBOA, Silvio. Grupos de pesquisa: limites e possibilidades na construção de novas condições para a produção do conhecimento. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 36, p. 268-290, 2011. DOI: 10.5007/2175-8042.2011v23n36p268. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2011v23n36p268>. Acesso em: 17 ago. 2024.

SANTAELLA, Lucia. A educação e o estado da arte das tecnologias digitais. *In*: SALES, Mary Valda Souza (org.). **Tecnologias digitais, redes e educação: perspectivas contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 2020.

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 22, dez. 2003. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3229/2493>. Acesso em: 20 mar. 2019.

SANTAELLA, Lucia. **Humanos hiper-híbridos: linguagens e cultura na segunda era da internet**. São Paulo: Paulus, 2021. E-book.

SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005. 70 p.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SÍGOLO, Vanessa M. *et al.* A onda pró-ciência em tempos de negacionismo: percepção da sociedade brasileira sobre ciência, cientistas e universidades na pandemia da covid-19. **Temas Livres – Ciênc. Saúde Coletiva**, v. 28, n. 12, dez. 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320232812.20212022>. Acesso em: 03 nov. 2024.

SOUZA, Severino R. L.; FRANCISCO, Ana Lúcia. O método da cartografia em pesquisa qualitativa: estabelecendo princípios... desenhando caminhos... **Atas – Investigação Qualitativa em Saúde**, v. 2, p. 811-820, 2016.

TELLES, Lygia Fagundes. **Seminário dos ratos**: contos. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

THE WIZARD of Oz [O mágico de Oz]. Direção: Victor Fleming; George Butterfield; Slavko Vorkapich. Estados Unidos: Metro-Goldwyn-Mayer, 1939. 1 filme.

UNESCO – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Resumo do Relatório de Monitoramento Global da Educação 2023**: Tecnologia na educação – Uma ferramenta a serviço de quem? Paris, 2023. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000386147_por. Acesso em: 05 jan. 2025.

ANEXO A

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

N.º do projeto CAAE: 75485423.0.0000.0121

Título do Projeto: Trilhando experiências e sentidos: a jornada digital de um núcleo de pesquisa em arte e educação na região de Joinville/SC

Você está sendo convidado a participar como voluntário(a) de uma pesquisa cujo objetivo é refletir sobre o uso de recursos digitais (páginas na internet, canais do YouTube e redes sociais) por um Núcleo de Pesquisa, buscando compreender a partir da repercussão dessas tecnologias a construção de experiências e sentidos na pesquisa com/sobre/na Arte e Educação e a consequente aproximação das funções sociais do núcleo nesse percurso. Esta pesquisa está sendo realizada pela doutoranda Karinna Alves Cargnin, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC e coordenada e orientada pela Profa. Dra. Andrea Brandão Lapa, que se comprometem a seguir a Resolução n.º 466, de 12 de dezembro de 2012, e suas complementares.

Se você aceitar participar da pesquisa, os procedimentos envolvidos em sua participação poderão ser os seguintes: entrevista/resposta a questionários estruturados/participação em grupo focal (com duração de aproximadamente 30 a 40 minutos), anotações em um diário de bordo, registro fotográfico, registro audiovisual e virtual (internet), podendo ser realizados no *Campus* da Univille/Joinville, no Conservatório Belas Artes de Joinville, em locais de eventos organizados pelo Núcleo e ter registro de voz e/ou imagem gravados, entre outros. Os procedimentos metodológicos para coleta de dados dos participantes se darão de forma respeitosa e ética.

Os possíveis desconfortos decorrentes da sua participação na pesquisa são: algum eventual constrangimento, cansaço ou aborrecimento ao responder à entrevista, entre outros relacionados, sendo um risco mínimo da pesquisa a remota possibilidade da quebra do sigilo, mesmo que involuntário e não intencional (por exemplo, perda ou roubo de documentos, computadores, *pen drive*). A quebra de sigilo, ainda que involuntária e não intencional, deve ser considerada. Contudo pretendemos garantir a manutenção do sigilo e da privacidade da sua participação durante todas as fases desta pesquisa, por meio da anonimização dos dados. De modo a minimizar ou evitar tais riscos e/ou desconfortos, o anonimato dos

participantes desta pesquisa será mantido, de modo a protegê-los de qualquer exposição desconfortável no decorrer da investigação. Salientamos que não há riscos diretos para os participantes, tendo em vista os procedimentos utilizados e os locais nos quais será realizada a pesquisa e que os participantes podem manifestar em qualquer momento o não interesse em continuar envolvido no projeto, bem como poderá entrar em contato com a pesquisadora, a qualquer momento, para tirar dúvidas e fazer comentários.

Os possíveis benefícios decorrentes da sua participação na pesquisa são indiretos e consistem em contribuir com as discussões sobre esta matéria, respeitando os valores da comunidade, bem como estimular e divulgar suas boas práticas e a cooperação com propostas de produção de conhecimento na área de artes e educação.

Quanto à assistência e ao acompanhamento, resguarda-se a indicação ao serviço de acolhimento psicológico público e gratuito, caso você manifeste desejo. Após a análise dos dados coletados, leitura e registro interpretativo e reflexivo da pesquisa, pretende-se discutir os achados com o Núcleo investigado para possível qualificação dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos.

Sua participação na pesquisa é totalmente voluntária, ou seja, não é obrigatória. Caso você decida não participar ou desistir de participar e retirar seu consentimento, não haverá nenhum prejuízo. Ressaltamos que não haverá nenhum tipo de remuneração à participação, não está previsto nenhum tipo de pagamento pela sua participação na pesquisa e você não terá custo com os procedimentos envolvidos. Caso ocorra alguma intercorrência ou dano ou despesa, resultante de sua participação na pesquisa, você receberá o atendimento necessário, além disso, você tem garantido o direito a solicitar indenização, nos termos da Lei, e/ou ressarcimento, cujos custos serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.

Os dados coletados durante a pesquisa serão sempre tratados confidencialmente. Os resultados serão apresentados de forma conjunta, sem a identificação dos participantes, ou seja, o seu nome não aparecerá na publicação dos resultados, que podem ser divulgados por meio de publicação de relatórios acadêmicos, artigos, apresentações em eventos científicos e/ou divulgação de outra natureza, sem fins lucrativos.

Caso você deseje mais informações ou ainda possua dúvidas, poderá entrar em contato com a pesquisadora Karinna Alves Cargnin, pelo telefone (47) 99916-6319, pelo e-mail: karinnaa10@gmail.com, pessoalmente no endereço: BR-280, km 27, Caixa Postal 21, Sala A-18, Colégio Agrícola – CEP 89245-000 – IFC – *Campus Araquari/SC*, bem como com a Profa. Dra. Andrea Brandão Lapa, pelo telefone (48) 99140-1997, endereço: UFSC – Centro de Ciências da Educação – Departamento de Metodologia de Ensino, *Campus Universitário*, Trindade – CEP 88900040 – Florianópolis/SC, ou com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH-UFSC), pelo telefone (48) 3721-6094, ou no 7.º andar do Prédio Reitoria II, sala 701, de segunda a sexta, das 8h às 12h e das 14h às 18h. O CEPSH é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões,

criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Após ser esclarecido sobre a pesquisa, no caso de você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável.

- () Concordo com o registro da minha voz e/ou imagem.
() Não concordo com o registro da minha voz e/ou imagem.

CONSENTIMENTO

Eu, _____ (nome completo), _____ integrante do(a) _____, declaro ter sido suficientemente informado(a) e concordo em participar de forma voluntária da pesquisa descrita acima.

_____ (cidade), ____ de _____ de 20____.

Participante

Karina Alves Cargnin – Pesquisadora

ANEXO B

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
QUESTIONÁRIO/ENTREVISTA

Você está sendo solicitado(a) a participar, como voluntário(a), em uma pesquisa desenvolvida pela doutoranda KARINNA ALVES CARGNIN, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC.

O objetivo da pesquisa é refletir acerca do uso de recursos digitais (páginas na internet, canais do YouTube e redes sociais) por um Núcleo de Pesquisa, buscando compreender, com base na repercussão dessas tecnologias, a construção de experiências e sentidos na pesquisa com/sobre/na Arte e Educação e a consequente aproximação das funções sociais do Núcleo nesse percurso.

Suas respostas serão muito importantes para a realização desta pesquisa, e todas as suas opiniões serão levadas em consideração. Deixamos claro que sua participação não é obrigatória. Além disso, você pode, a qualquer momento, deixar de responder ao questionário, a qualquer questão e/ou solicitar mais esclarecimentos ao pesquisador que o está aplicando. Mesmo que possua espaço para colocar seu nome, você não será identificado na pesquisa, mas tem a liberdade de colocar seu nome ou não. As respostas fornecidas neste questionário são confidenciais e serão utilizadas apenas para fins de pesquisa. Somente a pesquisadora responsável pelo projeto e seu(s) orientador(es) terão acesso às respostas.

- NOME:

1. Qual é a sua idade e há quanto tempo você utiliza a internet regularmente?
2. Quais são os principais motivos pelos quais você utiliza a internet? (ex.: trabalho, estudos, entretenimento, comunicação etc.).
3. Quais são as principais atividades que você realiza na internet? (ex.: navegar em redes sociais, assistir a vídeos, fazer compras, ler notícias etc.).
4. O seu grupo de pesquisa é engajado com as tecnologias digitais? Caso sim, por favor, cite exemplos.
5. Você acha que as tecnologias digitais influenciaram ou mudaram a forma como você se comunica com os outros pesquisadores e com o seu grupo de pesquisa? Como?
6. Como você pensa que as tecnologias digitais possam ter contribuído para o seu desenvolvimento como pesquisador(a)?
7. Quais estratégias você adotou para manter-se motivado(a) e engajado(a) nos estudos e reuniões *online* durante a pandemia?

8. De que forma você considera que a transição para o formato *online* afetou sua interação com os colegas e a comunicação com seus orientadores/professores?
9. Como você percebe/percebeu a interação e o engajamento durante as reuniões *online*?
10. Você acredita que as reuniões online facilitam(ram) ou dificultam(ram) a participação ativa de todos os membros do grupo de pesquisa? Por quê?
11. Quais estratégias você utiliza/utilizou para maximizar o acompanhamento das reuniões *online* na construção do conhecimento em arte e educação em grupo?
12. De que forma você considera que a utilização da tecnologia influencia/influenciou a sua sensibilidade em relação aos demais pesquisadores e ao ambiente ao pesquisar? Afetou sua sociabilidade em comparação com outros métodos de interação?
13. Como você enxerga o futuro dos grupos de pesquisa no contexto do uso das tecnologias?
14. Quais foram as principais limitações ou dificuldades que você encontrou nos estudos e reuniões *online*?
15. Quais foram as principais potencialidades ou benefícios que você encontrou nos estudos e reuniões *online*?
16. Como você lidou com a falta de interação presencial e o impacto emocional de não estar distante dos colegas e professores durante a pandemia?
17. Poderia comentar sobre quais foram as suas principais aprendizagens ou descobertas durante esse período de estudos e reuniões *online*?
18. Com base na sua experiência, o que você acredita que pode ser melhorado ou incorporado no futuro em relação aos estudos e reuniões *online* e uso de ferramentas digitais, mesmo após o fim da pandemia?
19. O que você considera que o uso das tecnologias digitais trouxe de diferencial para o seu grupo de pesquisa?
20. Considerando a sua experiência (principalmente durante a pandemia de covid-19), quais são as principais recomendações ou boas práticas com o grupo de pesquisa que você indicaria para otimizar a produção do conhecimento e sua divulgação?

OBS.: Você também receberá este questionário em seu *e-mail*, caso prefira responder digitalmente.

ANEXO C

QUESTÕES MOTIVADORAS PARA O GRUPO FOCAL

- Como funciona para vocês a gestão pessoal do conhecimento e a aprendizagem *online*? E como a internet tem contribuído para o seu desenvolvimento profissional/pedagógico?
- Como vocês percebem a transposição ou mesmo a criação de experiências de aprendizagem no/para o ambiente digital?
- Em sua opinião, qual é o futuro da educação e pesquisa em Artes mediadas pela tecnologia e como isso pode transformar o campo das Artes?
- Vocês consideram que os ambientes digitais motivam os grupos de pesquisa nas suas respectivas áreas e na formação de redes colaborativas nacionais e internacionais para a produção de conhecimento?

ANEXO D

*Levantamento de Dados Diretório de Grupos de Pesquisa – DGPB/CNPq

* arte, mídia (todos os termos=35) - (qualquer termo=2.685)										
INSTITUIÇÃO	GRUPO	Linhas de Pesquisa	DATA DE CRIAÇÃO DO GRUPO/Atualização	LÍDER	2º LÍDER	ÁREA PREDOMINANTE	CONTATO	WEBSITE	YOUTUBE	INSTAGRAM/FACEBOOK
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia	[Re]Image - Grupo de Pesquisa em Artes Visuais	Arte e tecnologia; Artes Visuais, Memória e Educação; Espaço e estética na arte contemporânea; História(s) da(s) arte(s) e visualidades transculturais: decolonialidades, gênero e narrativas do Sul Global; Laboratório Corpo/Imagem/Convergência: processos poéticos no digital; Poéticas e processos artísticos contemporâneos; Teoria, história e crítica da arte.	2014 - 12/07/2023	Carolina Fialho Silva	Carolina Fialho Silva	Linguística, Letras e Artes	valeciaribeiro@ufpb.edu.br	Não localizado	não localizado	não localizado
Universidade Estadual de Campinas	ACTIab - Grupo de Pesquisas Interdisciplinares em Arte, Ciência e	Arte e ciência; Imagem e mediação técnica.	2015 - 17/01/2023	Cesar Augusto Baio Santos	-	Linguística, Letras e Artes	baio@unicamp.br	https://www.actiab.art	https://www.youtube.com/watch?v=ZbaH0MWPuQ	não localizado
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Arte, Memória e Mídia	Arte, curadoria e pensamento decolonial; Tecnologias Culturais: do analógico ao digital.	2022 - 20/10/2022	Priscila Almeida Cunha Arantes	-	Linguística, Letras e Artes	paarantes@pucsp.br	Não localizado	https://www.youtube.com/watch?v=vhdnD11eQE	não localizado
Universidade Federal do Paraná	Arte, Memória e Narrativa	Arte e Cultura; Imagens e Narrativas Científicas.	2014 - 25/06/2023	Rosane Kaminski	Vinicius Nicastro Honesko	Ciências Humanas	rosanekaminski@gmail.com	Não localizado	https://www.youtube.com/watch?v=vhdnD11eQE	não localizado
Universidade Federal do Norte do Tocantins	Arte, mídia, representações e linguagens.	Arte, linguagens e audiovisual: práticas culturais e	2020 - 24/05/2023	Plábio Marcos Martins Desidério	-	Ciências Humanas	plabiom@gmail.com	Não localizado	não localizado	não localizado
Universidade Estadual de Ponta Grossa	Ciências, Arte, Tecnologia e Sociedade	ENSINO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA NAS RELAÇÕES COM A SOCIEDADE; ENSINO DE CIÊNCIAS E MÍDIAS; ENSINO DE CIÊNCIAS E NÍVEIS DE ENSINO; Ensino de Física; Investigações em Ensino de Ciências Exatas e Naturais; PRÁTICAS DE ENSINO EM CIÊNCIAS; Recursos Didáticos e Midiáticos para o Ensino e Divulgação da Ciência.	2014 - 01/02/2023	André Vitor Chaves de	André Vitor Chaves de Andrade	Ciências Exatas e da Terra	rutz@uepg.br	ppgefisica.sites.uepg.br	não localizado	não localizado
Universidade Federal de Juiz de Fora	Comunicação, Arte e Literacia Midiática	Análise e crítica de mídia; Arte e Tecnologia; Competência Midiática.	2013 - 09/04/2023	Gabriela Borges Martins Caravela	Leticia Barbosa Torres Americano	Ciências Sociais Aplicadas	gabrielaborges@ufjf.edu.br	https://observatoriodo	https://www.youtube.com/watch?v=J0walmrV7Yg	https://www2.ufjf.br/comunicarliteracia/
Escola Superior de Propaganda e Marketing	Comunicação, consumo e arte	Consumo, arte e poética midiática; Consumo, literatura e comunicação publicitária.	2015 - 11/03/2023	João Luis Anzanello	-	Ciências Sociais Aplicadas	jcarrascoza@espm.br	https://memorialdocon	https://www.youtube.com/watch?v=r_PmXBgTH_Q	não localizado
Universidade Federal de Goiás	Criação e Ciberarte	Arte, Linguagens Intermedial e Narrativas Transmídia; Artes do Pós-humano; Poéticas Visuais e Processos de Criação.	2010 - 11/06/2023	Edgar Silveira Franco	Gazy Andraus	Linguística, Letras e Artes	edgar_franco@ufg.br	https://twitter.com/cr	https://www.youtube.com/channel/UC8zQGdJ79UHv66pzMg5DCSQ	https://www.instagram.com/criaciber/p/CiT86urlXIP/?img_index=1
Universidade Federal de Mato Grosso	Criação, análise e performance musical com suporte computacional (Muscom)	Análise Musical; Composição Assistida por Computador (CAC); Composição e Música Eletroacústica; Composição Musical; Performance e Práticas Interpretativas Musicais Contemporâneas.	2020 - 30/07/2023	Danilo Augusto de Albuquerque	-	Linguística, Letras e Artes	danilo.rossetti@ufmt.br	não localizado	https://www.youtube.com/watch?v=J0walmrV7Yg	não localizado
Universidade Federal Fluminense	Documentário e Fronteiras	Cinema, Arte e Experiência.	2014 - 05/06/2023	Karla Holanda de Araújo	-	Ciências Sociais Aplicadas	karlaholanda@id.uff.br	https://documentariof	https://www.youtube.com/channel/UCqu6dXpOuHENWVGvVXnSxHA	não localizado
Universidade Federal de Alagoas	Estética(s) do Cinema	Estéticas do cinema e Filosofia da arte; Imagem-câmera e Fenomenologia do Cinema; Teoria e História do Cinema.	2019 - 25/05/2023	Tiago Penna	Carlos Frederico Buonfiglio Dowling	Ciências Humanas	tiago.penna@iccha.ufa	Não localizado	https://www.youtube.com/c/Est%C3%A9ticaCasdoCinema	https://www.instagram.com/esteticasdocinema/
Universidade do Estado da Bahia	FORINLEJA - FORMACCEINFANCIA, LINGUAGENS E EJA	EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS; Educação básica e línguas; Educação, currículo e tecnologias na cultura infantil; Infância, brinquedoteca e ações afirmativas; Linguagens, Literatura e expressões simbólicas na infância.	2015 - 01/06/2023	Ana Paula Silva da Conceição	Rosemary Lapa de Oliveira	Ciências Humanas	formacceinfancia@gmail.com	http://formacceinfancia	https://www.youtube.com/@formacceinfancia/9469/streams	não localizado

Universidade Federal do Rio de Janeiro	Fotografia: Arte, Design e Comunicação - FADEC PHADEC	Imagem e Cultura Visual; Imagem, Tecnologia e Projeto.	2013 - 10/03/2023	Jofre Silva	-	Linguística, Letras e Artes	jofre@eba.ufrj.br	http://phadec.eba.ufrj.br	https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=YKb-uczVSg	https://www.instagram.com/phadec_eba/p/C7uF-ZRJYJs/
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	GEIN - Grupo de Estudos de Educação Infantil e Infâncias	Currículo e Organização do Trabalho para as Infâncias; Infâncias Contemporâneas, Raça-Etnia, Gênero e Sexualidade; Infâncias, Educação e Pedagogias do olhar; Políticas e Pedagogias da Educação Infantil	1997 - 02/09/2023	Jane Felipe de Souza	Jane Felipe de Souza	Ciências Humanas	gein_ufrgs@gmail.com	https://www.ufrgs.br/gein	https://www.youtube.com/watch?v=JNdSjCgXqY	não localizado
Universidade de São Paulo	Grupo de Antropologia Visual	Antropologia Benjaminiana; Antropologia da imagem; Antropologia da Performance; Antropologia das formas expressivas; Antropologia e Ciberespaço; Antropologia e Fotografia; Antropologia urbana; Antropologia visual; Etnologia; Etnomusicologia; Fotografia.	1991 - 21/07/2023	Rose Satiko Gitiрана Hikiji	Rose Satiko Gitiрана Hikiji	Ciências Humanas	lisa@usp.br	https://lisa.fflch.usp.br	https://www.youtube.com/channel/UCDBggDX3yGkDG5feAZUs-Vw	não localizado
Universidade do Estado de Mato Grosso	Grupo de Estudos do Discurso no Centro-Oeste - GEDisCO	Arte, Culturas e Mídias; Cidade, Discurso e Processos de Identificação; Discurso, Ensino e Processo de Escolarização; Discurso, Estado e Luta de Classes.	2022 - 03/10/2022	Olimpia Maluf Souza	-	Linguística, Letras e Artes	olimpiamaluf@gmail.com	Não localizado	não localizado	não localizado
Universidade Paulista	Grupo de Pesquisa em Análise de Produtos Audiovisuais	Cult Popular e a cultura dos fãs; Narrativas do trauma no documentário brasileiro.	2014 - 13/10/2022	Gustavo Souza da Silva	Clarice Greco Alves	Ciências Sociais Aplicadas	gustavo03@uol.com.br	Não localizado	não localizado	não localizado
Universidade de São Paulo	Grupo de Pesquisa em Arte, Design e Mídias Digitais	Arte e design; Mídias digitais.	2006 - 14/03/2023	Monica Baptista Sampaio	Juliana Harrison Henno	Linguística, Letras e Artes	mbstavares@usp.br	https://www.gp-admd.org.br	https://www.youtube.com/watch?v=e09nVBIKZ8	não localizado
Universidade Federal do Pará	História, Cultura e Mídia	Arte, Mídia e Linguagens Comunicacionais na História Social; Música Negra na Amazônia: Intercâmbios entre intelectuais e artistas; Paisagem, Pintura e Círculos Intelectuais na Amazônia, 1860-1940.	2011 - 01/02/2023	Antonio Mauricio Dias da Costa	Cleodir da Conceição Moraes	Ciências Humanas	macosta@ufpa.br	http://historiameiosde	não localizado	não localizado
Universidade Federal do Rio de Janeiro	Humanas Tecnologias	Espécies de espaços: Tecnologia, Arte e Espaços Cotidianos de Vida; Mediação cultural em exposições de arte; Tecnologias da consciência: arte, corpo e mídias; Técnicas e estéticas da crioparte.	2018 - 21/06/2023	Aline Couri Fabião	-	Linguística, Letras e Artes	alinecouri@eba.ufrj.br	https://humanastecnol	não localizado	não localizado
Universidade Federal de Pernambuco	Imagens Contemporâneas	Arte, comunicação e política; Arte, Cultura Visual e Teorias da Imagem; Culturas da Imagem e do Som; Estética e cultura midiática.	2012 - 25/05/2023	Ângela Freire Prysthon	Nina Velasco e Cruz	Ciências Sociais Aplicadas	prysthon@gmail.com	Não localizado	não localizado	não localizado
Universidade de São Paulo	LabArteMídia Laboratório de Arte, Mídia e Tecnologias Digitais	Poéticas e Técnicas	2016 - 20/04/2023	Almir Antonio Rosa - ALMR	Luís Fernando Angerami Ramos	Linguística, Letras e Artes	alalmas@usp.br	https://sites.usp.br/labarte	https://www.youtube.com/channel/UCXXMEwTQn20aK5HY2U2IZGg	*grupo privado no facebook
Universidade Federal Fluminense	LABHOIUFF_Laboratório de História Oral e Imagem_Rede de Pesquisa	Américas, Política, Comunidades; Fotografia, Artes e Mídias; Memória, África e Escravidão.	1982 - 02/05/2023	Ana Maria Mauad de Sousa Andrade	Hebe Maria da Costa Matos Gomes de	Ciências Humanas	anamauad@id.uff.br	http://www.labhoi.uff.br	https://www.youtube.com/@LABHOIUFFOficial	não localizado
Instituto Federal de Aagoas - Matriz	Lambe-Lambe digital: as mil faces do mundo.	Estudo de Cultura Material; Fotografia Etnológica; Grupo de Estudo e Produção de Arte Tecnologia e Interatividade; Pesquisas no ensino da arte e produção artística; Processos de criação e produção de artes visuais.	2011 - 24/05/2023	Judivan José Lopes	Carlos Henrique Almeida Alves	Linguística, Letras e Artes	judivanlopes@gmail.com	Não localizado	não localizado	não localizado
Universidade Federal de Minas Gerais	LINHA: Grupo de Pesquisa sobre o desenho e a palavra	Arte, memória e representação; Artes têxteis: imagem, poéticas e políticas; Desenho e Ensino de Desenho; Ensino da Arte; Estudos sobre imagem e palavra e a correlação entre as artes; O Histórico, O Identitário e O Relacional na Arte Contemporânea; Pintura, gravura, desenho, cinema e literatura; Produção de material didático; Representações da Memória na pintura, arquitetura, desenho e cinema; Restauro, Patrimônio e Estética; Territórios, Memória e arte.	2003 - 14/12/2022	Adriana de Castro Dias Bic	Maria do Céu Diel de Oliveira	Linguística, Letras e Artes	adrianabicalho@gmail.com	Não localizado	não localizado	não localizado
Universidade Federal de Lavras	LITERATURA, LINGUAGEM, TRADUÇÃO INTERSEMÓTICA E FORMAÇÃO DOCENTE (INTERSIGNOS)	Análise dos processos constitutivos das diferentes semioses; Literatura, linguagem e performance na tradução interssemiótica.	2019 - 26/06/2023	Daiva de Souza Lobo	-	Ciências Humanas	daiva.lobo@ufla.br	Não localizado	não localizado	não localizado
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política	Arte, mídia e política; Comunicação Política; Estado e Sistemas Sócio-políticos; Relações Internacionais; Sociologia da Comunicação.	1995 - 31/08/2023	Miguel Wady Chaia	Vera Lucia Michalany Chaia	Ciências Humanas	neamp@pucsp.br	https://neamp.org/	https://www.youtube.com	não localizado
Universidade Federal de Santa Catarina	Núcleo Infância, Comunicação, Cultura e Arte	Infância, imaginação e cultura lúdica; Mídia-educação, formação de professores e fronteiras culturais.	1999 - 19/05/2023	Monica Fantin	Gilka Elvira Ponzi Girardello	Ciências Humanas	fantin.monica@gmail.com	www.nica.ufsc.br	https://www.youtube.com	https://www.instagram.com/nica.ufsc

Instituto Federal do Sertão Pernambucano	OcupaLab - Laboratório de Ocupação e Educação Visual	Educação Visual; Laboratório de intervenção e ocupação artística.	2022 - 23/02/2023	Walfrido Cabral Claudino	Williard Scorpion Pessoa Fragoso	Ciências Humanas	walfrido.claudino@ifse	Não localizado	não localizado	não localizado
Universidade Estadual de Maringá	Poéticas da contemporaneidade: literatura digital em diálogo com outras artes, mídias e suportes	LITERATURA DIGITAL EM DIÁLOGO COM OUTRAS ARTES, MÍDIAS E SUPORTES	2022 - 30/12/2022	Márcio Roberto do Prado	-	Linguística, Letras e Artes	metatron58@yahoo.co	Não localizado	não localizado	não localizado
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	Práticas formativas e profissionais: identidades e representações nos discursos	Enunciação e processos discursivos; Linguagens em/na sociedade: arte, educação, mídia e tecnologias.	2010 - 07/02/2023	Juliana Alves Assis	Maria Angela Paulino Teixeira Lopes	Linguística, Letras e Artes	posletras@pucminas.br	https://www.pucminas	não localizado	não localizado
Universidade Federal de Sergipe	SEMNALIS - Grupo de Pesquisa em Tecnologias Intelectuais e Aprendizagens contemporâneas	Culturas Digitais, Aprendizagens e Práticas Educativas Contemporâneas; Neurociência Cognitiva Aplicada; Cinema, Produções audiovisuais, Culturas Digitais e Educação entre Sensibilidades; História, Método e Formação Interdisciplinar em Ciências Ambientais.	2008 - 10/04/2023	José Mário Aleluia Oliveira	Antônio Vital Menezes de Souza	Ciências Humanas	ufs.seminalis@yahoo.com	https://seminalis.com.br	não localizado	não localizado
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	TEXTO LITERÁRIO: SOMBRAS DA ESCRITA E SUA PROJEÇÃO NA LEITURA - FASE 2	Linguagens em/na sociedade: arte, educação, mídia e tecnologias; TRÂNSITOS LITERÁRIOS: PRODUÇÃO, TRADUÇÃO, RECEPÇÃO.	2021 - 24/08/2022	Márcia Marques de Moraes	-	Linguística, Letras e Artes	mmorais@pucminas.br	https://www.pucminas	não localizado	não localizado
Universidade Federal de Uberlândia	VESMIDIA (Mvência, Estética, Mídia)	Arte e Hibridismo; Imagem e Meio.	2021 - 27/06/2023	Douglas de Paula	João Henrique Lodi Agreli	Linguística, Letras e Artes	douglaspaula@ufu.br	Não localizado	não localizado	https://www.instagram.com/vesm
Total de registros: 35								Total: 19	Total: 18	Total: 6
								4		
								15		
								16		
Legenda de cores:	Ativo									
	Desatualizado									
	Não localizado									
	Encontrado no Youtube canal do grupo, do líder e/ou evento relacionado ou organizado pelo grupo									

arte, comunicação (todos os termos=47) - (qualquer termo=4.464)										
INSTITUIÇÃO	GRUPO	Linhas de Pesquisa	DATA DE CRIAÇÃO DO GRUPO/Atualização	LÍDER	2º LÍDER	ÁREAPREDOMINANTE	CONTATO	WEBSITE	YOUTUBE	INSTAGRAM/FACEBOOK
Universidade Federal de Campina Grande	A Comunicação Pública da Ciência e o Terceiro Setor (ComCienTeS)	A construção da identidade cultural de jovens camponeses rurais a partir de ecossistemas comunicativos no Semiárido paraibano; As relações entre a comunicação da ciência e o terceiro setor; Comunicação, Arte, Cultura e Política; Jornalismo; Análise de Notícias, Análise Política, Social e Cultural; Rádio tradicional ou podcasting como linguagem voltada para experiências educativo-culturais com grupos populares.	2020 - 19/06/2023	Diogo Lopes de Oliveira	-	Ciências Sociais Aplicadas	diogo.lopes@professor.ufcg.edu.br	Não localizado	Não localizado	Não localizado
Universidade Federal de Juiz de Fora	Aprendizagem em rede - GRUPAR	Docências contemporâneas; Educação online; Tecnologias da informação e comunicação em educação.	2009 - 14/07/2023	Adriana Rocha Bruno	-	Ciências Humanas	arbruno2208@gmail.com	https://sites.google.com/site/arbruno	https://www.youtube.com/@profa.adrianabruno-unirio6071	Não localizado
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	APRENDIZAGENS EM REDE - GRUPAR	Docências contemporâneas e redes de aprendizagem; Educação e Cultura Digital.	2020 - 18/07/2023	Adriana Rocha Bruno	-	Ciências Humanas	arbruno2208@gmail.com	https://sites.google.com/site/arbruno	https://www.youtube.com/@profa.adrianabruno-unirio6071	Não localizado
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia	ARCCO - Grupo de Estudos em Arte, Cultura e Comunicação	Imagem, arte, cultura e comunicação.	2012 - 18/05/2023	Juciara Maria Nogueira Barbosa	-	Ciências Sociais Aplicadas	juciara@ufpb.edu.br	Não localizado	Não localizado	Não localizado
Universidade Federal de Campina Grande	Arquitetura e Lugar	Design Moderno: arte, cultura e comunicação; Patrimônio e Industrialização; Cidades Inteligentes, Humanas e Sustentáveis; Documentação do patrimônio cultural; História da arquitetura e da cidade 1500-1900; História da arquitetura e da cidade moderna. FORM CG; Produção de arquitetura no lugar: projetos arquitetônicos para a população de baixa renda; Técnica e conservação.	2015 - 09/07/2023	Alicia Afonso de Albuquerque Melo	-	Ciências Sociais Aplicadas	kakiafonso@hotmail.com	https://grupopesquisaarquitecturalugar.blogspot.com/	https://www.youtube.com/@arquitecturaelugar	Não localizado
Instituto Federal Fluminense	ARTDECO Núcleo de Pesquisa em Artes, Design e Comunicação	Design Corporativo; Embalagem; Produção Editorial e Múltiplas Linguagens; Projetos educacionais de design; Sinalização.	2004 - 05/08/2023	Luiz Claudio Gonçalves Gomes	-	Ciências Sociais Aplicadas	luizgg@iff.edu.br	Não localizado	Não localizado	Não localizado
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	ARTIS - Grupo de Pesquisa em Estética e Processos Audiovisuais	Cultura, Política e Significação.	2008 - 08/08/2023	Miriam de Souza Rossini	Rafael Sbeghen Hoff	Ciências Sociais Aplicadas	proavufgrs@gmail.com	Não localizado	https://www.youtube.com/@peiaufgrs6867	https://pt-br.facebook.com/peiaufgrs6867
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul	Audiovisual Latino-Americano no Século XXI - OICine	Arte e Experiência: Aproximações em deslocamentos; Cinema e Audiovisual: narrativas do cotidiano e estéticas contemporâneas; Educação, Comunicação e Cultura: relações, sociedade e natureza; Ética e Estética, epistemologias e poéticas do corpo e do cotidiano.	2012 - 26/06/2023	Raquel Andrade Ferreira	Rosângela Fachel de Medeiros	Linguística, Letras e Artes	grupopesquisahumanizari@gmail.com	Não localizado	Não localizado	Não localizado
Universidade Federal de São Carlos	Cinema e Comunicação	Cinema e Estudos Culturais; Estética e Cinema; História e Teoria do Audiovisual (Cinema e Televisão); Linguagem Cinematográfica; Processo de Criação Vídeo-Cinematográfico.	2002 - 01/12/2022	Josette Maria Alves de Souza Monzani	Sonia Maria Oliveira da Silva	Ciências Sociais Aplicadas	josettemonzani@gmail.com	https://www.pgais.ufscar.br/pt-br/programa/grupos-de-pesquisa	Não localizado	Não localizado
Escola Superior de Propaganda e Marketing	Comunicação, consumo e arte	Consumo, arte e poética midiática; Consumo, literatura e comunicação publicitária.	2015 - 11/03/2023	João Luis Anzanello Carrascoza	-	Ciências Sociais Aplicadas	jcarrascoza@espm.br	https://memorialdoconsumo.espm.edu.br/grupos-de-pesquisa/oca/	Não localizado	https://www.instagram.com/juagato_mezem/reel/C6b_rHEv70/
Universidade Federal de Santa Maria	ComunicaArte	Arte, Comunicação e Inclusão Social; Palhaçoterapia: abordagem ativa.	2022 - 01/06/2023	Lenisa Brandão	-	Ciências da Saúde	lenisa.brandao@gbhi.org	https://www.ufsm.br/pro-reitorias/ppap/grupo-de-pesquisa/comunicaarte	Não localizado	https://www.instagram.com/comunicaarteufsm/g/Cpv4ASnMTV1/7tocaletruhliam-et
Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Corps: corpo, representação e espaço urbano	Interações, afetos, produção de sentidos na comunicação; Mídia, cidade e representações; Narrativas, corpo, gênero e produção de sentidos.	2012 - 12/12/2022	Denise da Costa Oliveira Siqueira	-	Ciências Sociais Aplicadas	dcos@uerj.br	https://jampeppacom.wordpress.com/	https://www.youtube.com/channel/UCQoVes-Y392IxyCtcdQing	Não localizado
Universidade Federal do Pará	Cultura e Subjetividade na Educação em Ciências	Autobiografia e Formação Docente; Discurso, Subjetividade e Diferença.	2006 - 14/08/2023	Silvia Nogueira Chaves	-	Ciências Humanas	schaves@ufpa.br	https://www.culturaesubjetividade.ufpa.br/index.php/apresentacao	Não localizado	Não localizado
Universidade Estadual de Maringá	Desenvolvimento, aprendizagem e educação	Arte e Inclusão; Desenvolvimento e aprendizagem; Necessidades educacionais especiais.	1996 - 05/07/2023	Neril Nonato Ribeiro Mori	-	Ciências Humanas	nrmori@uem.br	https://ppe.uem.br/grupos-de-pesquisa	Não localizado	Não localizado
Universidade Presbiteriana Mackenzie	Design, arte, linguagens e processos	C.M.M. - Concepção, Materialização e Métodos; Design, Arte: Linguagens e Processos; Tipografia, imagem, comunicação.	2007 - 09/05/2023	Célio Martins da Matta	-	Ciências Sociais Aplicadas	celio.matta@mackenzie.br	Não localizado	Não localizado	https://www.instagram.com/forum_fauid/p/C698-sszQNT/

Universidade Federal de Pernambuco	Design, Arte, Moda e Hedonomia	Arte e Educação; Moda e Hedonomia.	2014 - 09/06/2023	CHARLES Ricardo LEITE da Silva	-	Ciências Sociais Aplicadas	charles.leite@ufpe.br	https://www.ufpe.br/caa/grupos-de-pesquisa	Não localizado	Não localizado
Universidade Nove de Julho	Design: Projeto Visual e Produto	Design: arte, cultura e comunicação; Design Social: Industrialização / Coletividade e Sustentabilidade; Design: Novas Mídias, Tecnologia, Interface e Usabilidade.	2011 - 01/11/2022	Alton dos Santos Silva	-	Ciências Sociais Aplicadas	alton.santos@uni9.pro.br	Não localizado	Não localizado	Não localizado
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	Ensino e Aprendizagem em Artes Visuais	Artes Visuais; Educação Especial e Processos Inclusivos; Formação de professores de artes visuais; Processos criativos e práticas pedagógicas em artes visuais; Vigotski fundamentos e práticas de ensino, arte e emancipação humana.	2012 - 09/02/2023	Vera Lúcia Penzo Fernandes	Paulo Cesar Duarte Paes	Linguística, Letras e Artes	gpenav.faalc@gmail.com	https://gpenav.faalc.wixsite.com/gpenav/grupo-de-pesquisa	Não localizado	Não localizado
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Fotografia Expandida	Narrativas visuais na arte, na comunicação e na educação; Processos de criação e produção fotográfica; Processos híbridos e convergência dos meios audiovisuais.	2018 - 18/05/2023	Cristiano Franco Burmester	Mariyvan Moraes de Alencar	Linguística, Letras e Artes	cristiano.burmester@gmail.com	https://www.pucsp.br/pesquisa/grupos-de-pesquisa-certificados-lista-pelo-nome-do-grupo	Não localizado	Não localizado
Universidade Federal do Rio de Janeiro	Fotografia: Arte, Design e Comunicação - FADEC PHADEC	Imagem e Cultura Visual; Imagem, Tecnologia e Projeto.	2013 - 10/03/2023	Jofre Silva	-	Linguística, Letras e Artes	jofre@eba.ufrj.br	https://ppgd-eba.ufrj.br/grupo-de-pesquisa/phadec/	Não localizado	https://www.instagram.com/phadec_eba/
Universidade Federal do Tocantins	GESTO: Poéticas da criação	Linha 1:Estudos de fronteira entre teatro, educação e comunicação; Linha 2: estudos sobre cruzamentos entre leitura, literatura, imagem e corpo.	2020 - 01/03/2023	Renata Ferreira da Silva	-	Linguística, Letras e Artes	renataferreira@uft.edu.br	Não localizado	Não localizado	Não localizado
Universidade do Sul de Santa Catarina	GRUAS - Estudos em Artes	Crítica da Sarjeta; Linguagem e Cultura.	2018 - 12/02/2023	Alexandre Linck Vargas	Artur de Vargas Giorgi	Linguística, Letras e Artes	linck.alexandre@gmail.com	Não localizado	Não localizado	Não localizado
Universidade Estadual de Campinas	Grupo de estudos do som e processos criativos	conservação preventiva e manutenção de documentos musicais e sonoros; processos criativos; sonologia; tratamento da informação para documentação e comunicação musical e sonora.	2006 - 22/03/2023	Jose Augusto Mannis	Denise Hortência Lopes Garcia	Linguística, Letras e Artes	jamanis@unicamp.br	https://www.iar.unicamp.br/geosol/	Não localizado	Não localizado
Universidade Federal do Amazonas	Grupo de Estudos e Pesquisas em Artes, Ciências da Comunicação, Informação e Design (INTERFACES)	Ambientes comunicacionais midiáticos; Poéticas Visuais, Criação e Processos Artísticos - PVPCA; Processos informacionais científicos; Teoria, História e Crítica da Arte - THCA.	2004 - 28/04/2023	Francisco Carneiro da Silva Filho	Gilson Vieira Monteiro	Ciências Sociais Aplicadas	fcfilho@ufam.edu.br	http://www.interfaces.ufam.edu.br/	Não localizado	Não localizado
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais	Grupo de Estudos e Pesquisas em Ciberultura e Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação Aplicadas à Educação (GEPCTD/C)	Ciberultura; Tecnologias da Informação e Comunicação em Educação.	2022 - 19/03/2023	Maria Araci Magalhães	Thiago José Francisco	Outra	thiago.francisco@educac	Não localizado	Não localizado	Não localizado
Universidade Federal de Roraima	Grupo de Estudos e Pesquisas em Patrimônio, Arte e Cultura na Amazônia (GPAC)	Estudos Culturais: Comunicação, Memória e Identidades; Formação de Professores e Práticas Educativas: Educomunicação, Saberes e Linguagens; Poética e Linguagens Artísticas.	2015 - 25/01/2023	Leila Adriana Baptaglin	Viso Junior Chierentini Santi	Linguística, Letras e Artes	leila.baptaglin@ufrr.br	https://www.educaportepropesp.ufpa.br/ind-ex.php/br/pesquisa/grupos-de-pesquisa	Não localizado	Não localizado
Universidade de São Paulo	Grupo de Pesquisa em Arte, Design e Mídias Digitais	Arte e design; Mídias digitais.	2006 - 14/03/2023	Monica Baptista Sampaio Tavares	Juliana Harrison Henno	Linguística, Letras e Artes	mbstavares@usp.br	https://www.youtube.com/watch?v=-e09nVBKZ8	Não localizado	https://www.youtube.com/watch?v=-e09nVBKZ8
Universidade Federal da Paraíba	Grupo de Pesquisa em Arte, Museus e Inclusão - AMI	Arte, Design, Arquitetura, Inovação, Acessibilidade e Tecnologias Digitais; Educação e Mediação em Artes Visuais; História e Crítica da Arte e das Exposições, Curadorias e Exporgrafias.	2009 - 29/05/2023	Robson Xavier da Costa	Sabrina Fernandes Melo	Linguística, Letras e Artes	robsonxavierufpb@gmail.com	http://plone.ufpb.br/lavaisa/#:~:text=0%20GRUP%20DE%20PESQUISA%20EM%2009%2C%20COM%20a%20denomina%C3%A7%C3%A3o%20atual,	https://www.youtube.com/watch?v=0gRhRfjk7img&list=PLA80177strdeac	https://www.instagram.com/gpeaufmt/
Universidade Federal de Santa Maria	Grupo de Pesquisa sobre (es)(in)scritas do/no corpo (Corpografias)	Autobiografia, Decolonialidade e Educação Somática	2017 - 15/02/2023	Neila Cristina Baldi	-	Linguística, Letras e Artes	neila.baldi@ufsm.br	https://www.ufsm.br/ppg-temas/temas/grupos-de-pesquisa	Não localizado	Não localizado
Universidade Federal de Mato Grosso	Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte - GPEA	EDUCAÇÃO AMBIENTAL ESCOLARIZADA; EDUCAÇÃO AMBIENTAL POPULAR; Educomunicação e artes; Emergência Climática; PROJETOS INTERNACIONAIS.	1997 - 02/03/2023	Michêle Sato	Elni Elisa Willms	Ciências Humanas	michelesato@gmail.com	https://gpeaufmt.blogspot.com/	https://www.youtube.com/@GPEAUFMT/videos	https://www.instagram.com/gpeaufmt/
Universidade Federal do Rio de Janeiro	História da Arte na Comunicação	Arte, Educação, Comunicação e Tecnologias.	2021 - 30/12/2022	Maria Beatriz da Rocha Lagoa	-	Ciências Sociais Aplicadas	beatriz.lagoa@eco.ufrj.br	http://beatrizlagoa.com.br/beatrizlagoa/	Não localizado	Não localizado
Universidade Federal de Pernambuco	Imagens Contemporâneas	Arte, comunicação e política; Arte, Cultura Visual e Teorias da Imagem; Culturas da Imagem e do Som; Estética e cultura midiática.	2012 - 25/05/2023	Ângela Freire Prysthon	Nina Velasco e Cruz	Ciências Sociais Aplicadas	prysthon@gmail.com	Não localizado	não localizado	não localizado
Universidade Federal de Santa Catarina	Internacionalização, Tradução e Tecnologia - InTraTec	Design: arte, cultura e comunicação; Estudos da Tradução; Estudos da Tradução e Corpo; Estudos da Tradução e Interpretação; Internacionalização, Tradução e Tecnologia; Localização de Jogos; Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs); Tradução e Análise Textual; Tradução de Canções; Tradução de Literatura Infanto-Juvenil.	2010 - 31/10/2022	Lincoln Paulo Fernandes	Marcos Antonio Morgado de Oliveira	Linguística, Letras e Artes	lincoln.fernandes@ufsc.br	https://ppgd-posgrad.ufsc.br/pesquisas	não localizado	não localizado

Universidade do Estado do Amazonas	Laboratório de Educação, Psicologia e Teoria Social - LEPTS	Educação, currículo, ensino e aprendizagem em sala de aula; Educação, subjetividade e processos de desenvolvimento humano; Língua e literatura: processos sociais e educativos.	2020 - 15/08/2023	Fábio Alves Gomes	Valter Luciano Gonçalves Villar	Ciências Humanas	fbgomes@uea.edu.br	https://dirab.uea.edu.br/publico/view/77/	não localizado	https://www.instagram.com/legis_uea
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	LABORATÓRIO de CUIDADO e EXPERIMENTAÇÃO em ENFERMAGEM	Mortidade Humana e Cuidados	1997 - 18/12/2022	Nébia Maria Almeida de	-	Ciências da Saúde	nebia43@gmail.com	Não localizado	não localizado	não localizado
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas	Linguagem, Arte, Comunicação e Ciência - LACC	Letras, Linguística e Artes; Linguagem e comunicação.	2014 - 19/08/2023	Andre Wilson Archer Pinto Salgado	Iandra Maria Weirich da Silva Co	Ciências Sociais Aplicadas	andre.salgado@ifam.edu	Não localizado	não localizado	não localizado
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	Linguagem, artes e política	Literaturas, artes e política; Memória e Linguagem.	2014 - 06/01/2023	Manoel Ricardo de Lima Neto	Júlia Vasconcelos Studart	Linguística, Letras e Artes	manoelelricardodelima@gmail	Não localizado	não localizado	não localizado
Universidade de Brasília	Musealização da Arte: poéticas em narrativas	Musealização e Curadoria; Musealização e Documentação; Musealização e Performatividade; Musealização e Poéticas do Efêmero.	2020 - 31/08/2023	Emerson Dionísio Gomes de Oliveira	Anna Paula da Silva	Linguística, Letras e Artes	musealizacaodarte@gmail	https://museologiadigital.museus.gov.br/regist-sistemas-e-entidades/grupo-de-pesquisa-museizacao-da-arte-poeticas-em-narrativas/	https://www.youtube.com/channel/UCmusealizacaodaarte	https://www.instagram.com/gp_marte/p/DDYv3YPTe/
Universidade Estadual de Goiás	NPM - Núcleo de Pesquisa Marxista	Cultura e Poder; Educação e Ensino de História; Marxismo e Ciências Humanas; Marxismo e Cultura; Movimentos Sociais, Educação e Cidadania; Questões Sociais e Movimentos Sociais; Sociedade Contemporânea; Sociedade, saúde e doenças; Trabalho e Sociedade.	2001 - 18/08/2023	Edmilson Ferreira Marques	Renato Dias de Souza	Ciências Humanas	nucleodepesquisamarxist	https://nucleodepesquisamarxista.blogspot.com/	não localizado	não localizado
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Núcleo de Estudos Criação_Artes	Estudo de Processos de Criação em Artes do Corpo; Sistemas Arte, Corpo e Comunicação.	2005 - 23/08/2023	Maria Gabriela Carneiro Teixeira	-	Linguística, Letras e Artes	gaby@pucsp.br	https://www.pucsp.br/pesquisa/grupos-de-pesquisa-certificados-lista-peio-nome-do-grupo	não localizado	não localizado
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Núcleo de Estudos de Mídia, Educação e Subjetividade (NEMES)	Arte, Linguagem e Currículo; Ciência, Sociedade e Ensino; Educação e Comunicação; Grupo de Estudos "Formação de Professores, Currículo e Práticas Pedagógicas - Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Docências, Pedagogias e Diferenças" - GIPEDI/Unisinos/CNPq.	2002 - 04/11/2022	Rosa Maria Bueno Fischer	Gilka Elvira Ponzi Girardello	Ciências Humanas	nemes@ufrgs.br	https://www.ufrgs.br/nemes/	não localizado	não localizado
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política	Arte, mídia e política; Comunicação Política; Estado e Sistemas Sócio-políticos; Relações Internacionais; Sociologia da Comunicação.	1995 - 31/08/2023	Miguel Wady Chaia	Vera Lucia Michalany Chaia	Ciências Humanas	neamp@pucsp.br	https://neamp.org/	https://www.youtube.com/channel/UCneamp1219/stre	https://www.facebook.com/neamp.joucsa/
Universidade de Brasília	Núcleo de Estudos em Educação e Promoção em Saúde - NESPROM	Gestão e Saúde; Recrear-se - Arte, lúdico, saúde, educação; Trabalho-Educação, Juventude(s) e Tecnologias da Informação e Comunicação.	24/05/2023	Maria Raquel Gomes Maia Pires	Andrea de Oliveira Gonçalves	Ciências da Saúde	maiapi@unb.br	http://www.nes.prom.unb.br/	https://www.youtube.com/channel/UCneaprom	https://www.facebook.com/p/Neaprom
Universidade Federal de Santa Catarina	Núcleo Infância, Comunicação, Cultura e Arte	Infância, imaginação e cultura lúdica; Mídia- educação, formação de professores e fronteiras culturais.	1999 - 19/05/2023	Monica Fantin	Gilka Elvira Ponzi Girardello	Ciências Humanas	fantin.monica@gmail.com	www.nica.ufsc.br	https://www.youtube.com/channel/UCnical	https://www.instagram.com/nica.ufsc
Universidade de São Paulo	Recepção Estética e Crítica de Arte	Interdisciplinar: História da Arte, estética, história da crítica de arte, fundamentos da comunicação em exposições de arte.	2009 - 28/05/2023	Lisbeth Ruth Rebollo Gonçalves	Claudia Fazzolari	Linguística, Letras e Artes	lrebollo@usp.br	https://sites.google.com/view/recepcaoestetica/criticadearte	https://www.youtube.com/watch?v=RgWYk2jnp3Y	https://www.instagram.com/recepcaoestetica_criticaarte/
Universidade Federal de Sergipe	SEMINALIS - Grupo de Pesquisa em Tecnologias Intelectuais e Aprendizagens Contemporâneas	Culturas Digitais, Aprendizagens e Práticas Educativas Contemporâneas; Neurociência Cognitiva Aplicada; Cinema, Produções audiovisuais, Culturas Digitais e Educação entre Sensibilidades; História, Método e Formação Interdisciplinar em Ciências Ambientais.	2008 - 10/04/2023	José Mário Aleluia Oliveira	Antônio Vital Menezes de Souza	Ciências Humanas	ufs.seminalis@yahoo.com	https://seminalis.com.br/	não localizado	não localizado
Universidade Federal de Uberlândia	VESMÍDIA (Vivência, Estética, Mídia)	Arte e Hibridismo; Imagem e Meio.	2021 - 27/06/2023	Douglas de Paula	João Henrique Lodi Agreli	Linguística, Letras e Artes	douglaspaula@ufu.br	Não localizado	não localizado	https://www.instagram.com/vesmídia
									Total: 32	Total: 13
									6	
									26	
									15	

arte, educação, comunicação (todos os termos=1) - (qualquer termo=14.612)										
INSTITUIÇÃO	GRUPO	Linhas de Pesquisa	DATA DE CRIAÇÃO DO	LÍDER	2º LÍDER	ÁREAPREDOMINANTE	CONTATO	WEBSITE	YOUTUBE	INSTAGRAM/FAC
Universidade Federal do Rio de Janeiro	História da Arte na Comunicação	Arte, Educação, Comunicação e	2021 - 30/12/2022	Maria Beatriz da Rocha Lagoa	-	Ciências Sociais Aplicadas	beatriz.lagoa@eco.ufrj.br	http://beatrizlagoa.com.br/beatrizlagoa	Não localizado	Não localizado
								Total: 1	1	

Pesquisa em base de dados - Diretório de Grupos de Pesquisa - DGP/CNPq									
Consulta parametrizada (base corrente / agosto/setembro de 2023 (análise de dados atualizada em jan/2025)/ Nome do grupo, Nome da linha de pesquisa, Palavra-chave da linha de pesquisa, Repercussões do grupo)									
- Termos de busca:									
* arte, mídia, educação, comunicação, tecnologia (todos os termos=0) - (qualquer termo=17.078)									
* arte, mídia, educação, comunicação (todos os termos=0) - (qualquer termo=14.073)									
* arte, mídia, educação (todos os termos=0) - (qualquer termo=12.855)									
* arte, mídia (todos os termos=35) - (qualquer termo=2.545)									
* arte, educação, comunicação (todos os termos=1) - (qualquer termo=14.612)									
* arte, comunicação (todos os termos=47) - (qualquer termo=4.464)									

ANEXO E

*Levantamento parcial de artigos e trabalhos completos e resumos em anais do NUPAE

ANO DE PUBLICAÇÃO	REVISTA	AUTORES(AS) / ORGS.	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE
ARTIGOS				
2025	PERSPECTIVAS EM DIÁLOGO: REVISTA DE EDUCAÇÃO E SOCIEDADE	PILLOTTO, S. S. D.; COSTA, R. C. F.; ROTH, M. M.; ALVES, A. C. L.	Leitura estética nas práticas docentes e a compreensão do desenho infantil	Desenho Infantil; Leitura Estética; Práticas Docentes
2024	REVISTA DA FUNDARTE	PILLOTTO, S. S. D.; CELORIO, J. A.; ALMEIDA, R. de	School, university, and other places: imaginary and sensitivities as a power of life	Educação; Sensibilidades; Imaginário
2024	ATOS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO (FURB)	PILLOTTO, S. S. D.; ROTH, M. M.	As sensibilidades no território da Educação de Jovens e Adultos nas relações sociais	Sensibilidades; EJA; Práticas Educativas; A/r/tografia
2023	TEIAS (RIO DE JANEIRO)	PILLOTTO, S. S. D.; SILVA, A. G.; RAUSCH, R. B.	Dança/Educação nas infâncias: marcas na constituição docente	Práticas Educativas; Experiência; Constituição Docente; Memória; Narrativas
2023	PALÍNDROMO (<i>ONLINE</i>)	PILLOTTO, S. S. D.; STRAPAZZON, M. A. L.; COSTA, R. C. F.	A pesquisa a/r/tográfica no território da Pedagogia e das sensibilidades	Estética (artes); Artes; Criação Artística; Arte-Educação
2023	REVISTA COCAR (<i>ONLINE</i>)	PILLOTTO, S. S. D.; FERNANDES, P. R.; ALMEIDA, R.	Experiências literárias como mobilizadoras de práticas educativas e sensibilidades	Sensibilidades; Experiências Literárias; Práticas Educativas
2022	DIALOGIA	PILLOTTO, S. S. D.; CAMARGO, J. A.; GOMES, A. H.	Percursos formativos na educação: experiências estéticas, memórias e narrativas	Percursos Formativos; Práticas Educativas; Experiência Estética; Memórias; Narrativas
2022	PEDAGOGIA Y SABERES	VOIGT, J. M. R.; ALEXANDRE, D.; PILLOTTO, S. S. D.	Práticas educativas e o currículo da Educação Básica no Brasil: desafios para professores(as) dos Anos Iniciais	Práticas Educativas; Currículo; Educação Básica; Anos Iniciais; Docência
2022	QUAESTIO: REVISTA DE ESTUDOS DE EDUCAÇÃO	PILLOTTO, S. S. D.; AMARAL, A. M.; KEIM, E. J.	Os nós da sala de aula	Educação; Práticas Educativas; Experiência Estética; Sala de Aula

2021	REVISTA DIGITAL DO LABORATÓRIO DE ARTES VISUAIS – UFSM/RS	PILLOTTO, S. S. D.; GAVA, D. M.; STAMM, E.; SILVA, C. C.	Narrativas e infâncias: tecendo fios de sensibilidades pela arte e cultura	Infâncias; Narrativas; Sensibilidades; Arte; Culturas
2021	MÍDIA E COTIDIANO	PILLOTTO, S. S. D.	(Entre)laçamentos: a imagem e o (entre)lugar da/na Educação Estética	Educação Estética; (Entre)lugar; Imagem; Leitura de Imagem; Obra de Arte
2021	LINHAS CRÍTICAS (<i>ONLINE</i>)	PILLOTTO, S. S. D.; CUNHA, L. C.; STAMM, E.; GARCIA, B. R. Z.	Contação de história e infâncias: as narrativas (re)inventam-se	Infância; Contação de História; Narrativa Visual; (Re)invenção
2021	EDUCAÇÃO E CULTURA CONTEMPORÂNEA	PILLOTTO, S. S. D.; SILVA, C. C.; STAMM, E.; COSTA, R. C. F.	Experiência Estética: percursos formativos na educação pelas infâncias	Experiência Estética; Narrativas; Docência; Percursos Formativos; Infâncias
2021	EDUCAÇÃO EM FOCO (JUIZ DE FORA)	PILLOTTO, S. S. D.; VOIGT, J. M. R.; SILVA, C. C.	Arte / Educação: movimentos e resistências nas políticas públicas educacionais	Arte e Educação; Políticas Públicas; Currículo
2020	DIALOGIA	COSTA, R. C. F.; MORAES, T. M. R.; PILLOTTO, S. S. D.	A educação para/com idosos: caminhos alternativos de inclusão social	Educação com Idosos; Envelhecimento; Inclusão Social; Metodologias; Papel Social do Idoso
2020	ECCOS	PILLOTTO, S. S. D.; CARVALHO, M. F.; SEVERINO, A. J.; LORIERI, M. A.	Apresentação Dossiê Temático: “Experiências, estética e sensibilidades”	Educação; Estética; Sensibilidades
2020	ECCOS REVISTA CIENTÍFICA (<i>ONLINE</i>)	PILLOTTO, S. S. D.; SILVA, C. C. da	Pesquisar e pesquisar-se na educação: movimentos criados pela estética e pelas sensibilidades	Educação; Experiência Estética; Pesquisa; Sensibilidades
2020	POÍESIS PEDAGÓGICA	COSTA, R. C. F.; PILLOTTO, S. S. D.	Prática pedagógica como modo de reinvenção social: experiências sensíveis em artesanias com idosos	Reinvenção Social; Idosos; Práticas Pedagógicas; Artesanias

ANEXO F

*Levantamento parcial de trabalhos completos e resumos em anais do NUPAE

ANO DE PUBLICAÇÃO	EDITORIA	AUTORES(AS) / ORGS.	TÍTULO	EVENTO	PALAVRAS-CHAVE
ANAIS – TRABALHOS COMPLETOS E RESUMOS					
2024	Editora Univille	COSTA, A. D.; PILLOTTO, S. S. D.	Práticas educativas e sensibilidades no Curso Superior em Administração: possibilidades e reverberações	30.º Encontro do Proler Univille / 15.º Seminário de Pesquisa em Linguagens, Leitura e Cultura	Sensibilidades; Práticas Educativas; Ensino Superior; Currículo
2024	Editora Univille	COSTA, R. C. F.; PILLOTTO, S. S. D.	Educação Estética e artesanias na formação inicial de pedagogos/professores	30.º Encontro do Proler Univille / 15.º Seminário de Pesquisa em Linguagens, Leitura e Cultura	Educação Estética; Artesania; Formação Inicial; Pedagogia; Práticas Educativas
2024	Editora Univille	GAVA, D. M.; PILLOTTO, S. S. D.	A Educação Estética nas infâncias e seus contributos para a constituição humana: memórias e experiências pedagógicas como mobilizadoras de conhecimentos	30.º Encontro do Proler Univille / 15.º Seminário de Pesquisa em Linguagens, Leitura e Cultura	Educação Estética; infâncias; Memórias; Experiências Pedagógicas; Constituição Humana
2024	Editora Na Raiz	ROHR, K. M.; PILLOTTO, S. S. D.; GAVA, D. M.	Educação Estética na Pedagogia: práticas educativas e seus desdobramentos para a docência	IV Congresso Internacional Conhecimentos Pertinentes para a Educação na América Latina (EDUPALA) / I Seminário dos Povos Originários	Educação Estética; Pedagogia; Práticas Educativas
2024	Editora Na Raiz	COSTA, A. D.; PILLOTTO, S. S. D.	Práticas educativas e sensibilidades no Ensino Superior em Administração: possibilidades e reverberações	IV Congresso Internacional Conhecimentos Pertinentes para a Educação na América Latina (EDUPALA) / I Seminário dos Povos Originários	Sensibilidades; Práticas Educativas; Ensino Superior; Administração

2024	Editora Na Raiz	COSTA, R. C. F.; PILLOTTO, S. S. D.	A Educação Estética e as artesanias na formação inicial do pedagogo/professor	IV Congresso Internacional Conhecimentos Pertinentes para a Educação na América Latina (EDUPALA) / I Seminário dos Povos Originários	Educação Estética; Artesanias; Formação Inicial do Pedagogo; Práticas Educativas
2024	Editora Na Raiz	ROTH, M. M.; PILLOTTO, S. S. D.; STAMM, E.	Proposição Estética: modelando as sensibilidades no território da Educação de Jovens e Adultos	IV Congresso Internacional Conhecimentos Pertinentes para a Educação na América Latina (EDUPALA) / I Seminário dos Povos Originários	Sensibilidades; A/r/tografia; Proposição Estética; Educação de Jovens e Adultos
2024	Editora Na Raiz	GAVA, D. M.; PILLOTTO, S. S. D.; ROHR, K. M.	As contribuições da Educação Estética para as infâncias como mobilizadora de memórias e experiências na constituição humana	IV Congresso Internacional Conhecimentos Pertinentes para a Educação na América Latina (EDUPALA) / I Seminário dos Povos Originários	Educação Estética; Infâncias; Práticas Educativas; Constituição Humana
2023	Editora Univille	VIANA, D. C.; PILLOTTO, S. S. D.	A obra “Banquete” de Xenofonte: experiências de leitura/memórias	29.º Encontro do Proler Univille / 14.º Seminário de Pesquisa em Linguagens, Leitura e Cultura	Corpo/Movimento; Leitura/Filosófica; Memória; Xenofonte
2023	—	PILLOTTO, S. S. D.; STRAPAZZON, M. A. L.; ROTH, M. M.; COSTA, R. C. F.	Experiência Estética na formação inicial dos cursos de Pedagogia	VI ENIPAC – Encontro Internacional Interdisciplinar em Patrimônio Cultural	Experiência Estética; Formação Inicial; Pedagogia; A/r/tografia; Cultura
2021	UNESC	PILLOTTO, S. S. D.; CUNHA, L. C.; LEAL, P. R. C.	(Re)inventando com a infância: uma experiência com o livro de narrativa visual	IV Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação: Desafios contemporâneos das Sociedades Ibero-Americanas	Infância; Narrativa Visual; Livro de Narrativas
2021	UNESP	PILLOTTO, S. S. D.; GAVA, D. M.	Narrativas na infância e seus desdobramentos numa educação pelo sensível	IV Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação: Desafios contemporâneos das Sociedades Ibero-Americanas	Infâncias; Narrativas; Educação Estética; Escola

2021	PUC-Grupo Marista	PINTO, A. P. S.; PILLOTTO, S. S. D.; MUNHOZ, E. M. B.	Educação nas infâncias: a natureza como modo de sensibilidade	XV Congresso Nacional de Educação – Educere	Educação Estética; Infâncias; Natureza; Práticas Educativas; Narrativas
2020	Editora Univille	PILLOTTO, S. S. D.; COSTA, R. C. F.; MORAES, T. M. R.	As artesanias de idosos – entremeando memória, patrimônio cultural e sensibilidades	IV ENIPAC – Encontro Internacional Interdisciplinar em Patrimônio Cultural	Memória; Patrimônio Cultural; Sensibilidades
2020	FURB	PILLOTTO, S. S. D.; LAUMANN, E.; SILVA, A. G.; CAMARGO, J. A.	(Re)conhecendo o educador social: um olhar sensível sobre o profissional no contexto de abrigo	XIII ANPED SUL – Direito de Todos e Condição para a Cidadania	Educador Social; Olhar Sensível; Crianças Abridadas; Institucionalização
2020	UNISUL	PILLOTTO, S. S. D.; CUNHA, L. C.; GARCIA, B. R. Z.	Contação de histórias: processos de (re)invenção nas narrativas com as crianças	Seminário Internacional de Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária	Contação de História; Narrativas; Crianças; (Re)invenção
2020	Editora Univille	COSTA, R. C. F.; MORAES, T. M. R.; PILLOTTO, S. S. D.	Tramas de memórias, tempos e experiências nas artesanias de um panô têxtil	26.º Encontro PROLER Univille (virtual) / 11.º Seminário de Pesquisa em Linguagens, Leitura e Cultura	Memória; Artesanias; Tempos; Idosos; Panô Têxtil
2024	Editora Univille	ROTH, M. M.; PILLOTTO, S. S. D.	As sensibilidades no território da Educação de Jovens e Adultos (EJA) por meio da a/r/tografia	11.ª Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia – SUCST (Joinville)	Sensibilidades; A/r/tografia; Educação de Jovens e Adultos
2024	Editora Univille	COSTA, R. C. F.; PILLOTTO, S. S. D.	Educação Estética e artesanias na formação inicial de pedagogos/professores	11.ª Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia – SUCST (Joinville)	Educação Estética; Artesania; Pedagogia
2024	Editora Univille	ROHR, K. M.; PILLOTTO, S. S. D.	Educação estética na Pedagogia: práticas educativas e seus desdobramentos para a docência	11.ª Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia – SUCST (Joinville)	Educação Estética; Pedagogia; Práticas Educativas

2024	Editora Univille	TERHORST, A. M.; BARUFFI, M. M.; PILLOTTO, S. S. D.; MACHADO, D. F.; RAUSCH, R. B.	Formação continuada de professores em Santa Catarina e sua relação com a educação estética	11.ª Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia – SUCST (Joinville)	Formação Continuada de Professores; Ensino Médio; Rede de Ensino do Estado de Santa Catarina
2024	Editora Univille	GAVA, D. M.; PILLOTTO, S. S. D.	Infâncias e Educação Estética: construindo memórias e experiências pedagógicas na constituição humana	11.ª Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia – SUCST (Joinville)	Educação Estética; Infâncias; Experiência Pedagógica
2024	Editora Univille	LUCRI, A. C.; PILLOTTO, S. S. D.	O desenho infantil como expressão de sentidos: leitura estética e psicológica (DESENHO)	11.ª Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia – SUCST (Joinville)	Leitura Estética e Psicológica; Desenho Infantil; Expressão de Sentidos
2024	Editora Univille	CUNHA, L. C.; PILLOTTO, S. S. D.	Pluralidade de linguagens na educação infantil: experiências estéticas e sensíveis com a infância	11.ª Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia – SUCST (Joinville)	Linguagens; Experiência Estética; Infância
2024	Editora Univille	COSTA, R. C. F.; PILLOTTO, S. S. D.	Educação Estética e artesanias na formação inicial de pedagogos/professores	30.º Encontro do Proler Univille / 15.º Seminário de Pesquisa em Linguagens, Leitura e Cultura	Educação Estética; Artesania; Formação Inicial; Pedagogia; Práticas Educativas
2024	Editora Univille	COSTA, A. D.; PILLOTTO, S. S. D.	Práticas educativas e sensibilidades no Curso Superior em Administração: possibilidades e reverberações	30.º Encontro do Proler Univille / 15.º Seminário de Pesquisa em Linguagens, Leitura e Cultura	Sensibilidades; Práticas Educativas; Ensino Superior; Administração; Currículo
2024	Editora Univille	GAVA, D. M.; PILLOTTO, S. S. D.	A Educação Estética nas infâncias e seus contributos para a constituição humana: memórias e experiências pedagógicas como mobilizadoras de conhecimentos	30.º Encontro do Proler Univille / 15.º Seminário de Pesquisa em Linguagens, Leitura e Cultura	Educação Estética; Infâncias; Memórias; Experiência Pedagógica; Constituição Humana
2024	Editora Univille	ROTH, M. M.; PILLOTTO, S. S. D.	As sensibilidades no território da Educação de Jovens e Adultos (EJA) por meio da A/r/tografia	30.º Encontro do Proler Univille / 15.º Seminário de Pesquisa em Linguagens, Leitura e Cultura	Proposições Estéticas; Sensibilidades; Educação de Jovens e Adultos; A/r/tografia; Práticas Educativas

2023	Editora da Univille	FONSECA, E. P.; PILLOTTO, SÍLVIA SELL DUARTE	Arte/corpo/cidade: olhar estético para a arquitetura e urbanismo	10.ª Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia – SUCST (Joinville)	Olhar Estético; Arquitetura e Urbanismo; Cidade
2023	Editora da UNIVILLE	COSTA, R. C. F.; ROTH, M. M.; STAMM, E.; STRAPAZZON, M. A. L.; LEAL, P. R. C.; ARCARI, L. R. L.; PILLOTTO, S. S. D.	As experiências sensíveis com a arte e cultura na formação em Pedagogia	10.ª Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia – SUCST (Joinville)	Experiências Sensíveis; Arte e Cultura; Pedagogia
2023	Editora da Joinville	SILVA, N. L. R.; GRAGEFE, A.; WIGGERS, L.; PILLOTTO, S. S. D.	Experiências Estéticas na Pedagogia: captura de imagens fixas e em movimento	10.ª Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia – SUCST (Joinville)	Experiências Estéticas; Imagens/Design; Pedagogia
2023	Editora da Univille	NOVAIS, J. C. R. P.; PILLOTTO, S. S. D.	A dimensão estética como mobilizadora no trabalho do Direito	10.ª Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia – SUCST (Joinville)	Dimensão Estética; Direito; Trabalho
2023	Editora da Univille	LEANDRO, S. J.; PILLOTTO, S. S. D.	Educação infantil (entre)laçada às experiências estéticas, narrativas e práticas educativas	10.ª Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia – SUCST (Joinville)	Práticas Educativas; Documentação Pedagógica; Experiência Estética
2023	Editora da Univille	FERNANDES, P. R.; PILLOTTO, S. S. D.	Fragilidades docentes e sensibilidade literária: uma experiência de acolhida para a retomada das práticas educativas	10.ª Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia – SUCST (Joinville)	Práticas Educativas; Sensibilidade Literária; Docência
2023	Univille	MONTES, T.; MENDES, F. L.; PILLOTTO, S. S. D.	O corpo no campo da experiência estética	10.ª Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia – SUCST (Joinville)	Experiência Estética; Corpo; Práticas Educativas
2022	Editora Univille	PILLOTTO, S. S. D.; LEANDRO, S. J.	Documentação pedagógica na educação infantil (entre)laçada as experiências estéticas, narrativas e práticas educativas	9.ª Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia – SUCST	Práticas Educativas; Documentação Pedagógica; Experiência Estética
2022	Editora Univille	PILLOTTO, S. S. D.; FERNANDES, P. R.	Experiências literárias como mobilizadora de práticas educativas e sensibilidades	9.ª Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia – SUCST	Práticas Educativas; Sensibilidade Literária; Educação Básica

2022	Editora Univille	COSTA, R. C. F.; STAMM, E.; STRAPAZZON, M. A. L.; CARGNIN, K. A.; VIANA, D. C.; PILLOTTO, S. S. D.	A/r/tografia – pesquisa educacional baseada em arte: uma proposição sensível na formação em Pedagogia	9.ª Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia – SUCST	A/r/tografia; Proposição Sensível; Pedagogia Cultural
2021	—	PILLOTTO, S. S. D.; CUNHA, L. C.; LEAL, P. R. C.	(Re)inventando com a infância: uma experiência com o livro de narrativa visual	IV Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação: Desafios Contemporâneos das Sociedades Ibero-Americanas	(Re)inventando; Infância; Livro Narrativo
2021	—	PILLOTTO, S. S. D.; GAVA, D. M.	Narrativas na infância e seus desdobramentos numa educação pelo sensível	IV Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação: Desafios Contemporâneos das Sociedades Ibero-Americanas	Narrativas; Infância; Educação pelo Sensível
2021	Editora Univille	LAUMANN, E.; PILLOTTO, S. S. D.; GARCIA, B. R. Z.	A formação dos sujeitos inconclusos e a contribuição da educação não formal	Simpósio Integrado de Pesquisa em Educação – FURB/ UNIVILLE/ UNIVALI	Educação Não Formal; Formação; Sujeitos Inconclusos
2021	Editora Univille	CAMARGO, J. A.; PILLOTTO, S. S. D.; GOMES, A. H.	A formação de sujeitos sensíveis e suas experiências estéticas nos cursos de Moda/Design	Simpósio integrado de pesquisa em educação – FURB/ UNIVILLE/ UNIVALI	Formação; Sujeitos Sensíveis; Experiência Estética; Design de Moda
2021	Editora Univille	LAUMANN, E.; PILLOTTO, S. S. D.; SILVA, A. G.	A educação não formal e a formação dos sujeitos inconclusos	II Colóquio Nacional Formação e Pesquisa: Educação, Arte e Cultura	Educação Não Formal; Sujeitos Inconclusos; Formação
2021	Editora Univille	PILLOTTO, S. S. D.; COSTA, R. C. F.; OLIVEIRA, G. E. S.	Canal (In)Completo: experiências e diálogos nas redes sociais	8.ª Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia	Redes Sociais; Canal YouTube; Canal (In)Completo; Diálogos; Experiência
2021	Editora Univille	PILLOTTO, S. S. D.; COSTA, R. C. F.; SILVA, M. V.	A criação midiática para o Canal (In)Completo: a experiência que constitui um pesquisar	8.ª Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia	Criação Midiática; Pesquisa; Canal YouTube; Incompleto
2021	Editora Univille	PILLOTTO, S. S. D.; LAUMANN, E.; SILVA, A. G.	(Entre)laçando experiências estéticas e educação não formal: imbricamentos para a constituição docente	8.ª Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia	Experiência Estética; Dança; Educação Não Formal

ANEXO G

*Levantamento parcial de entrevistas, programas e *lives* do NUPAE

Data da apresentação	Entrevistados	Tema/Live	Palavras-chave	Emissora
ENTREVISTAS, PROGRAMAS E <i>LIVES</i>				
29/05/2025	GAVA, D. M.; STAMM, E.; PILLOTTO, S. S. D.	A criança como autora do conhecimento	Criança/Autora; Educação Estética; Arte, Afeto e Educação	Canal (In)Completo (YouTube)
30/01/2025	COSTA, R. C. F.; STRAPAZZON, M. A. L.; PILLOTTO, S. S. D.	Pelos caminhos das pesquisas em Educação Estética e sensibilidades	Ateliê em Artesanias; Coleta NUPAE; Educação Estética	Canal (In)Completo (YouTube)
31/01/2024	PILLOTTO, S. S. D.; STRAPAZZON, M. A. L.; SILVA, N. L. R.; WIGGERS, L.; FERNANDES, P. R.; LEANDRO, S. J.	Lançamento do livro: Caderno Virtual – Arte, Experiência e Compartilhamentos	Canal (In)Completo	Canal (In)Completo (YouTube)
01/02/2024	PILLOTTO, S. S. D.; GOMES, J. K. B.; LAHN, E.; OENNING, L.	Experimentações estéticas: o sentido de se compor professor	Experiência Estética; Afeto; Professores de Arte	Revista de Ensino em Artes, Moda e Design (Florianópolis)
15/05/2024	ALMEIDA, R.; NECKEL, N. R. M.; PILLOTTO, S. S. D.; STRAPAZZON, M. A. L.	Os dizeres do cinema	—	Canal (In)Completo (YouTube)
19/06/2024	ARINS, L. B.; PILLOTTO, PILLOTTO, S. S. D.; STRAPAZZON, M. A. L.; FERNANDES, P. R.	A criação e o imaginário no ser/criança e a form(ação) do professor	Ser/Criança; Formação Docente; Imaginário; Criação	Canal (In)Completo (YouTube)
18/09/2024	PILLOTTO, S. S. D.; STRAPAZZON, M. A. L.; PINTO, A. P. S.	A natureza como mobilizadora de sensibilidades nas infâncias	Natureza; Sensibilidades; Infância	Canal (In)Completo (YouTube)

24/04/2024	ABRAHAO, M. H. M. B.; ERBS, R. T. C.; PILLOTTO, S. S. D.; STRAPAZZON, M. A. L.	Pesquisas (auto)biográficas: narrativas de si e do outro	Pesquisa Narrativa	Canal (In)Compleitudes (YouTube)
28/02/2024	ZANELLA, A. V.; PEREIRA, A. P.; PILLOTTO, S. S. D.	Oficinas estéticas e imaginação infantil	Imaginação; Infância; Oficinas Estéticas	Canal (In)Compleitudes (YouTube)
26/11/2024	PILLOTTO, S. S. D.; STRAPAZZON, M. A. L.	Como fazer pesquisa em educação de modo colaborativo e sensível?	Pesquisa; NUPAE	Canal (In)Compleitudes (YouTube)
12/12/2024	STAMM, E.; PILLOTTO, S. S. D.	Percursos do Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE)	NUPAE	Canal (In)Compleitudes (YouTube)
25/01/2023	PILLOTTO, S. S. D.; STRAPAZZON, M. A. L.; JENSEN, L. C. S.; CAMARGO, J. A.; SILVA, A. G.; LAUMANN, E.	Pesquisas em âmbitos formal e não formal da Educação	Educação Não Formal; Dança/Educação; Design de Moda; Literatura	Canal (In)Compleitudes (YouTube)
08/02/2023	PILLOTTO, S. S. D.; STRAPAZZON, M. A. L.; VENERA, O. I.; MATOS, S. S.	Pesquisas em Educação, Cultura e Comunicação	Comunicação; Cultura; Pesquisas; Educação	Canal (In)Compleitudes (YouTube)
15/03/2023	PILLOTTO, S. S. D.; MEURER, B.; STRAPAZZON, M. A. L.	Arte, Educação e Filosofia: dobras, franjas e platôs	Filosofia; Estética; Artes; Educação	Canal (In)Compleitudes (YouTube)
04/03/2023	PILLOTTO, S. S. D.; MEURER, B.	Encontro filosófico – Artes	Artes; Estética; Filosofia; Educação	Canal Univille Play (YouTube)
20/04/2023	PILLOTTO, S. S. D.; STRAPAZZON, M. A. L.; BERNARDES, R. K.; MOMOLI, D. B.; PEREIRA, A. C. C.	Espaços de educação formal e não formal: infâncias, formação e estética	Formação Estésica; Infâncias; Educação Formal; Educação Não Formal	Canal (In)Compleitudes (YouTube)
05/04/2023	PILLOTTO, S. S. D.; STRAPAZZON, M. A. L.	Lançamento do III Congresso Internacional: Educação, Arte, Cultura e Comunicação	—	Canal (In)Compleitudes (YouTube)
15/06/2023	SKLIAR, C.; PILLOTTO, S. S. D.; STRAPAZZON, M. A. L.	Narrativas do afora: uma biografia sobre intempéries	—	Canal (In)Compleitudes (YouTube)
24/05/2023	NEITZEL, A. A.; VASCONCELLOS, S. T.; PILLOTTO, S. S. D.; STRAPAZZON, M. A. L.	A pesquisa educacional baseada em arte: mediações, objetos e espaços propositores	Pesquisa Educacional; Arte; PEBA	Canal (In)Compleitudes (YouTube)

14/09/2023	CUNHA, S. R. V.; PILLOTTO, S. S. D.; LOIOLA, L.; DIEFENTHOLER, D.	Arte e Pedagogia: provocaÇÕES na escola	Educação	Canal Mirabolando Espaço de Arte (YouTube)
01/09/2023	VIANA, D. C.; CARGNIN, K. A.; OLIVEIRA, A. S.; PILLOTTO, S. S. D.	A inventividade no campo da estética	—	Canal (In)Compleudes (YouTube)
29/11/2023	PILLOTTO, S. S. D.; PEREIRA, Y. C. C.; SCHULZ, L.	A sensibilidade no campo da Educação Ambiental por meio da Pedagogia Ecovivencial	Sensibilidade; Educação Ambiental; Pedagogia Ecovivencial	Canal (In)Compleudes (YouTube)
20/10/2023	PILLOTTO, S. S. D.; MARTINS, M. C.; STRAPAZZON, M. A. L.	Pesquisas (arto)gráficas na Educação: processos e...e...e...	Pesquisas (Arto)gráficas; Pedagogia	Canal (In)Compleudes (YouTube)
31/01/2022	PILLOTTO, S. S. D.; STRAPAZZON, M. A. L.	O significado do fazer pesquisa/formação	Pesquisa/Formação; Arte; Sensibilidades	Canal (In)Compleudes (YouTube)
16/05/2022	PILLOTTO, S. S. D.; POOL, L.; FRANZOI, C. A.	Por que Arte importa?	Arte; Estética; Experiência Estética	Canal (In)Compleudes (YouTube)
23/03/2022	PILLOTTO, S. S. D.; MEIRA, M. R.; STRAPAZZON, M. A. L.	Educação Ambiental: proximidades com a Arte, a Estética e a Cultura	Estética; Arte; Educação Ambiental	Canal (In)Compleudes (YouTube)
26/04/2022	PILLOTTO, S. S. D.; STRAPAZZON, M. A. L.; VOIGT, J. M. R.; FRASSETO, D. L. P.; PAGLIA, R. R. S.	O Novo Ensino Médio: diálogos sobre perspectivas e desafios	Educação Básica; Novo Ensino Médio; Perspectivas e Desafios	Canal (In)Compleudes (YouTube)
24/05/2022	PILLOTTO, S. S. D.; STRAPAZZON, M. A. L.; RICHTER, S. R. S.	Educação, Artes e tecnicidade do gesto como experiência estética e poética de linguagem	Infâncias; Arte na Educação; Sensibilidades	Canal (In)Compleudes (Projeto UNIVILLE)
03/10/2022	PILLOTTO, S. S. D.; GARCIA, B. R. Z.; VOIGT, J. M. R.; PESCE, M. K.; KOERNER, R. M.	Pesquisas em práticas docentes	Pesquisas em Práticas Docentes	Canal (In)Compleudes (YouTube)
24/08/2022	PILLOTTO, S. S. D.; STRAPAZZON, M. A. L.; PILLAR, A. D.; GABRE, S. F.	Habitar o museu com a criança pequena	Criança Pequena	Canal (In)Compleudes (YouTube)
06/07/2022	PILLOTTO, S. S. D.; CUNHA, S. R. V.; XAVIER, K.	Arte contemporânea e Educação Infantil	Arte Contemporânea; Educação Infantil	Canal (In)Compleudes (YouTube)

28/06/2022	PILLOTTO, S. S. D.; XAVIER, J. F. P.; STRAPAZZON, M. A. L.	Cultura Pop: jogos, quadrinhos e animações	Cultura Pop	Canal (In)Compleudes (YouTube)
06/10/2022	PILLOTTO, S. S. D.; CELÓRIO, J. A.; STRAPAZZON, M. A. L.	Mal-estar na educação: sobre a saúde docente e discente	Saúde; Mal-estar; Docente; Discente	Canal (In)Compleudes (YouTube)
26/10/2022	PILLOTTO, S. S. D.; ABRAHÃO, M. H. M. B.; STRAPAZZON, M. A. L.	Pesquisas (auto)biográficas: narrativas imagéticas na escrita de si	Escrita de Si; Pesquisas (Auto)biográficas; Narrativas Imagéticas	Canal (In)Compleudes (YouTube)
14/12/2022	PILLOTTO, S. S. D.; MEIRA, M. R.; ALMEIDA, R.; STRAPAZZON, M. A. L.; XAVIER, K.	Live de lançamento do livro <i>Arte, afeto e educação: a sensibilidade na ação pedagógica</i>	Arte, Afeto e Educação; Sensibilidades; Educação	Canal (In)Compleudes (YouTube)
23/11/2022	OLIVEIRA, M. O.; PILLOTTO, S. S. D.; STRAPAZZON, M. A. L.	Leitura e escrita acadêmica com imagens: conversações com as filosofias da diferença	Leitura e Escrita Acadêmica com Imagens; Filosofia da Diferença	Canal (In)Compleudes (YouTube)
26/01/2021	PILLOTTO, S. S. D.; ANDRADE, C. K.; GANDOLFI NETO, A.; BRITO, A. L. C.	O currículo catarinense e as linguagens/expressão das artes	Currículo Catarinense; Linguagens; Expressões artísticas; Arte - Educação	Canal (In)Compleudes (YouTube)
10/02/2021	PILLOTTO, S. S. D.; SOUZA, M. A. C.; CARVALHO, C.; VIANA, D. C.	Dança/Educação: movimentos pulsantes	Dança/Educação; Movimentos Dançantes; Pulsação	Canal (In)Compleudes (YouTube)
25/03/2021	PILLOTTO, S. S. D.; ZANELLA, A. V.; GOMES, A. H.	Oficinas estéticas e processos de criação	Oficinas Estéticas; Processos de Criação; Educação	Canal (In)Compleudes (YouTube)
28/04/2021	PILLOTTO, S. S. D.; GAVA, D. M.; CUNHA, L. C.	Criança e autoria: entre as cirandas dos saberes e da arte	infâncias; Criança; Autoria; Literatura; Oficinas Estéticas	Canal (In)Compleudes (YouTube)
31/05/2021	PILLOTTO, S. S. D.; ALEXANDRE, P. E. L.; OLIVEIRA, S. E. R.	Processos de construção de liberdade: lugar de presença e fala	Liberdade; Cultura Indígena; Ancestralidade	Canal (In)Compleudes YouTube
08/06/2021	PILLOTTO, S. S. D.; MARTINS, M. C. F. D.; GUEDES, S. P. L. C.	Arte, Educação e Cultura: caminhos formativos e de pesquisa	Arte; Educação; Cultura; Formação	Canal (In)Compleudes (YouTube)

09/06/2021	PILLOTTO, S. S. D.; ALMEIDA, R.; STRAPAZZON, M. A. L.	Cinema e imaginários contemporâneos	Cinema; Educação; Imaginário; Contemporaneidade	Canal (In)Compleitudes (YouTube)
17/06/2021	PILLOTTO, S. S. D.; VIANA, D. C.; CARGNIN, K. A.; STRAPAZZON, M. A. L.	Pesquisas (entre)laçadas: experiências corporais, sonoras e visuais	Pesquisas (Entre)laçadas; Infâncias; Escola; Museu; Arte	Canal (In)Compleitudes (YouTube)
07/07/2021	PILLOTTO, S. S. D.; OLIVEIRA, A. D.; ERBS, R. T. C.	Método de pesquisa (auto)biográfico: caminhos, experiências e possibilidades	Autobiografia; Pesquisa; Experiência; Percursos	Canal (In)Compleitudes (YouTube)
03/08/2021	PILLOTTO, S. S. D.; SCHRAMM, M. L. K.; CABRAL, R. M. W.; GEVAERD, M.	Arte na Educação catarinense: memórias e experiências	Educação Catarinense; Arte - Educação; Memórias; Experiências	Canal (In)Compleitudes (YouTube)
09/06/2021	PILLOTTO, S. S. D.	Culturas e subjetividades (II Colóquio Nacional)	Culturas; Subjetividades; Pesquisa	Plataforma Teams
08/07/2021	PILLOTTO, S. S. D.	Curadoria educativa	Curadoria; Ações Pedagógicas; Curadoria Educativa	Remoto – plataforma Zoom Meeting
10/08/2021	PILLOTTO, S. S. D.; ARCARI, L.; TRENTINI, J.	A educação pelo sensível nas crianças (X Semana Nacional da Educação Infantil em Joinville)	Educação Estética; Infâncias; Criança/Infância; Sensibilidades	Webinar
01/09/2021	PILLOTTO, S. S. D.; BORGES, D.; INCERTI, F.	Deontologias pós-modernas: reflexões a partir das tribos urbanas de Michel Maffesoli	Pós-modernidade; Tribos Urbanas; Michel Maffesoli	Canal (In)Compleitudes (YouTube)
29/10/2021	PILLOTTO, S. S. D.; MEIRA, M. R.	Afeto e educação: atravessamentos na ética, estética e política	Educação Estética; Afeto; Ética e estética; Política	Canal (In)Compleitudes (YouTube)
18/11/2021	PILLOTTO, S. S. D.; TRENTINI, J.; ARCARI, L.	A sensibilidade na gestão educacional: territórios das infâncias	Sensibilidade; Gestão Educacional; Infâncias	Canal (In)Compleitudes (YouTube)
17/12/2021	PILLOTTO, S. S. D.; NATUME, H.; GONDIM, M. C. M.	Educação musical: lugar de sensibilidades	Educação Musical; Sensibilidades; Escola; Educação Não Formal	Canal (In)Compleitudes (YouTube)

29/05/2021	PILLOTTO, S. S. D.; BUCKMANN, L.	Consumo cultural pela escola	Arte - Educação; Consumo Cultural; Escola; Museu	Canal (In)Completeness (YouTube)
02/05/2021	PILLOTTO, S. S. D.; CARVALHO, C.; GANDOLFI NETO, A.	Processos criativos: movimento, corpo e virtualidade	Processos de Criação; Movimento; Corpo; Visualidades	Canal (In)Completeness (YouTube)
02/04/2020	PILLOTTO, S. S. D.; STAMM, E.	Infâncias: tempos de compartilhar	Experiência Sensível; Infância; Educação para a Infância	Canal (In)Completeness (YouTube)
19/08/2020	PILLOTTO, S. S. D.; CAGNETI, S. S.	Diálogos literários em tempos de solidão	Solidão; Tempos; Experiência; Diálogos Literários	Canal (In)Completeness (YouTube)
03/06/2020	PILLOTTO, S. S. D.; LEAL, P. R. C.	Caderno Mágico: narrativas compartilhadas	Caderno Mágico; Narrativas Infantis; Infâncias	Canal (In)Completeness
13/05/2020	STAMM, E.; PILLOTTO, S. S. D.	Tempo de modelar, tempo de aprender, com Eliana Stamm	Modelagem Cerâmica; Criação; Cerâmica Indígena	Canal (In)Completeness
13/01/2020	PILLOTTO, S. S. D.; STAMM, E.	Educar e (tran)sformar	Educação; Formação; Transformação	Canal (In)Completeness (YouTube)
03/03/2020	MOREIRA, F.; PILLOTTO, S. S. D.	Olhar estético na fotografia, com Fábio Moreira	Estética; Fotografia	Canal (In)Completeness
03/02/2020	PILLOTTO, S. S. D.; Silva, C. C.; STAMM, E.	Pesquisa: experiência e paixão	Pesquisa em Educação; Experiência Estética; Arte	Canal (In)Completeness
04/08/2020	PILLOTTO, S. S. D.; SANTIAGO, M. C. A. C.; WESTRUPP, M. F.	A diversidade como princípio formativo no Currículo Catarinense: a educação na e para além da escola	Diversidade; Currículo Catarinense; Educação	Canal (In)Completeness
03/09/2020	PILLOTTO, S. S. D.; NEITZEL, A. A.	Educação estética e mediação cultural	Educação Estética; Mediação Cultural; Experiência	Canal (In)Completeness (YouTube)
24/06/2020	PILLOTTO, S. S. D.; BUCKMANN, L.	Consumo cultural pela escola, com Luciano Parreira Buchmann	Museu; Educação no Museu; Consumo Cultural; Escola	Canal (In)Completeness (YouTube)

30/04/2020	PILLOTTO, S. S. D.; GARCIA, B. Z.; Leticia C. S. Jensen	Educação não formal: possibilidades outras de aprender	Educação Não Formal; Extensão Universitária; Aprendizagem; Compartilhamento	Canal (In)Completo (YouTube)
15/07/2020	PIRES, J. C. A.; PILLOTTO, S. S. D.; HOFFMANN, J.	Live de lançamento do livro <i>Aprendizagem de instrumentos musicais na infância</i>	Aprendizagem de Instrumentos Musicais; Infância	Canal (In)Completo (YouTube)
18/05/2020	PILLOTTO, S. S. D.; PEREIRA, T.	<i>Live</i> Arte na infância em tempos de pandemia	Arte na Infância; Tempos de Pandemia	Espaço de Formação e Experimentação em Tecnologias (YouTube)
15/09/2020	PILLOTTO, S. S. D.	II 5. ^a Das Artes: diálogos sobre arte, imaginação, natureza e Educação Infantil (primeiro encontro)	Educação; Artes; Educação Estética; Infâncias	YouTube
28/09/2020	PILLOTTO, S. S. D.; BORGES, D.	A pós-modernidade de Michael Maffesoli: saturação dos ideais modernos	Pós-modernidade; Ideais Modernos; Maffesoli	Canal (In)Completo (YouTube)
29/06/2020	PILLOTTO, S. S. D.	Webformação para professores- infâncias, rotinas e quebras de rotinas	Infância; Rotinas	Centro de Educação Infantil Hilca Piazera Schnaider
18/05/2020	PILLOTTO, S. S. D.	Arte na infância em tempos de pandemia na extensão remota	Arte; Infância; Tempos de Pandemia	Canal (In)Completo
12/08/2020	PILLOTTO, S. S. D.; STAMM, E.; STRAPAZZON, M. A. L.; COSTA, R. C. F.	Ensino, pesquisa e extensão: (entre)laçando sensibilidades	Sensibilidades; Ensino; Extensão; Pesquisa	Canal (In)Completo (YouTube)
07/08/2020	PILLOTTO, S. S. D.	Arte na Educação Infantil	Arte; Infância; Educação	Canal (In)Completo
19/09/2020	PILLOTTO, S. S. D.; STAMM, E.; Silva, C. C.	Lançamento do livro <i>Linguagens da arte na infância</i>	Linguagens; Arte; Educação Infantil	Canal (In)Completo (YouTube)
21/10/2020	PILLOTTO, S. S. D.; URIARTE, M. Z.	A educação musical no Currículo do Território Catarinense	Educação Musical; Escola; Currículo Catarinense	Canal (In)Completo
18/11/2020	PILLOTTO, S. S. D.; MOURA, L. M. G.	Girando o caleidoscópio: memórias e culturas de crianças acolhidas	Caleidoscópio; Memórias; Crianças Acolhidas; Culturas	Canal (In)Completo (YouTube)

08/11/2020	PILLOTTO, S. S. D.; URIARTE, M. Z.; MOURA, R.	Pontos de som: criação artística e desenvolvimento musical	Pontos de Som; Escola; Educação Musical	Canal (In)Completeness
25/11/2020	PILLOTTO, S. S. D.; STAMM, E.; MIGUEL, M.	O lúdico no imaginário e no desenvolvimento infantil	Lúdico; Imaginário; Desenvolvimento Infantil	Canal (In)Completeness (YouTube)
06/08/2020	PILLOTTO, S. S. D.; CARVALHO, C.; SOUZA, M. A. C.; NEITZEL, A. A.	Lançamento do livro <i>Arte e estética na Educação: pesquisa e processos</i>	Estética; Arte; Pesquisa; Processos	Remoto – Plataforma Meet
20/04/2020	PILLOTTO, S. S. D.	Tempos turbulentos	Tempos Turbulentos; Filosofia; Estética; Afeto	Canal (In)Completeness (YouTube)

ANEXO H

*Levantamento parcial de eventos com apresentação de trabalho

ANO	AUTORES	TÍTULO DO TRABALHO	EVENTO	PALAVRAS-CHAVE	LOCAL	CIDADE
APRESENTAÇÕES DE TRABALHO/COMUNICAÇÕES						
2025	COSTA, R. C. F.; PILLOTTO, S. S. D.	O ateliê em artesanias como prática educativa: Educação Estética na formação de pedagogos	4.º Congresso Artes Manuais na Academia	Atelier em Artesanias; Educação Estética; Sensibilidades; Formação Inicial do Pedagogo; Pedagogia	Nina Veiga Atelier de Educação/Faculdade Eficaz – canal YouTube	Rio de Janeiro
2025	COSTA, A. D.; COSTA, R. C. F.; PILLOTTO, S. S. D.	Práticas educativas e sensibilidades no ensino superior	XIII Fórum Internacional de Inovação e Criatividade – INCREA / V Congresso Internacional de Educação e Saúde – CIEDUS / I Congresso Internacional de Educação – EDUQUE	Práticas Educativas; Sensibilidades; Ensino Superior; Administração	<i>Campus</i> FEBE	Brusque
2025	COSTA, R. C. F. da; COSTA, A. D.; PILLOTTO, S. S. D.	Panorama das trajetórias do Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação: sensibilidades, educação estética e práticas educativas	5.º Cine-Fórum 2025: Cinema, Letras, Arte, Sociedade e Debate	Práticas Educativas; Educação Estética; Sensibilidades; Grupo de Pesquisa; Estado de Conhecimento	<i>Campus</i> da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul	Campo Grande
2025	ROTH, M. M.; COSTA, R. C. F.; PILLOTTO, S. S. D.	Proposição estética: cartografia afetiva na Educação de Jovens e Adultos por meio da a/r/tografia e das sensibilidades	5.º Cine-Fórum 2025: Cinema, Letras, Arte, Sociedade e Debate	A/r/tografia; Proposição Estética; Educação de Jovens e Adultos	<i>Campus</i> da UEMS	Campo Grande
2025	GAVA, D. M.; COSTA, R. C. F.; PILLOTTO, S. S. D.	Educação estética nas infâncias: percursos sensíveis como contributo para a constituição humana	5.º Cine-Fórum 2025: Cinema, Letras, Arte, Sociedade e Debate	Educação Estética; Infâncias; Experiência Pedagógica;	<i>Campus</i> da UEMS	Campo Grande

				Constituição Humana; Sensibilidade		
2025	COSTA, A. D.; COSTA, R. C. F.; PILLOTTO, S. S. D.	As sensibilidades no Ensino Superior em Administração	5.º Cine-Fórum 2025: Cinema, Letras, Arte, Sociedade e Debate	Práticas Educativas; Sensibilidades; Administração; Projeto Pedagógico; Ensino Superior	<i>Campus da UEMS</i>	Campo Grande
2025	COSTA, A. D.; COSTA, R. C. F.; PILLOTTO, S. S. D.	O atelier em artesanias como prática educativa: a educação estética na formação inicial de pedagogos/professores	5.º Cine-Fórum 2025: Cinema, Letras, Arte, Sociedade e Debate	Práticas Educativas; formação Inicial; Atelier em Artesanias; Educação Estética; Pedagogia	<i>Campus da UEMS</i>	Campo Grande
2025	GAVA, D. M.; KORNATZKI, P. C.; PILLOTTO, S. S. D.	Educação estética nas infâncias como contributo na constituição humana	I Congresso Internacional Educação Básica / II Encontro de Licenciaturas – Artesania no Educar	Educação Estética; Infâncias; Memórias; Experiências Pedagógicas; Constituição Humana	<i>Campus UCS</i>	Caxias do Sul
2025	COSTA, A. D.; COSTA, R. C. F.; PILLOTTO, S. S. D.	Formação inicial e sensibilidades no ensino superior de administração	I Congresso Internacional Educação Básica / II Encontro de Licenciaturas – Artesania no Educar	Práticas Educativas; Sensibilidades; Formação Inicial; Administração; Pedagogia	<i>Campus da UCS</i>	Caxias do Sul
2025	COSTA, R. C. F.; ROTH, M. M.; PILLOTTO, S. S. D.	O ateliê em artesanias: experiência sensível na formação inicial de pedagogos	I Congresso Internacional Educação Básica / II Encontro de Licenciaturas – Artesania no Educar	Práticas Educativas; Educação Estética; Artesanias; Pedagogia; Formação de Professores	<i>Campus da UCS</i>	Caxias do Sul
2025	ROHR, K. M.; COSTA, R. C. F.; PILLOTTO, S. S. D.	A Educação Estética na formação inicial em Pedagogia: práticas educativas e seus desdobramentos	I Congresso Internacional Educação Básica / II Encontro de Licenciaturas – Artesania no Educar	Práticas Educativas; Educação Estética; Formação Inicial; Pedagogia	<i>Campus da UCS</i>	Caxias do Sul

2025	ROTH, M. M.; COSTA, R. C. F. da; PILLOTTO, S. S. D.	Proposições estéticas na Educação de Jovens e Adultos por meio da a/r/tografia e das sensibilidades	I Congresso Internacional Educação Básica / II Encontro de Licenciaturas – Artesania no Educar	A/r/tografia; Proposição Estética; Educação de Jovens e Adultos	<i>Campus</i> da UCS	Caxias do Sul
2025	COSTA, R. C. F.; PILLOTTO, S. S. D.	Ateliê em artesanias: prática educativa em educação estética na formação de pedagogos	IV Encontro das Licenciaturas da Região Sul	Prática Educativa; Educação Estética; Formação Inicial; Pedagogia; Ateliê Artesanal	<i>Campus</i> UDESC	Joinville
2024	PILLOTTO, S. S. D.; COSTA, R. C. F.	Educação estética nos cursos de Pedagogia: potencializando memórias e narrativas.	X Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica	Educação Estética; Pedagogia; Narrativas	UFB	Salvador
2024	ROTH, M. M.; PILLOTTO, S. S. D.	As sensibilidades no território da Educação de Jovens e Adultos (EJA): potencializando memórias e narrativas	X Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica	Sensibilidades; EJA; Narrativas	UNEB	Salvador
2024	FERNANDES, P. R.; PILLOTTO, S. S. D.	A literatura como mobilizadora de práticas educativas e sensibilidades: ateliês literários com professores do ensino médio	X Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica	Sensibilidades; Ateliês Literários; Narrativas	UNEB	Salvador
2024	ROTH, M. M.; PILLOTTO, S. S. D.	A aprendizagem e a formação de professores na educação de jovens e adultos	XIV Fórum Internacional de Pedagogia – FIPEd	Sensibilidades; EJA	URCA	Crato
2024	PILLOTTO, S. S. D.; COSTA, R. C. F.; STRAPAZZON, M. A. L.; GAVA, D. M.	Experiências estéticas na formação inicial de Pedagogia: bagagens artístico/culturais	XIV Fórum Internacional de Pedagogia – FIPEd	Experiência Estética; Pedagogia; Processos Formativos	URCA	Crato
2024	PILLOTTO, S. S. D.	Afeto e sensibilização na educação	Formação para Gestores e Assessores da Coordenadoria Regional de Educação de Joinville	—	<i>Campus</i> Bom Retiro Univille	Joinville
2024	PILLOTTO, S. S. D.; COSTA, A. D.	Práticas educativas e sensibilidades no Curso Superior em Administração: possibilidades e reverberações	30.º Encontro do Proler Univille / 15.º Seminário de	—	<i>Campus</i> Bom Retiro Univille – Teams	Joinville

			Pesquisa em Linguagens, Leitura e Cultura			
2024	ROTH, M. M.; PILLOTTO, S. S. D.	As sensibilidades no território da Educação de Jovens e Adultos (EJA) por meio da A/r/tografia	30.º Encontro do Proler Univille / 15.º Seminário de Pesquisa em Linguagens, Leitura e Cultura	EJA; A/r/tografia	<i>Campus Bom Retiro Univille – Teams</i>	Joinville
2024	COSTA, R. C. F.; PILLOTTO, S. S. D.	Educação Estética e artesanias na formação inicial de pedagogos/professores	30.º Encontro do Proler Univille / 15.º Seminário de Pesquisa em Linguagens, Leitura e Cultura	Artesanias; Educação Estética; Formação Inicial; Pedagogia; Práticas Educativas	<i>Campus Bom Retiro Univille – Teams</i>	Joinville
2024	PILLOTTO, S. S. D.; STRAPAZZON, M. A. L.	Educação e memória: experiência estética na formação inicial dos cursos de Pedagogia	II Simpósio Internacional dos Programas de Pós-graduação em Educação do Sistema ACAFE – SIPPE ACAFE	—	<i>Campus</i>	Itajaí
2024	ROHR, K. M.; PILLOTTO, S. S. D.	Educação Estética na Pedagogia: práticas educativas e seus desdobramentos para a docência	30.º Encontro do Proler Univille / 15.º Seminário de Pesquisa em Linguagens, Leitura e Cultura	Educação Estética; Pedagogia; Práticas Educativas; Formação Docente	<i>Campus Bom Retiro Univille</i>	Joinville
2024	GAVA, D. M.; PILLOTTO, S. S. D.	A Educação Estética nas infâncias e seus contributos para a constituição humana: memórias e experiências pedagógicas como mobilizadoras de conhecimentos	30.º Encontro do Proler Univille / 15.º Seminário de Pesquisa em Linguagens, Leitura e Cultura	Educação Estética; Infâncias; Memórias; Experiência	<i>Campus Bom Retiro Univille</i>	Joinville
2024	PILLOTTO, S. S. D.	Educação Estética: pausa para (re)significar sentidos	Palestra Educação Estética: pausa para (re)significar sentidos	Educação Estética	Faculdade INESA	Joinville
2024	PILLOTTO, S. S. D.	Experiências corporais, sonoras e visuais	Fórum Experiências Corporais Sonoras e Visuais – Dia Internacional da Dança	—	EEB Prof. Germano Timm	Joinville
2024	AMARAL, A. M.; PILLOTTO, S. S. D.	O silêncio em práticas educativas musicais: a experiência sensível no (entre)lugar	Pesquisas em Foco [Mostra de pesquisas vinculadas ao NUPAE]	Práticas Educativas Musicais; Experiência	<i>Campus Bom Retiro Univille</i>	Joinville

				Sensível; Silêncio; (Entre)lugar		
2024	CUNHA, L. C.; PILLOTTO, S. S. D.	Pluralidade de linguagens na Educação Infantil: experiências estéticas e sensíveis com a infância	Pesquisas em Foco [Mostra de pesquisas vinculadas ao NUPAE]	Linguagens; Experiência Estética/Sensível; Infância	<i>Campus Bom Retiro</i> Univille	Joinville
2024	PINTO, A. P. S.; PILLOTTO, S. S. D.; MUNHOZ, E. M. B.	Educação nas infâncias: a natureza como mobilizadora de sensibilidades	Pesquisas em Foco [Mostra de pesquisas vinculadas ao NUPAE]	Educação Estética; Infâncias; Natureza	<i>Campus Bom Retiro</i> Univille	Joinville
2024	ROTH, M. M.; PILLOTTO, S. S. D.	As sensibilidades no território da Educação de Jovens e Adultos (EJA) por meio da A/R/Tografia	Pesquisas em Foco [Mostra de pesquisas vinculadas ao NUPAE]	Sensibilidades; Educação de Jovens e Adultos; A/r/tografia	<i>Campus Bom Retiro</i> Univille	Joinville
2024	COSTA, R. C. F.; PILLOTTO, S. S. D.	Artesania: formação cultural, construções identitárias e experiências sensíveis na terceira idade	Pesquisas em Foco [Mostra de pesquisas vinculadas ao NUPAE]	Artesania; Formação Cultural; Construções Identitárias; Experiências Sensíveis; Terceira Idade	<i>Campus Bom Retiro</i> Univille	Joinville
2024	STRAPAZZON, M. A. L.; PILLOTTO, S. S. D.	Uma cartografia com a infância: experiências e múltiplas sonoridades	Pesquisas em Foco [Mostra de pesquisas vinculadas ao NUPAE]	Cartografia; Sonoridades; Infâncias	<i>Campus Bom Retiro</i> Univille	Joinville
2024	PILLOTTO, S. S. D.; STRAPAZZON, M. A. L.; COSTA, R. C. F.; STAMM, E.; VIANA, D. C.; CARGNIN, K. A.; GAVA, D. M.; ARINS, L. B.; ROTH, M. M.; FERNANDES, P. R.; ARCARI, L. R. L.; LEAL, P. R. C.; PINTO, A. P. S.; LEANDRO, S. J.; GRAFEGE, A.; SILVA, N. L. R.	Pesquisa internacional: formação docente em e com Artes/culturas	Pesquisas em Foco [Mostra de pesquisas vinculadas ao NUPAE]	Formação Docente; Artes; Pedagogia	<i>Campus Bom Retiro</i> Univille	Joinville

2024	VIANA, D. C.; PILLOTTO, S. S. D.	Mediação cultural por meio da dança/Educação como possibilidade de aprendizagem na infância	Pesquisas em Foco [Mostra de pesquisas vinculadas ao NUPAE]	Práticas Educativas; Dança/Educação; Mediação Cultural	<i>Campus Bom Retiro</i> Univille	Joinville
2024	CARGNIN, K. A.; PILLOTTO, S. S. D.	Vivências perspectivas com a infância nos espaços da escola e do museu: uma experiência	Pesquisas em Foco [Mostra de pesquisas vinculadas ao NUPAE]	Práticas Educativas; Criança/Infância; Experiência	<i>Campus Bom Retiro</i> Univille	Joinville
2024	ARINS, L. B.; PILLOTTO, S. S. D.	Experiências estéticas no contexto da educação básica como propulsora na construção de um sujeito crítico/sensível	Pesquisas em Foco [Mostra de pesquisas vinculadas ao NUPAE]	Experiências Estéticas; Educação Básica; Percursos Narrativos	<i>Campus Bom Retiro</i> Univille	Joinville
2024	FERNANDES, P. R.; PILLOTTO, S. S. D.	Experiências literárias como mobilizadoras de práticas educativas e sensibilidades	Pesquisas em Foco [Mostra de pesquisas vinculadas ao NUPAE]	Experiências literárias; Práticas Educativas; Sensibilidades	<i>Campus Bom Retiro</i> Univille	Joinville
2024	COSTA, A. D.; PILLOTTO, S. S. D.	Práticas educativas e sensibilidades no Ensino Superior em Administração: possibilidades e reverberações	Pesquisas em Foco [Mostra de pesquisas vinculadas ao NUPAE]	Sensibilidades; Administração; Práticas Educativas	<i>Campus Bom Retiro</i> Univille	Joinville
2024	GAVA, D. M.; PILLOTTO, S. S. D.	Educação Estética nas infâncias como mobilizadora de memórias e experiências pedagógicas na constituição humana	Pesquisas em Foco [Mostra de pesquisas vinculadas ao NUPAE]	Educação Estética; Infâncias; Práticas Pedagógicas	<i>Campus Bom Retiro</i> Univille	Joinville
2024	CAMARGO, J. A.; PILLOTTO, S. S. D.	Experiências Estéticas imbricadas nos cursos de Design de Moda para a formação de sujeitos sensíveis	Pesquisas em Foco [Mostra de pesquisas vinculadas ao NUPAE]	Experiências Estéticas; Design de Moda; Formação	<i>Campus Bom Retiro</i> Univille	Joinville
2024	ROHR, K. M.; PILLOTTO, S. S. D.	Educação Estética na Pedagogia: práticas educativas e seus desdobramentos para a docência	Pesquisas em Foco [Mostra de pesquisas vinculadas ao NUPAE]	—	<i>Campus Bom Retiro</i> Univille	Joinville
2024	GAVA, D. M.; PILLOTTO, S. S. D.	Oficinas estéticas nas práticas educativas: professora e crianças em seus percursos narrativos	Pesquisas em Foco [Mostra de pesquisas vinculadas ao NUPAE]	Infâncias; Oficinas Estéticas; Autoria	<i>Campus Bom Retiro</i> Univille	Joinville
2024	JENSEN, L. C. da S.; PILLOTTO, S. S. D.	Experiências sensíveis atravessadas pela literatura em espaços não formais de Educação	Pesquisas em Foco [Mostra de pesquisas vinculadas ao NUPAE]	Adolescência/Juventude; Literatura; Experiências	<i>Campus Bom Retiro</i> Univille	Joinville

2024	LEAL, P. R. C.; PILLOTTO, S. S. D.	Percursos de uma professora andarilha na educação infantil: narrativas (auto)biográficas	Pesquisas em Foco [Mostra de pesquisas vinculadas ao NUPAE]	Narrativas Autobiográficas; Educação Infantil; Experiências Sensíveis	<i>Campus Bom Retiro</i> Univille	Joinville
2024	ROTH, M. M.; PILLOTTO, S. S. D.	As sensibilidades no território da Educação de Jovens e Adultos (EJA) por meio da a/r/tografia	11.ª Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia - SUCST (Joinville)	Sensibilidades; EJA	<i>Campus Bom Retiro</i> Univille	Joinville
2024	GAVA, D. M.; PILLOTTO, S. S. D.	Infâncias e Educação Estética: construindo memórias e experiências pedagógicas na constituição humana	11.ª Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia - SUCST (Joinville)	Infâncias; Educação Estética; Memórias; Experiências Pedagógicas	<i>Campus Bom Retiro</i> Univille	Joinville
2024	ROHR, K. M.; PILLOTTO, S. S. D.	Educação estética na Pedagogia: práticas educativas e seus desdobramentos para a docência	11.ª Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia - SUCST (Joinville)	Educação Estética; Pedagogia; Práticas Educativas; Docência	<i>Campus Bom Retiro</i> Univille	Joinville
2024	COSTA, R. C. F.; PILLOTTO, S. S. D.	Educação Estética e artesanias na formação inicial de pedagogos/professores	11.ª Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia - SUCST (Joinville)	Artesanias; Educação Estética; Formação Inicial; Pedagogia	<i>Campus Bom Retiro</i> Univille	Joinville
2024	LUCRI, A. C.; PILLOTTO, S. S. D.	O desenho infantil como expressão de sentidos: leitura estética e psicológica (DESENHO)	11.ª Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia - SUCST (Joinville)	Leitura Estética e Psicológica; Desenho Infantil; Expressão de Sentidos	<i>Campus Bom Retiro</i> Univille	Joinville
2024	GAVA, D. M.; PILLOTTO, S. S. D.	Infâncias e experiências estéticas: entre fazeres e devires, o passado no presente	V Congresso Ibero-americano de Humanidades, Ciência e Educação	Práticas Educativas; Infâncias; Experiências Estéticas	<i>Campus da UNESC</i>	Criciúma
2024	COSTA, R. C. F.; PILLOTTO, S. S. D.	A Educação Estética e as artesanias na formação inicial do pedagogo/professor	IV Congresso Internacional Conhecimentos Pertinentes para a Educação na América Latina (EDUPALA) / I	Educação Estética; Artesanias; Formação Inicial do Pedagogo; Práticas Educativas	<i>Campus da UNIPLAC</i>	Lages

			Seminário dos Povos Originários			
2024	ROTH, M. M.; PILLOTTO, S. S. D.; STAMM, E.	Proposição estética: modelando as sensibilidades no território da Educação de Jovens e Adultos	IV Congresso Internacional Conhecimentos Pertinentes para a Educação na América Latina (EDUPALA) / I Seminário dos Povos Originários	Proposição Estética; Modelagem Cerâmica; EJA	<i>Campus da UNIPLAC</i>	Lages
2024	ROHR, K. M.; PILLOTTO, S. S. D.; GAVA, D. M.	Educação Estética na Pedagogia: práticas educativas e seus desdobramentos para a docência	IV Congresso Internacional Conhecimentos Pertinentes para a Educação na América Latina (EDUPALA) / I Seminário dos Povos Originários	Práticas Educativas; Educação Estética; Pedagogia	<i>Campus da UNIPLAC</i>	Lages
2024	COSTA, A. D.; PILLOTTO, S. S. D.	Práticas educativas e sensibilidades no Ensino Superior em Administração: possibilidades e reverberações	IV Congresso Internacional Conhecimentos Pertinentes para a Educação na América Latina (EDUPALA) / I Seminário dos Povos Originários	Práticas Educativas; Curso Superior em Administração; Educação Estética	<i>Campus da UNIPLAC</i>	Lages
2024	GAVA, D. M.; PILLOTTO, S. S. D.; ROHR, K. M.	As contribuições da Educação Estética para as infâncias como mobilizadora de memórias e experiências na constituição humana	IV Congresso Internacional Conhecimentos Pertinentes para a Educação na América Latina (EDUPALA) / I Seminário dos Povos Originários	Educação Estética; Infâncias; Constituição Humana	<i>Campus da UNIPLAC</i>	Lages

2024	CUNHA, L. C.; PILLOTTO, S. S. D.	Pluralidade de linguagens na educação infantil: experiências estéticas e sensíveis com a infância	11.ª Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia - SUCST (Joinville)	Infância	Campus Bom Retiro Univille	Joinville
2024	PILLOTTO, S. S. D.	A sensibilidade como mobilizadora nos processos educativos	VIII CLIC – Colóquio das Licenciaturas	—	Campus Bom Retiro Univille	Joinville
2024	PILLOTTO, S. S. D.	Formação: afeto e sensibilização na educação	Formação: afeto e sensibilização na educação	—	Campus Bom Retiro Univille	Joinville
2024	PILLOTTO, S. S. D.; STRAPAZZON, M. A. L.	Educação e Arte	Reunião Regional da ANPEd Sul	—	Online	Porto Alegre
2024	COSTA, R. C. F.; PILLOTTO, S. S. D.	As artesanias e a Educação Estética como intervenção formativa nos cursos de Pedagogia	XV Reunião Regional da ANPEd Sul	Atelier em Artesanias; Educação Estética; Formação Inicial; Pedagogia	Campus da Unisinos	São Leopoldo
2023	PILLOTTO, S. S. D.	Educação Estética nas infâncias	Primeira Parada Pedagógica dos Anos Iniciais	Educação Estética; Infâncias	Secretaria de Educação de Garuva	Garuva
2023	PILLOTTO, S. S. D.	Palestra Sensibilidade e afeto nas práticas educativas	Seminário de Educação de Jovens e Adultos	—	Auditório da ETT Campus Park	Joinville
2023	ROTH, M. M.; PILLOTTO, S. S. D.; STAMM, E.	As sensibilidades no território da Educação de Jovens e Adultos (EJA) por meio da a/r/tografia	29.º Encontro do Proler Univille / 14.º Seminário de Pesquisa em Linguagens, Leitura e Cultura	Sensibilidades; A/r/tografias; Educação de Jovens e Adultos	Campus Bom Retiro Univille	Joinville
2023	VIANA, D. C.; PILLOTTO, S. S. D.	A obra “Banquete” de Xenofonte: experiências de leitura/memórias	29.º Encontro do Proler Univille / 14.º Seminário de Pesquisa em Linguagens, Leitura e Cultura	Corpo/Movimento; Leitura/Filosófica; Memória; Xenofonte	Campus Bom Retiro Univille	Joinville
2023	PILLOTTO, S. S. D.; STRAPAZZON, M. A. L.; STAMM, E.; ROTH, E. M.	Proposição estética no território da Pedagogia: uma educação pelo sensível	II Simpósio Internacional Formação Docente com e em Artes/Culturas	Proposição Estética	Campus Universidade Presbiteriana Mackenzie SP	São Paulo
2023	PILLOTTO, S. S. D.	A sensibilidade como mobilizadora dos processos educativos	Formação continuada 2023/2 – EAD Uniasselvi	Sensibilidades; Processos Educativos	EAD Uniasselvi	Blumenau

2023	PILLOTTO, S. S. D.	Ensino das Artes Visuais na atualidade	Palestra Ensino das Artes Visuais na Atualidade	—	Videoconferência Programa de Pós-graduação em Artes Visuais	Florianópolis
2023	PILLOTTO, S. S. D.; SILVA, N. L. R.; GRAFEFE, A.	Experiências estéticas na Pedagogia: um olhar para imagens em movimento	III Congresso Internacional: Educação, Arte, Cultura e Comunicação	Proposição Estética; Pedagogia; Formação Inicial	<i>Campus</i> Bom Retiro Univille – Teams	Joinville
2023	SILVA, N. L. R.; GRAGEFE, A.; WIGGERS, L.; PILLOTTO, S. S. D.	Experiências Estéticas na Pedagogia: captura de imagens fixas e em movimento	10. ^a Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia – SUCST (Joinville)	Experiências Estéticas; Pedagogia	<i>Campus</i> Bom Retiro Univille	Joinville
2023	COSTA, R. C. F.; ROTH, M. M.; STAMM, E.; STRAPAZZON, M. A. L.; LEAL, P. R. C.; ARCARI, L. R. L.; PILLOTTO, S. S. D.	As experiências sensíveis com a arte e cultura na formação em Pedagogia	10. ^a Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia – SUCST (Joinville)	Experiências; Formação Estética; Pedagogia	<i>Campus</i> Bom Retiro Univille	Joinville
2023	PILLOTTO, S. S. D.; FERNANDES, P. R.; ARINS, L. B.	Formação inicial em Pedagogia: processos de criação e teias de relações	III Congresso Internacional: Educação, Arte, Cultura e Comunicação	—	<i>Campus</i> Bom Retiro Univille – Teams	Joinville
2023	FONSECA, E. P.; PILLOTTO, S. S. D.	Arte/corpo/cidade: olhar estético para a Arquitetura e Urbanismo	10. ^a Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia – SUCST (Joinville)	Olhar Estético; Arquitetura e Urbanismo; Cidade	<i>Campus</i> Bom Retiro Univille	Joinville
2023	NOVAIS, J. C. R. P.; PILLOTTO, S. S. D.	A dimensão estética como mobilizadora no trabalho do Direito	10. ^a Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia – SUCST (Joinville)	Dimensão Estética; Direito; Trabalho	<i>Campus</i> Bom Retiro Univille	Joinville
2023	LEANDRO, S. J.; PILLOTTO, S. S. D.	Educação infantil (entre)laçada às experiências estéticas, narrativas e práticas educativas	10. ^a Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia – SUCST (Joinville)	Práticas Educativas; Documentação Pedagógica; Experiência Estética	<i>Campus</i> Bom Retiro Univille	Joinville

2023	FERNANDES, P. R.; PILLOTTO, S. S. D.	Fragilidades docentes e sensibilidade literária: uma experiência de acolhida para a retomada das práticas educativas	10. ^a Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia – SUCST (Joinville)	Práticas Educativas; Sensibilidade Literária; Docência	<i>Campus Bom Retiro</i> Univille	Joinville
2023	MONTES, T.; MENDES, F. L.; PILLOTTO, S. S. D.	O corpo no campo da experiência estética	10. ^a Semana Univille de Ciência, Sociedade e Tecnologia – SUCST (Joinville)	Experiência Estética; Corpo; Práticas Educativas	<i>Campus Bom Retiro</i> Univille	Joinville
2023	PILLOTTO, S. S. D.; STRAPAZZON, M. A. L.; ROTH, M. M.; COSTA, R. C. F.	Experiência estética na formação inicial dos cursos de Pedagogia	VI ENIPAC – Encontro Internacional Interdisciplinar em Patrimônio Cultural	Experiência Estética; Formação Inicial; Pedagogia	<i>Campus Bom Retiro</i> Univille – Teams	Joinville
2023	PILLOTTO, S. S. D.	Sensibilidade e afeto nas práticas educativas	Seminário de Educação de Jovens e Adultos	—	ETT Campus Park	Joinville
2023	PILLOTTO, S. S. D.; STRAPAZZON, M. A. L.	Lançamento do livro <i>Educação estética: a pesquisa/experiência nos territórios das sensibilidades</i> – volumes 1 e 2	3. ^a edição da Feira do Livro da Editora Univille	—	Biblioteca UNIVILLE	Joinville
2023	PILLOTTO, S. S. D.; STRAPAZZON, M. A. L.	A (cri)ação formativa nos cursos de Pedagogia: diálogos (entre)laçados	VII Congresso de Linguagem, Identidade, Sociedade – Estudos Sobre a Mídia	—	<i>Campus Mackenzie</i>	São Paulo
2023	PILLOTTO, S. S. D.; STRAPAZZON, M. A. L.	Educação e memória: experiência estética na formação inicial dos cursos de Pedagogia	II Simpósio Internacional dos Programas de Pós-Graduação em Educação do Sistema ACAFE – SIPPE ACAFE	—	UNIVALI	Itajaí
2023	PILLOTTO, S. S. D.	Narrativas (auto)biográficas e seus imbricamentos com a educação	II Seminário Narrativas (Auto)biográficas e seus Imbricamentos com a Educação	—	<i>Campus Bom Retiro</i> Univille	Joinville
2022	STAMM, E.; PILLOTTO, S. S. D.	A Educação Estética nas infâncias!	11. ^a Semana Nacional de Educação Infantil – “A arte de ser criança: expressões da infância”	Infâncias; Educação Estética	Teatro Juarez Machado	Joinville

2022	COSTA, R. C. F.; PILLOTTO, S. S. D.	Artografia – uma proposta sensível para a formação em Pedagogia	13.º Seminário de Pesquisas em Linguagens, Leitura e Cultura – UNIVILLE	—	Campus Bom Retiro Univille	Joinville
2022	PILLOTTO, S. S. D.	Educação e afeto: as sensibilidades na ação pedagógica	Participação na disciplina Tópicos Especiais em Linguagem, Cultura e Processos Formativos – Arte e Pedagogia: Docência e Pesquisa (PPGE/UFF)	—	Online	Niterói
2021	CAMARGO, J. A.; PILLOTTO, S. S. D.; GOMES, A. H.	A formação de sujeitos sensíveis e suas experiências estéticas nos cursos de Moda/Design	XVIII Simpósio Integrado FURB/UNIVILLE/UNIVALI	Formação; Sujeitos Sensíveis; Experiência Estética; Design de Moda	UNIVILLE	Joinville
2021	SILVA, A. G.; PILLOTTO, S. S. D.; RAUSCH, R. B.	Experiências estéticas nos percursos formativos da dança/educação: uma imersão (auto)biográfica/narrativa	XVIII Simpósio Integrado FURB/UNIVILLE/UNIVALI	Experiência Estética; Percursos Formativos; Dança/Educação; Método (Auto)biográfico	UNIVILLE	Joinville
2021	LAUMANN, E.; PILLOTTO, S. S. D.; GARCIA, B. R. Z.	A formação dos sujeitos inconclusos e a contribuição da educação não formal	XVIII Simpósio Integrado FURB/UNIVILLE/UNIVALI	Formação; Sujeitos Inconclusos; Educação Não Formal	UNIVILLE	Joinville
2021	CUNHA, L. C.; LEAL, P. R. C.; PILLOTTO, S. S. D.	(Re)inventando com a infância: uma experiência com o livro de narrativa visual	IV Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação: Desafios Contemporâneos das Sociedades Ibero-Americanas	Infâncias; Livro de Narrativas; Livro Visual; Experiência Estética	UNESC	Criciúma
2021	GAVA, D. M.; PILLOTTO, S. S. D.	Narrativas na infância e seus desdobramentos numa educação pelo sensível	IV Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação: Desafios Contemporâneos das Sociedades Ibero-Americanas	Infâncias; Narrativas Autobiográficas; Educação Estética	UNESC	Criciúma

2021	PILLOTTO, S. S. D.; LAUMANN, E.; SILVA, A. G.	(Entre)laçando experiências estéticas e educação não formal: imbricamentos para a constituição docente	8.ª Semana UNIVILLE de Ciência, Sociedade e Tecnologia	Experiência Estética; Educação Não Formal; Constituição Docente	UNIVILLE	Joinville
2021	PILLOTTO, S. S. D.; SILVA, M. V.; COSTA, R. C. F.	A criação midiática para o Canal (In)Completo: a experiência que constitui um pesquisar	8.ª Semana UNIVILLE de Ciência, Sociedade e Tecnologia	Criação Midiática; Pesquisa; Experiência; Canal (In)Completo	UNIVILLE	Joinville
2021	PILLOTTO, S. S. D.; OLIVEIRA, G. E. S.; COSTA, R. C. F.	Canal (In)Completo: experiências e diálogos nas redes sociais	8.ª Semana UNIVILLE de Ciência, Sociedade e Tecnologia	Experiência; Redes Sociais; Diálogos; Canal (In)Completo	UNIVILLE	Joinville
2021	PINTO, A. P. S.; PILLOTTO, S. S. D.; MUNHOZ, E. M. B.	Educação nas infâncias: a natureza como modo de sensibilidade	XV Congresso Nacional de Educação – EDUCERE	Educação Estética; infâncias; Natureza; Práticas Educativas; Narrativas	PUC Curitiba	Curitiba
2021	PILLOTTO, S. S. D.	Abertura da conferência No chão da escola: por uma infância que voa	Encontro No chão da escola: por uma infância que voa	—	Teams	Joinville
2021	PILLOTTO, S. S. D.	Curadoria educativa	Palestra: Curadoria Educativa, disciplina Ação Educativa em Espaços Culturais (Prof. Elaine Schmidlin)	—	Teams/UDESC	Florianópolis
2021	PILLOTTO, S. S. D.	Educação e afeto: as sensibilidades na ação pedagógica	Palestra Educação e afeto: as sensibilidades na ação pedagógica	—	Universidade Federal Fluminense – Teams	Niterói
2020	PILLOTTO, S. S. D.; GAVA, D. M.	Educação pelo sensível: narrativas infantis imbricadas em oficinas estéticas	11.º Seminário de Pesquisas em Linguagens, Leitura e Cultura – Proler	Sensibilidade; Educação; Infâncias; Pesquisa Narrativa; Autobiografia	Teams Univille	Joinville
2020	COSTA, R. C. F.; MORAES, T. M. R.; PILLOTTO, S. S. D.	Tramas de memórias, tempos e experiências nas artesanias de um panô têtil	11.º Seminário de Pesquisas em Linguagens, Leitura e Cultura – Proler	Memória; Artesanias; Narrativas; Tempos; Experiência	Teams Univille	Joinville
2020	PILLOTTO, S. S. D.	Arte na Educação Infantil	Abertura da disciplina Arte na Educação Infantil – EIXO de Conhecimento 02: Repertório para arte & vida	Arte; Educação; Infância	UNESPAR-web	Curitiba

2020	PILLOTTO, S. S. D.; CAMARGO, J. A.; GOMES, A. H.	Experiências estéticas nas práticas educativas de moda imbricadas no ser profissional hoje	Encontro dos GTs do Colóquio de Moda	Experiência Estética; Práticas Educativas; Moda	Modalidade virtual	Modalidade virtual
2020	PILLOTTO, S. S. D.; GOMES, A. H.; CAMARGO, J. A.	Experiências estéticas nas práticas educativas de moda imbricadas no ser profissional hoje	Encontro do GTs do Encontro de Moda	Experiência Estética; Moda; Práticas Educativas; Profissão Docente	Modalidade virtual	Modalidade virtual
2020	PILLOTTO, S. S. D.; SILVA, A. G.	Dança/Educação: o corpo expresso em sensibilidades	11.º Seminário de Pesquisa em Linguagens, Leitura e Cultura	Arte - Educação; Corpo; Sensibilidades	UNIVILLE	Joinville
2020	CUNHA, L. C.; LAUMANN, E.; PILLOTTO, S. S. D.	(Entre)laços virtuais: um olhar sensível para o <i>blog</i> como ferramenta de pesquisa	VII Fórum Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão	Virtualidade; Olhar Sensível; Pesquisa; <i>Blog</i>	UNIFEFE	Brusque
2020	PILLOTTO, S. S. D.; CAMARGO, J. A.	Experiências estéticas nas práticas educativas de moda imbricadas no ser profissional hoje	I Encontro de Educação: Teoria e Prática em Moda	Experiência Estética; Moda; Design de Moda; Educação	Modalidade Virtual	Modalidade virtual